



# Geografia geral



# Geografia geral

Fernanda Lodi Trevisan

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

**Presidente**

Rodrigo Galindo

**Vice-Presidente Acadêmico de Graduação**

Mário Ghio Júnior

**Conselho Acadêmico**

Alberto S. Santana

Ana Lucia Jankovic Barduchi

Camila Cardoso Rotella

Cristiane Lisandra Danna

Danielly Nunes Andrade Noé

Emanuel Santana

Grasiele Aparecida Lourenço

Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Paulo Heraldo Costa do Valle

Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

**Revisão Técnica**

Daniela Resende de Faria

**Editorial**

Adilson Braga Fontes

André Augusto de Andrade Ramos

Cristiane Lisandra Danna

Diogo Ribeiro Garcia

Emanuel Santana

Erick Silva Griep

Lidiane Cristina Vivaldini Olo

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Trevisan, Fernanda Lodi  
T814g Geografia geral / Fernanda Lodi Trevisan. – Londrina :  
Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.  
200 p.

ISBN 978-85-522-0254-7

1. Geografia. I. Título.

CDD 910

---

2017

Editora e Distribuidora Educacional S.A.  
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza  
CEP: 86041-100 – Londrina – PR  
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br  
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

# Sumário

<b>Unidade 1   Europa</b>	<b>7</b>
Seção 1.1 - Características gerais	9
Seção 1.2 - Desenvolvimento económico	24
Seção 1.3 - Conflitos geopolíticos	40
<b>Unidade 2   América</b>	<b>55</b>
Seção 2.1 - América Latina I	57
Seção 2.2 - América Latina II	72
Seção 2.3 - América Anglo-saxónica	88
<b>Unidade 3   África e Oriente Médio</b>	<b>105</b>
Seção 3.1 - África I	107
Seção 3.2 - África II	121
Seção 3.3 - Oriente Médio	137
<b>Unidade 4   Ásia, Oceania e Antártida</b>	<b>155</b>
Seção 4.1 - Sul e Sudeste Asiático	157
Seção 4.2 - China e Japão	171
Seção 4.3 - Oceania e Antártida	185



# Palavras do autor

Caro aluno, bem-vindo ao curso de *Geografia Geral!*

Por que estudar Geografia? A Geografia tem um potencial emancipatório e um importante papel na formação de cidadãos. O seu estudo nos permite conhecer e compreender o mundo, seus fenômenos e processos naturais e sociais e relacioná-los ao nosso cotidiano. Conhecer a realidade é o primeiro passo para realizar as inferências e interferências necessárias para transformá-la. Se a Geografia serve para fazer a guerra (LACOSTE, 1989), ela pode servir também para promover a paz em diversos sentidos.

O curso de Geografia Geral pretende apresentar um panorama da organização espacial dos seis continentes, isto é, a relação entre a sociedade e o espaço nos quatro cantos do mundo. Qual a configuração do meio natural e como ela pode influenciar na organização do espaço das sociedades? Quais fatores podem explicar o desenvolvimento ou subdesenvolvimento dos países? Como os países estão inseridos na nova ordem mundial? Essas são algumas das questões que buscamos responder ao longo do curso. Tais reflexões são fundamentais para todos os alunos, sejam eles da graduação ou da educação básica, a fim de situá-los no tempo e no espaço presente.

Para isso, o curso foi dividido em quatro unidades. Cada unidade enfoca os aspectos da organização espacial que mais se destacam nos continentes, sejam eles relativos ao meio físico, à economia, à sociedade ou à geopolítica. Começamos nosso estudo abordando a Europa, o “velho continente”, na Unidade 1. Da Europa, partimos para o “novo continente” e nos atemos ao estudo da América, na Unidade 2. Na Unidade 3, voltamos nosso olhar para a África e para uma porção especial da Ásia, o Oriente Médio. Na Unidade 4, finalizamos o curso de Geografia Geral com o estudo da Ásia, da Oceania e da Antártida.

Além de conhecer a organização espacial de diferentes sociedades, esse curso traz a oportunidade de trabalharmos a habilidade de leitura e interpretação de gráficos e tabelas, que se apresentam como valiosas fontes de dados e informações. Já a leitura e a interpretação dos mapas são habilidades inerentes ao processo de alfabetização cartográfica e importantíssimas ferramentas para a compreensão dos

fenômenos espaciais. Acreditamos que o curso Geografia Geral trará contribuições positivas para a sua formação profissional e pessoal. Seguimos em frente.

## Europa

### Convite ao estudo

Pronto para iniciar nossos estudos?

Começamos o curso de Geografia Geral pelo o estudo da Europa. A primeira seção apresenta as principais características físicas do continente europeu, tais como as paisagens climatobotânicas, o relevo e a hidrografia. Devemos compreender a organização espacial da sociedade europeia a partir das limitações e potencialidades de seu meio físico. A segunda seção trata da sua atividade econômica e apresenta os principais fatores – históricos e geográficos – responsáveis pelo desenvolvimento econômico dos países. Essa seção não poderia deixar de abordar a União Europeia, o bloco econômico com o maior nível de integração entre os países. A terceira seção conclui com os principais conflitos geopolíticos que se desenvolveram em um passado recente e aqueles que ainda ameaçam a estabilidade das fronteiras do continente. Aqui também é importante considerar os fluxos migratórios e o fortalecimento dos grupos xenofóbicos, que são temas do produto desta unidade, que prevê a realização de um relatório de pesquisa.

Para iniciarmos nossos estudos desta unidade, vamos pensar sobre a situação de Camila. Ela é uma paulistana de 22 anos que assistiu, com a sua mãe, a um documentário sobre a Bélgica, em uma sexta-feira à noite, e ficou muito interessada em conhecer o país. Como a ela não dispunha de dinheiro suficiente para fazer uma viagem transatlântica, pensou que o jeito seria fazer um tour virtual. Foi para seu quarto, ligou o computador e, num site de mapas e imagens de satélite, digitou o nome da primeira cidade que gostaria de conhecer: Bruges, no nordeste da Bélgica, mais

precisamente na província de Flandres. Camila localizou o centro dessa cidade e com o recurso das fotografias, pode alterar sua visão da vertical para a horizontal (paisagem). Bruges é uma cidade medieval e seu centro histórico foi reconhecido pela Unesco, em 2000, como Patrimônio da Humanidade. Suas paisagens são bastante diferentes das que Camila está acostumada no Brasil. Em sua viagem virtual, ela notou alguns detalhes que chamaram sua atenção: o primeiro deles é que a cidade é cortada por diversos rios (canais). Os rios são estreitos e de tempos em tempos são cortados por pequenas pontes, que permitem o fluxo terrestre na cidade, dando passagem tanto aos pedestres quanto aos automóveis. Camila continuou sua viagem virtual contornando os canais de Bruges e notou, com curiosidade, que eles eram utilizados por barqueiros, no transporte de pessoas. Logo pensou nos rios que cortam a sua cidade e não pôde deixar de se espantar com a diferença, já que os rios de São Paulo estão extremamente poluídos e representam para os moradores da cidade, nada menos que uma ameaça em tempos de chuva. Ela reparou que o inverno era bastante rigoroso em Bruges, a neve se acumulava nos telhados dos edifícios, as árvores perdiam suas folhas e os galhos ficavam cobertos de gelo. As pessoas se agasalhavam apropriadamente para sair à rua e enfrentar o frio rigoroso. No centro, as ruas eram estreitas, davam passagem a um ou no máximo dois automóveis, e havia diversas pessoas se locomovendo com bicicletas. Ainda no centro histórico, Camila notou como as construções eram diferentes: os prédios baixos, de até quatro andares, “colados” uns aos outros, e com aparência bastante antiga. Quanta história deve guardar essa cidade, pensou Camila. Quanta água já deve ter passado por essas pontes!

# Seção 1.1

## Características gerais

### Diálogo aberto

Camila ficou interessada em conhecer a Bélgica após assistir a um programa de televisão sobre o país. Em sua casa, ela fez um tour virtual pela cidade de Bruges, que fica no litoral nordeste da Bélgica.

Nesse tour virtual, Camila constatou que as paisagens vistas em Bruges eram bastante diferentes das que ela estava acostumada em seu dia a dia. Animada com essas paisagens, voltou à sala onde sua mãe costurava as barras da calça de uniforme de seu irmão menor, e contou-lhe sobre seu tour virtual e sobre os pontos que chamaram sua atenção na cidade de Bruges. Camila sabe que os fatores naturais podem influenciar o modo como as sociedades vivem e organizam seus espaços. Ela então propôs que economizassem, juntas, ao longo do ano, para que futuramente viajassem para conhecer Bruges. No entanto, a mãe de Camila não pareceu convencida de imediato. Por isso, a filha precisaria de estratégias para mostrar a ela que essa seria uma experiência de vida interessante. Pensando nas diferenças paisagísticas climato-botânicas e na organização espacial de Bruges, como Camila poderia utilizar esses elementos para estimular a curiosidade da mãe em fazer uma viagem para um lugar tão diferente do seu cotidiano?

### Não pode faltar

#### 1.1 Sociedade e espaço

Neste início de século XXI, a população mundial já ultrapassa os sete bilhões e está distribuída pelos seis continentes e – influenciando e sendo influenciada pelo meio natural – constitui diferentes sociedades e sistemas políticos e econômicos. É nesse sentido que Santos (1988, p. 50) aponta que “os grupos humanos têm o poder de modificar a ação das forças naturais”, mas “a natureza ainda obriga esses grupos a adaptações, ou impõem resultados diversos a ações semelhantes”.

De acordo com Corrêa (2000, p. 52), “o objeto de estudo da Geografia é a sociedade, e não a paisagem, a região, o espaço ou outra

coisa qualquer". Entretanto, a Geografia tem um enfoque especial que a diferencia de outras disciplinas que também estudam a sociedade: a Geografia estuda a sociedade por meio de sua organização espacial, ou seja, pela forma como as sociedades organizam e reorganizam seus espaços e criam as cidades, os campos agrícolas, os portos e aeroportos, as áreas naturais protegidas, as áreas de exploração mineral, entre outras. Assim, cabe à Geografia entender a sociedade e as transformações que ela opera no espaço, organizando-o e reorganizando-o.

A organização espacial é a sociedade materializada no espaço (CORRÊA, 2000). São sinônimos de organização espacial: a configuração espacial, o espaço geográfico e o arranjo espacial, por exemplo.

Qual a importância de se estudar a organização espacial das sociedades? Segundo Corrêa (2000, p. 55).

Dessa forma, o entendimento do presente e o planejamento do futuro devem estar relacionados com os estudos geográficos. Estudar a



**a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)**

organização espacial implica estudar tanto o meio físico, ou seja, a base material sobre a qual as sociedades estão assentadas e atuando, quanto os objetos criados pelas sociedades e materializados no espaço.

Aristóteles observou que "o que não está em nenhum lugar não existe" (GOTTMANN, 2012, p. 526). Pode parecer óbvia a afirmação de que nenhuma sociedade pode existir fora de um espaço, mas ela é também reveladora: é no espaço que se encontram as respostas para as questões propostas pela Geografia.

Portanto, ressaltamos a importância do estudo da Geografia para conhecer e compreender os aspectos importantes da organização espacial das sociedades nos diferentes continentes. Começamos com o estudo do continente europeu (Figura 1.1). A Europa ocupa cerca de 10 milhões de km<sup>2</sup> e está fragmentada em 51 países, onde aproximadamente 110 línguas são faladas. Apesar de estar fisicamente conectado ao continente asiático, formando a Eurásia, as diferenças culturais são marcantes entre eles e, por isso, são estudados separadamente.

Figura 1.1 | O continente europeu



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=35593022>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

## 1.2 As paisagens naturais e o quadro físico: clima e vegetação

Para a Geografia, o meio físico pode condicionar, influenciar ou até mesmo limitar as possibilidades de uma sociedade, mas não determiná-las. A espécie humana é aquela com a maior capacidade de adaptação do planeta. Está presente em todos os continentes e estabelece com o meio natural uma relação de dominação e subordinação. Desta forma, o quadro físico tem relação estreita com a forma como as sociedades pensam, planejam e organizam seu espaço.



### Assimile

O determinismo geográfico foi uma teoria desenvolvida no século XX e teve por base os estudos geográficos desenvolvidos por Friedrich Ratzel (1844-1904). Tal teoria anunciava que o homem era produto do meio em que habitava, ou seja, que as características físicas dos lugares determinavam as características físicas, psicológicas e sociais de um povo. O determinismo geográfico foi utilizado para explicar e legitimar o colonialismo e a exploração de territórios de povos considerados, pelos europeus, como “selvagens”.

O continente europeu está localizado na Zona Climática Temperada do Norte, e seu posicionamento é um fator fundamental para a definição dos tipos climáticos. Duas características principais vão distinguir a Zona Temperada: temperaturas mais baixas que a Zona Tropical e estações bem definidas, isso é, com características que as singularizam. Outros fatores do clima são a maritimidade, a continentalidade, o relevo e as massas de ar.



### Refleta

Apontamos no texto que a latitude é um importante fator do clima, mas existem outros, tais como o relevo, as massas de ar, a maritimidade e a continentalidade. Sabemos que o relevo é fundamental para a definição do tipo climático de um local. Por exemplo, o relevo baixo, formado por planícies, viabiliza a circulação mais fácil das massas de ar. Por outro lado, o relevo formado por altas montanhas pode barrar ou dificultar a circulação das massas de ar, e ainda, em função da altitude, ocasionar um clima frio de montanha, por exemplo. Isso ocorre devido à rarefação do ar e porque os locais são aquecidos pelo mecanismo do aquecimento basal, isto é, a partir do contato com a superfície terrestre. Como cada um desses fatores pode interferir no clima, por exemplo, qual a relação da maritimidade com o clima de um lugar? Por que isso ocorre?

O clima influencia diretamente a vegetação e, por isso, existe uma certa correspondência entre os tipos climáticos e as formações vegetais. Assim, podemos chamar as paisagens de climato-botânicas. O clima subpolar e o clima frio de montanha são caracterizados pelos invernos rigorosos, em geral, com temperaturas inferiores a  $-10^{\circ}\text{C}$ . No verão as temperaturas médias não ultrapassam os  $15^{\circ}\text{C}$ . A vegetação predominante em tais regiões é a tundra, caracterizada pelo florescimento de gramíneas, musgos e líquens, quando ocorre o degelo.

O clima temperado frio também é marcado pelos invernos rigorosos, ocorre ao sul do clima subpolar, mas a vegetação predominante é a floresta de coníferas, também conhecida por taiga.

Já o clima temperado continental, que domina a maior parte do continente europeu, ocorre em sua região central e interior. Ele é caracterizado pelos efeitos da continentalidade e pela presença de vegetação mista, formada tanto pela taiga quanto por florestas temperadas decíduas, também chamadas de caducifólias, uma vez que perdem suas folhas no outono e inverno.

O clima temperado oceânico sofre os efeitos da maritimidade. Trata-se da influência da corrente do Golfo, responsável por causar chuvas distribuídas ao longo do ano e tornar os invernos menos rigorosos do que o inverno do clima temperado continental. Sua área de ocorrência é a porção centro-norte da Europa Ocidental. A vegetação predominante nessa área são as florestas decíduas.

O clima mediterrâneo é marcado por invernos amenos e chuvosos e verões quentes e secos, devido à influência das massas de ar provenientes do deserto do Saara. Ocorre na porção sul do continente, na região próxima ao Mar Mediterrâneo. A vegetação predominante é chamada de mediterrânea e formada por arbustos, garrigues e maquis.



## Vocabulário

**Maquis:** também conhecida como chaparral, é uma formação vegetal densa composta por arbustos. O loureiro é uma árvore típica dos maquis.

**Garrigues:** formação vegetal arbustiva menos densa que os maquis. São exemplos o alecrim, a lavanda e a alfazema.

O clima semiárido possui precipitações inferiores a 25 mm/mês e há grande amplitude térmica entre as estações, verões quentes, com temperaturas médias de 25 °C, e invernos frios, com média de 5 °C. Tal clima ocorre nas porções sul da Europa Oriental, próximas ao Mar Negro e Cáspio. O clima semiárido está associado à ocorrência de estepes, isso é, herbáceas adaptadas às secas prolongadas.

### 1.3 As paisagens naturais e o quadro físico: relevo e hidrografia

O relevo do continente europeu é bastante variado, composto por planícies, planaltos e diversos maciços montanhosos. Observe a Figura 1.2.

Figura 1.2 | Relevo do continente europeu



Fonte: <<https://goo.gl/LjuFyZ>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Planícies	Planaltos e Montanhas Velhas	Dobramentos Modernos
1- Sueca 2- Países Baixos 3- Germano-Polonesa 4- Russa 5- Cáspio	6 – Meseta Espanhola 7 – Montes Urais 8 – Alpes Escandinavos 9 – Montes Peninos 10 – Highlands 11 – Maciço da Boémia 12 – Maciço Central	13 – Pirineus 14 – Alpes 15 – Apeninos 16 – Alpes Dináricos 17 – Balcãs 18 – Cárpatos 19 – Cáucaso

O relevo europeu é marcado pelo predomínio das planícies sedimentares, que dificilmente ultrapassam os 500 metros de altitude. Tais planícies estão localizadas predominantemente ao norte do continente. Elas têm início na região de Flandres (norte da França e da Bélgica), ampliam-se ao norte da Alemanha, ocupando boa parte dos países do nordeste europeu, como os do Báltico, a Ucrânia, até os Montes Urais, na Rússia. Tais planícies foram formadas em bacias sedimentares afetadas pelas glaciações do Quaternário. É uma porção do território europeu bastante ocupada e utilizada, principalmente para a agricultura, com o cultivo de grãos. São exemplos a Bacia de Londres, a Bacia Parisiense, a Planície Germano-Polonesa e a Planície Russa.

Os planaltos e as montanhas ocupam as porções mais ao sul do continente europeu. Os planaltos e montanhas médias possuem elevações de 500 a 1500 metros. Consistem em relevos antigos e desgastados pela erosão das chuvas e geleiras pretéritas. Tais formas de relevo são caracterizadas por possuírem topos arredondados e baixos, se comparadas às altas montanhas. Os Montes Urais, o Maciço Escandinavo, o Maciço da Boêmia, o Maciço Central e a Cordilheira Central Espanhola são exemplos de montanhas médias. Já a Meseta Espanhola e o Planalto Central Russo são exemplos de planaltos.

As altas montanhas possuem mais de 1500 metros de altura e são caracterizadas por cadeias montanhosas muito acidentadas. Foram formadas em regiões de dobramentos modernos e, portanto, são áreas sujeitas à atividade sísmica, isso é, terremotos e vulcanismo. Os Pirineus, os Alpes, os Apeninos e o Cáucaso são exemplos de altas montanhas.

Os recursos hídricos são importantes para a população de todos os continentes. Além de abastecimento urbano, irrigação agrícola, geração de energia elétrica, os rios ainda podem ser utilizados como vias de transporte de mercadorias e pessoas.

Os rios europeus, de forma geral, são pequenos e bem distribuídos por todo o território. Isso se deve também à grande umidade proveniente do Oceano Atlântico, trazida pelos ventos de oeste, o que os alimenta, com as chuvas. As altas montanhas funcionam como dispersores de água, pois alguns rios nascem próximo a elas – em função do degelo – e correm em direção às planícies.

Os rios mais importantes são o Danúbio, o Reno e o Volga. O rio Danúbio é o segundo maior rio em extensão do continente, e é fundamental do ponto de vista geopolítico pelo fato de cruzar dez países (Alemanha, Áustria, Eslováquia, Hungria, Croácia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Moldávia e Ucrânia), antes de desaguar no Mar Negro. O Danúbio compõe uma das principais vias de transporte de mercadorias por navegação da Europa. Conectado com os rios Reno e Meno, o rio Danúbio permite a ligação do Mar do Norte com o Mar Negro.

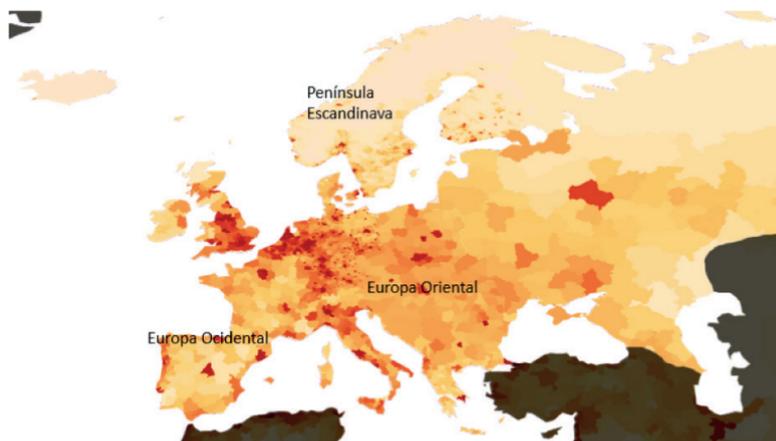
O rio Reno nasce nos Alpes suíços e corre em direção à França e à Alemanha, onde faz a separação entre os dois países. Ele possui tráfego intenso e é considerado a via navegável mais importante do mundo, pois conecta cidades comerciais e industriais. O rio Volga

é o maior do continente, nasce na planície russa e desagua no mar Cáspio. É navegável em quase toda extensão graças às transformações empreendidas pelos russos, que realizaram o seu alargamento e desassoreamento.

#### 1.4 População e qualidade de vida

No ano de 2015, a população absoluta europeia era de aproximadamente 738 milhões de habitantes (ONU, 2015). A densidade média é alta: em média são 100 habitantes por km<sup>2</sup>, o que representa o dobro da média mundial. Há países, como a Holanda, em que a densidade média pode ultrapassar os 400 habitantes por km<sup>2</sup>. A Figura 1.3 retrata a distribuição populacional europeia. Observe as diferenças entre a Europa Ocidental e Oriental, Europa insular e continental. Observe a península escandinava.

Figura 1.3 | Distribuição populacional na Europa



Fonte: adaptada de <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/02/Population\\_density\\_Europe.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/02/Population_density_Europe.png)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Note que há uma distribuição irregular da população: existe uma grande concentração nas capitais e, em especial, em uma grande área que se estende da Grã-Bretanha até a Itália, ao longo do litoral do Mar do Norte, acompanhando alguns rios. Por outro lado, a densidade populacional é baixa no extremo norte da Europa (como é o caso da península Escandinava, onde se localizam, por exemplo, a Finlândia e a Noruega), em função do clima subpolar, e das altas montanhas.

O crescimento vegetativo está relacionado com o desenvolvimento econômico e social dos países. A Revolução Industrial e a consequente urbanização permitiram a melhoria do padrão de vida, do saneamento básico, da assistência médica, facilitaram a divulgação de informações sobre os métodos contraceptivos e ampliaram as vagas de trabalho para as mulheres. Todos esses fatores combinados, ao longo do tempo, contribuíram para a redução das taxas de fecundidade, isso é, o número de filhos por mulher. Dessa forma, muitos países europeus apresentam taxas de crescimento natural negativas, ou seja, morrem mais pessoas do que nascem. Pode ocorrer também taxas de crescimento populacional inferiores à taxa de reposição da população, isso é, iguais ou inferiores a dois filhos por mulher.



### Pesquise mais

PARLAMENTO EUROPEU. **Défice demográfico na UE:** o que vamos fazer?

Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?language=pt&type=IM-PRESS&reference=20080414FCS26499>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

O site do Parlamento Europeu disponibiliza uma série de artigos sobre as tendências demográficas no continente europeu e especula sobre o futuro populacional do continente e a necessidade de receberem imigrantes para promover a reposição dos trabalhadores.

Os desenvolvimentos econômico e o científico também causaram impacto na expectativa de vida dos países europeus, no pós-segunda guerra. A expectativa de vida média europeia passou de 69 anos em 1980 para 74 anos em 2008 para os homens; e para as mulheres, passou de 75 anos para 80 anos no mesmo período (ADVEEV et. al., 2011), veja as informações do Quadro 1.1.

Quadro 1.1 | Evolução da expectativa de vida em países europeus

Países	1980		1990		2000		2008	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Belarus	65,9	75,5	66,3	75,6	63,4	74,6	64,7	76,5
Bulgária	68,4	73,8	68,0	74,7	68,4	75,1	69,5	76,6
Estônia	64,2	74,2	64,7	74,9	65,6	76,4	68,6	79,2
França	70,2	78,4	72,7	81,0	75,3	82,8	77,6	84,4
Hungria	65,5	72,7	65,2	73,7	67,1	75,6	69,8	77,8
Itália	70,7	77,4	73,6	80,1	76,5	82,5	78,6	84,0
Islândia	73,8	80,3	75,7	81,1	78,0	81,4	80,0	83,3
Polônia	66,0	74,4	66,2	75,2	69,7	78,0	71,3	80,0
Suécia	72,8	78,9	74,8	80,4	77,4	82,0	79,1	83,2

Fonte: <<https://www.ined.fr/fr/publications/conjoncture-demographique/populations-et-tendances-demographiques-des-pays-europeens-1980-2010/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

Os países com as mais altas taxas de expectativa de vida são Islândia, Suécia, Itália e Espanha. Isso significa que a população desses países está envelhecendo, ou seja, a cada ano aumenta a porcentagem de idosos no total da população. Por exemplo, em 2010, os idosos já representavam mais de 10% da população da Alemanha, da Itália e da Finlândia. O envelhecimento populacional implica diversas consequências para os países, como o desequilíbrio na previdência social, a necessidade de investimentos em um sistema de saúde voltado para o atendimento desse público, atividades esportivas e de lazer para o entretenimento, adaptação das construções, entre outros. Destaca-se no Quadro 1.1 a desigualdade quanto à expectativa de vida nos países da Europa Ocidental e Oriental.

## 1.5 Desenvolvimento econômico e urbanização

Como vimos anteriormente, a Europa é um continente populoso, povoado e bastante urbanizado. Sua taxa de urbanização média é de 75%, enquanto a taxa de urbanização mundial é um pouco superior a 50%. Claro que existem disparidades no seu interior, por exemplo, Malta, que tem taxa de urbanização superior a 90%, e a Sérvia, com taxas próximas de 50%.

A alta urbanização tem origens históricas ligadas ao desenvolvimento industrial e comercial e, posteriormente, à mecanização da agricultura, que causou o êxodo rural.

Temos que lembrar que as primeiras cidades europeias são anteriores à Revolução Industrial, entretanto, tal revolução foi responsável por uma grande mudança no conceito de cidade, tanto no que diz respeito ao número de pessoas quanto na remodelação do espaço urbano (SPÓSITO, 2014): é a indústria que passa a organizá-lo. As cidades industriais são marcadas pelo fato de serem cidades abertas, a fim de comportarem maior população, enquanto que as cidades medievais eram fechadas, com a finalidade de proteção.

O rápido adensamento populacional provocou desordem na paisagem e na malha urbana europeia (SPÓSITO, 2014). É nesse contexto que a remodelação das cidades medievais europeias ocorre.



### Exemplificando

O Barão Haussmann (1809-1891) foi prefeito de Paris e colocou em prática um conjunto de ações de intervenção no espaço urbano com a finalidade de modernizar e adotar práticas higienistas na cidade, tais como a abertura de grandes avenidas e a demolição de casarões e prédios comerciais. Outra intenção dos planejadores era a de colocar fim aos levantes populares, que encontravam nas ruas estreitas e sinuosas oportunidade de fuga.

Apesar das remodelações, muitas delas ainda conservam traços, edifícios e monumentos de séculos passados, o que garante um patrimônio cultural rico. As cidades industriais formaram as bases que estruturaram as cidades de hoje (SPÓSITO, 2014).

Se levarmos em conta a definição da ONU para megacidade, nenhuma cidade europeia poderia ser caracterizada como tal. Veja o Quadro 1.2.

Quadro 1.2 | Cidades europeias mais populosas

	Cidades	População
1	Londres	7 556 900
2	Berlim	3 440 441
3	Madri	3 255 944
4	Atenas	3 089 698
5	Roma	3 106 318
6	Paris	2 203 817

Fonte: adaptada de <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_cidades\\_da\\_Uni%C3%A3o\\_Europeia\\_por\\_popula%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_cidades_da_Uni%C3%A3o_Europeia_por_popula%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 24 fev. 2017.

Por outro lado, várias cidades europeias são consideradas cidades globais, isso é, são centros de decisão e poder: Londres, Paris, Milão, Frankfurt, Madri, Amsterdã, entre outras.

As raízes do desenvolvimento econômico europeu estão, sobretudo, no acúmulo de riquezas, seja por meio do mercantilismo ou do colonialismo, e no pioneiro processo de industrialização. Evidentemente, nem todos os países europeus têm o mesmo nível de desenvolvimento. Os países da Europa Ocidental são países desenvolvidos, e mesmo entre eles existem heterogeneidades. Já os países da Europa Oriental são considerados economias em transição, pois até 1990 estavam organizados com base no sistema socialista. Essas diferenças ficarão mais bem definidas na próxima seção, em que abordaremos os setores econômicos na Europa. Até lá!

### Sem medo de errar

A organização espacial de uma cidade ou de um país reflete diversos fatores, tais como as características físicas, o desenvolvimento tecnológico, o desejo de preservar o antigo ou de reconstruir o novo, o nível de desenvolvimento econômico. Mesmo que o processo de globalização seja dinâmico, muitos autores acreditam que o mundo caminha para uma homogeneização dos lugares e das culturas. Há também movimentos contrários, que buscam ressaltar as diferenças, a singularidade dos lugares e a unicidade das paisagens. A curiosidade por conhecer formas distintas de organização espacial, isto é, um país diferente, é uma das principais motivações para o turismo internacional, que se tornou uma importante atividade econômica para muitos países, em especial, os europeus. Em um tour virtual é possível observar as paisagens, mas somente por meio de um tour real é possível vivenciar uma determinada organização espacial. Camila já identificou que as paisagens de Bruges são diferentes daquelas de seu cotidiano, mas tem muita curiosidade em vivenciar como o conjunto de aspectos físicos estão, de fato, presentes no dia a dia das pessoas. Assim, uma nuance que poderia ser ressaltada por Camila é a possibilidade de utilizar os canais que cortam a cidade como vias de transporte, algo inimaginável na cidade em que ela vive. Outro condicionante da vida em Bruges diz respeito à duração do dia: como está localizada em altas latitudes, a cidade tem dias longos no verão e dias extremamente curtos no inverno. Assim, uma viagem

durante o verão pode proporcionar mais horas de iluminação natural para Camila e sua mãe aproveitarem para conhecer a cidade.

## Faça valer a pena

1. Leia atentamente a citação que segue:

A reprodução dos grupos sociais faz-se através de muitos meios. A transmissão do saber, formalizada ou não, constitui um. Outro, e dos mais importantes, é a organização espacial. Ao fixar no solo os seus objetos, frutos do trabalho social e vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio. A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução) (CORRÊA, 2000, p. 55).

A alternativa que corresponde ao pensamento do fragmento apresentado é:

- a) A organização espacial materializa no espaço o trabalho, é condição e meio da reprodução da sociedade.
- b) As cristalizações no espaço produzidas por gerações passadas determinam a organização espacial atual das sociedades.
- c) Os objetos criados pelo trabalho social compõem a organização espacial, já aqueles criados pela ação da natureza compõem o ecúmeno.
- d) A organização espacial materializa o trabalho da sociedade e, por isso, se torna irrelevante para a sua reprodução.
- e) A configuração espacial congela a produção das sociedades no espaço, assim, a sociedade é dinâmica, mas o espaço não é.

2. Leia atentamente o fragmento de texto que segue:

O mapa em cores hipsométricas é a representação do relevo em escala pequena por curvas de nível selecionadas convenientemente, entre as quais se acrescenta uma gama de cores em ordem visual crescente, das mais

claras às mais escuras, acompanhando a progressão para o alto das cotas de altitude. Esta elaboração dará ao relevo uma visão de conjunto da imagem de sua configuração plástica (MARTINELLI, 2009).



Fonte: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:BLANK\\_in\\_Europe\\_\(relief\)\\_\(-mini\\_map\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:BLANK_in_Europe_(relief)_(-mini_map).svg)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Com base no mapa hipsométrico do continente europeu, assinale a alternativa correta:

- As planícies são a forma de relevo predominante no continente e as áreas montanhosas estão concentradas ao sul.
- Nos mapas hipsométricos, as cores são utilizadas para expressar a altura do relevo e a estrutura geológica.
- As áreas de planície são as formas de relevo mais antigas e as que passam por maior instabilidade tectônica.
- As áreas de elevação intermediária, ou seja, formadas pelas mesetas e montanhas médias, são as formas de relevo mais recentes.
- As áreas formadas por altas montanhas, localizadas ao sul do continente, são caracterizadas por relevos antigos.

### 3. Observe o quadro a seguir:

Quadro 1.3 | A evolução da expectativa de vida de alguns países europeus, para homens e mulheres (em anos).

Países	1980		1990		2000		2008	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Espanha	72,3	78,5	73,4	80,5	75,6	82,5	78,2	84,3
Bulgária	68,4	73,8	68,0	74,7	68,4	75,1	69,5	76,6
França	70,2	78,4	72,7	81,0	75,3	82,8	77,6	84,4
Ucrânia	64,6	74,0	65,6	74,9	62,9	74,1	62,5	74,3

Fonte: adaptada de <[http://www.ined.fr/fichier/s\\_rubrique/207/pop\\_f\\_66.2011.1\\_avdeev.fr.pdf](http://www.ined.fr/fichier/s_rubrique/207/pop_f_66.2011.1_avdeev.fr.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Com base nos dados do quadro e nos conteúdos estudados sobre a Europa, é possível afirmar que:

I - Na Europa, o alto consumo de álcool pelos homens é um dos fatores que contribui para a menor expectativa de vida em comparação com as mulheres.

II – Todos os países apresentaram elevação constante da taxa de expectativa de vida no período retratado.

III – A expectativa de vida nos países da Europa Ocidental é semelhante à dos países da Europa Oriental.

IV – O desenvolvimento socioeconômico promovido pelo capitalismo é um fator que contribuiu para o aumento da expectativa de vida, em comparação com países que haviam adotado o socialismo.

Entre as assertivas, estão corretas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e IV.
- d) I e IV.
- e) III e IV.

# Seção 1.2

## Desenvolvimento econômico

### Diálogo aberto

Camila fez seu tour virtual em Bruges e ficou encantada com o tipo de construção e com o formato dos edifícios da cidade no centro histórico. O continente europeu, também chamado de Velho Continente, conserva parte das cidades históricas e dos patrimônios culturais produzidos há centenas de anos. Para Camila, a paisagem pareceu estancada no tempo.

Conversando com sua mãe, Camila lembrou que ela, a mãe e o irmão, uma vez por mês, visitam os avós que moram do outro lado da cidade, e ela sempre repara que ao longo do trajeto há diversas lojas novas, prédios sendo construídos, ruas interditadas em obras, faixas penduradas anunciando jardineiros, montador de móveis, tarô etc. Camila vê São Paulo como uma cidade viva, que está em constante transformação. A paisagem de São Paulo é dinâmica. Ela imagina que essas transformações só são possíveis porque São Paulo é uma cidade rica e porque existem pessoas dispostas a investir, abrir novos negócios, construir novos edifícios, reformar. A cidade de Bruges, apesar de parecer estancada no tempo, não lhe aparentou pobre ou sem investimentos, embora as ruas fossem estreitas e os edifícios antigos, pareciam bem cuidados. Não havia lixo nem nos canais, nem nas ruas. E realmente, não é pobre ou sem investimentos, afinal a Bélgica ocupa a posição 21 entre os países de maior IDH do mundo, e Bruges é uma de suas cidades mais prósperas. Isso significa que é economicamente dinâmica, apesar de a paisagem de Bruges parecer parada no tempo. Como Camila poderia explicar essa aparente contradição?

### Não pode faltar

**A organização dos sistemas produtivos no continente europeu: setor primário**

O desenvolvimento econômico dos países é reflexo de seu desenvolvimento técnico e científico. No continente europeu

existe uma clara divisão entre os países da Europa Ocidental, mais desenvolvidos, e os da Europa Oriental, considerados economias em transição pelo fato de terem adotado o sistema socialista de produção até a década de 1980 e estarem, atualmente, se desenvolvendo como países capitalistas. Essa disparidade está presente em todos os setores econômicos.

A divisão da economia em setor primário, secundário e terciário é uma forma de agrupar atividades similares a fim de possibilitar a geração de dados estatísticos e indicadores. Dessa forma, é possível conhecer a evolução dos três setores e obter comparações entre eles. Esses dados podem revelar o nível de desenvolvimento econômico dos países e indicar quais são seus setores mais relevantes. As informações sobre os setores econômicos direcionam as políticas públicas e os investimentos produtivos. Além disso, a soma das riquezas produzidas nos três setores, isso é, o PIB, é o valor utilizado no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), juntamente com as taxas de expectativa de vida e de escolarização.

O setor primário diz respeito às atividades de agricultura, pecuária, pesca, caça e extrativismo vegetal e mineral. O setor secundário compreende as atividades industriais e manufaturas. O setor terciário é o mais abrangente, ele envolve as atividades de construção, comércio, transporte, alimentação, hotelaria, informação e comunicação, financeiras e seguradoras, atividades imobiliárias, atividades científicas e tecnológicas, administração pública, educação, saúde, artes, atividades recreativas, entre outras.

O desenvolvimento do espaço agropecuário europeu é reflexo do desenvolvimento técnico e científico de seus países, mas também das restrições do relevo e do clima que existem em alguns deles, situados na zona intertropical.

As poucas áreas naturais protegidas europeias estão localizadas nas regiões em que as condições de relevo e clima inviabilizam a prática da agropecuária. Cerca de 45% do território europeu é dedicado à agricultura. As áreas rurais europeias são, definitivamente, distintas por uma natureza antropizada.

De forma geral, a agropecuária na Europa Ocidental é marcada pela mecanização e pela alta produtividade. A Revolução Industrial trouxe mudanças para a organização tanto dos espaços das cidades como também do campo: a modernização e a utilização de máquinas

agrícolas foram responsáveis por um grande êxodo rural e também pelo aumento da produtividade agrícola.

Apesar do intenso êxodo rural, pode-se dizer que o campo europeu é caracterizado pela equilibrada distribuição das terras, se comparado ao campo brasileiro ou norte-americano. Na Europa Ocidental há o predomínio de pequenas e médias propriedades rurais, por exemplo, nos países da União Europeia-28, apenas 0,5% das propriedades possuem mais do que 100 hectares (EUROSTAT, 2016b). Além disso, cerca de 93,7% das propriedades são administradas pelas famílias (EUROSTAT, 2016b).



## Vocabulário

**União Europeia-28:** Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, República Checa, Romênia, Suécia e, por fim, Reino Unido, que iniciou seu processo de saída do bloco em 2017.

A produção em pequenas propriedades agrícolas não é economicamente viável, uma vez que, em muitos casos, impossibilita até mesmo o sustento familiar ou investimentos modernizadores. Por esse motivo, os governos dos países europeus investem em políticas de subsídios a fim de manter tais agricultores no campo e, também, para protegê-los da concorrência com gêneros agrícolas importados. Os subsídios agrícolas contribuem para o barateamento dos preços dos alimentos e são, portanto, uma forma de valorizar os salários dos habitantes da cidade que consomem esses produtos.



## Refleta

A Política Agrícola Comum (PAC) é colocada em prática desde a década de 1960 pelos países participantes da União Europeia. Inicialmente pensada como forma de garantir a segurança alimentar dos países que tinham passado pela II Guerra Mundial, hoje se mostra como uma política para manter competitivas as produções agrícolas dos países europeus e, ao mesmo tempo, adotar princípios sustentáveis. Para isso, os governos investem anualmente milhares de euros na modernização da produção e na renda dos agricultores. Assim, garantem a fixação das famílias no campo e o preço baixo dos produtos alimentares na Europa. Entretanto,

tal política protecionista recebe diversas críticas, em especial, dos países em desenvolvimento latino-americanos e africanos. Pense em como a PAC europeia afeta a agropecuária dos países em desenvolvimento.

Os principais itens agrícolas produzidos na Europa são os cereais (trigo, aveia, cevada), os tubérculos (batata e beterraba) e as leguminosas (ervilha e feijão). Na região mediterrânea são comuns as plantações de oliveiras, frutas cítricas, parreiras e, também, de cereais.

No leste europeu, é importante destacar a presença dos *tchernoziom* (em russo, *tcherno* – *negrum* e *zion* – terra) que são caracterizados pela alta fertilidade em função da concentração de matéria orgânica. Tal solo é bastante utilizado para a produção de cereais.

O extrativismo também compõe o setor primário. Nos países de altas latitudes, tais como Suécia, Lituânia e Finlândia, é feito o extrativismo florestal (taiga) para a produção de madeira e papel. Quanto aos recursos energéticos, destaca-se a extração de carvão nas bacias carboníferas da Inglaterra, França, Alemanha, Ucrânia e Polônia. O petróleo é extraído do Mar do Norte e de bacias petrolíferas na Europa Oriental, em especial, na Rússia, Polônia, Hungria e Romênia.



### Assimile

O geógrafo Ruy Moreira (2007) aponta que havia uma divisão territorial do trabalho entre a cidade e o campo no capitalismo industrial: campo era território da atividade agropecuária, enquanto a cidade era o território da indústria e do setor terciário. Entretanto, com a passagem para o capitalismo financeiro, “a indústria invade, desruraliza e urbaniza, econômica e culturalmente o campo, acabando por eliminar a distinção cidade-campo que no início ela mesma estabelecera” (MOREIRA, 2007, p. 83). Atualmente, as fronteiras entre o campo e a cidade se esfumam cada vez mais. Isso porque o campo tem passado por uma grande dinamização econômica. O setor do turismo e a agroindústria são importantes exemplos dessa transformação.

## A organização dos sistemas produtivos no continente europeu: setor secundário

O continente europeu é uma das regiões mais industrializadas do mundo. Isso se deve a diversos fatores, como o pioneirismo

na Revolução Industrial, a oferta de fontes de energia, os recursos provenientes do imperialismo e colonialismo e, também, a integração do continente, alcançada tanto pelos meios de transporte eficientes quanto pela consolidação da União Europeia. Diversas empresas europeias são conhecidas mundialmente, como as empresas automobilísticas Volkswagen, Renault, Fiat, Mercedes, BMW; as indústrias de produtos químicos, como a Bayer; de óleo, como a Shell, BP, Total; de eletricidade, como a Philips e a Siemens.

Apesar disso, se analisamos os dados sobre a indústria, percebemos que ela vem perdendo importância na Europa nos últimos 20 anos, mesmo com alguns países ainda conservando cadeias industriais importantes. Em 1995, a indústria representava aproximadamente 23% do PIB dos países da União Europeia, em 2015, ela passou a representar 19,3% e a ser responsável por apenas 15,4% dos postos de trabalho da União Europeia-28 (EUROSTAT, 2016a). Tais dados refletem tanto a desindustrialização que alguns países vêm sofrendo quanto a diminuição relativa de importância desse setor frente a outros, em especial, o terciário.

Para alguns países europeus, as indústrias ainda possuem peso. Na Irlanda, 39% do PIB provem desse setor; na República Checa, 32%, na Hungria, 27,3% e na Eslováquia, 27%. Interessante notar que enquanto a Europa Ocidental vem passando por um processo de desindustrialização, o leste europeu se destaca pelas empresas terceirizadas e por custos competitivos (EUROSTAT, 2016a).

Entre os centros industriais europeus mais importantes, destacam-se a Alemanha, a França, o Reino Unido, a Rússia, a Itália e os Países Nórdicos. Os espaços industriais estão bem distribuídos por toda a Alemanha. Destaca-se a Bacia do Rio Reno (Vale do Ruhr), no oeste alemão, onde se encontram valiosas jazidas de carvão e, por isso, concentra uma importante indústria siderúrgica, que utiliza os portos de Roterdã e Hamburgo e a hidrovia do rio Reno como via de transporte. O país também é um importante produtor do ramo químico, naval e mecânico.

Com relação à França, sua principal zona industrial está localizada na Bacia Parisiense, favorecida pela concentração de mão de obra, importantes ferrovias e proximidade com os maiores portos europeus. Destacam-se na França a indústria automobilística e química. No nordeste francês, destaca-se a siderúrgica e a têxtil.

No Reino Unido, país de mais antiga industrialização, os setores petroquímico, automobilístico, de informática e de bebidas alcoólicas se sobressaem. As antigas zonas industriais localizadas próximas às reservas de carvão deram lugar a regiões industriais próximas ao litoral e aos grandes centros urbanos.

Na Rússia a indústria tem uma forte relação com a abundância de recursos naturais. A porção mais industrializada encontra-se no oeste do país, próxima a Moscou, e no Vale do Rio Volga. Destacam-se as indústrias têxteis, químicas, siderúrgicas e metalúrgicas, de papel e celulose, de artigos ferroviários.

Na Itália, as regiões industriais estão concentradas ao norte do país, no Vale do Pó, com destaque para as indústrias têxtil, alimentícia, mecânica e automobilística. Nos Países Nórdicos destacam-se a indústria petroquímica, a siderúrgica e a mecânica.

### **A organização dos sistemas produtivos no continente europeu: setor terciário**

O setor de serviços representa a maior parte do PIB europeu, assim como ocorre nos Estados Unidos e no Brasil. Cerca de 70% do PIB da União Europeia é proveniente do setor terciário e cerca de 80% dos postos de trabalho também se concentram nesse setor. É importante lembrar que as atividades de comércio, transporte, hotelaria e alimentação concentram 24,6% dos empregos e que a administração pública, educação, saúde concentram aproximadamente 23,6%, ou seja, somam quase a metade dos empregos da União Europeia (EUROSTAT, 2016a).

O turismo tem enorme importância para alguns países. É uma atividade que gera renda, empregos e estimula outras, como aquelas ligadas à alimentação, entretenimento, transportes, serviços de guias e intérpretes. Há países na Europa que recebem fluxos de turistas anuais maiores que sua própria população, como é o caso da França, da Espanha, de Andorra, de Malta, do Chipre, entre outros.

Observe a seguir, a posição dos países europeus entre os dez países do mundo que mais receberam turistas internacionais e entre aqueles com maior renda em turismo.

Quadro 1.4 | A importância do turismo nos países

Países que mais receberam turistas internacionais em 2014		Países com maior renda em turismo	
País	Número de Turistas (em milhões)	País	U\$S milhões
<b>França</b>	<b>83,7</b>	Estados Unidos	177,2
Estados Unidos	74,8	<b>Espanha</b>	<b>65,2</b>
<b>Espanha</b>	<b>65,0</b>	China	56,9
China	55,6	<b>França</b>	<b>55,4</b>
<b>Itália</b>	<b>48,6</b>	Macau (China)	50,8
Turquia	39,8	<b>Itália</b>	<b>45,5</b>
<b>Alemanha</b>	<b>33,0</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>45,3</b>
<b>Reino Unido</b>	<b>32,6</b>	<b>Alemanha</b>	<b>43,3</b>
<b>Rússia</b>	<b>29,8</b>	Tailândia	38,4
México	29,1	Hong Kong (China)	38,4

Fonte: adaptado de <<http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416882>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

O território da Europa Ocidental está integrado por uma ampla rede de transportes, formada por ferrovias, rodovias, hidrovias, portos, aeroportos. São infraestruturas modernas, eficientes e seguras, que permitem a circulação de pessoas e mercadorias. Os nós dessas redes são as principais metrópoles europeias, tais como Londres, Paris, Milão, Madri. Destaca-se o Eurotúnel como um marco da integração do continente. Ele permitiu a ligação, via ferrovias, entre Paris e Londres em cerca de três horas. Sua construção teve início na década de 1980 e sua inauguração ocorreu em 1994, e, desde então, cerca de 390 milhões de passageiros já atravessaram o Canal da Mancha pelo Eurotúnel. Ele possui 50 km de extensão, sendo que 37 km estão sob o mar.

## A formação da União Europeia

Você sabia que a União Europeia é o mais antigo e mais consolidado bloco econômico do mundo?

Apesar de passar por algumas adversidades neste início de século XXI, ele ainda é tomado como referência para outros blocos econômicos que pretendem ampliar a integração entre os países membros.

A história da União Europeia teve início bem antes do bloco ter sido, de fato, formado. No século XX, durante a reconstrução do pós-guerra, os líderes dos países europeus perceberam que somente com a união de forças de suas economias nacionais eles poderiam ser competitivos

frente ao poderio econômico dos Estados Unidos e da União Soviética. É com essa preocupação que começam a surgir as primeiras tentativas de integração econômica entre os países europeus.

Em 1943 e 1944 foram assinados os primeiros acordos - um monetário e outro aduaneiro - entre a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo, formando o Benelux, o primeiro bloco econômico do continente europeu. O principal objetivo do Benelux era promover o desenvolvimento econômico por meio da ampliação do comércio entre os países membros. O empenho de integração entre os países não se limitou aos acordos iniciais. Ao longo das décadas, o Benelux foi aumentando essa integração. Em 1960, foi firmada a livre circulação de pessoas, capitais e serviços entre os países membros; em 2004 foi estabelecido o acordo sobre intervenções militares transfronteiriças.

Apesar dos países membros do Benelux integrarem, hoje, a União Europeia, tal bloco continua a existir e diversos acordos econômicos permanecem em vigor.

Anos depois da formação do Benelux, outro bloco econômico foi criado na Europa, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Formada em 1952 pela Alemanha Ocidental, França, Itália e pelos países membros do Benelux, seu objetivo principal era criar um mercado único do ferro, carvão e aço, importantes matérias-primas e pilares da economia naquele momento. O bloco ainda tinha objetivos secundários, como promover a paz entre os países e fortalecer as alianças contra as ameaças da União Soviética durante a Guerra Fria. Com a solidariedade entre a França e a Alemanha na produção de ferro e aço, qualquer possibilidade de guerra entre os dois países se tornou impensável. O desenvolvimento econômico promovido pela integração dos países na CECA estimulou que seus seis integrantes propusessem novos objetivos que fortalecessem a integração. Assim, em 1957, foi assinado o Tratado de Roma, que criou o Mercado Comum Europeu (MCE) ou a Comunidade Econômica Europeia (CEE), bloco econômico que marca a origem da União Europeia. O MCE ultrapassou as discussões econômicas e estabeleceu a livre circulação de pessoas e capital entre os países membros. Além disso, para fortalecê-los do ponto de vista econômico, foi criada uma tarifa externa comum, adotada para a importação de produtos de países não membros.

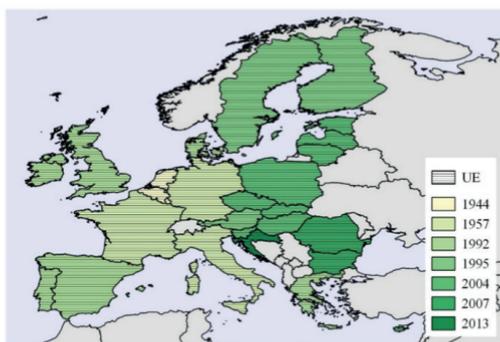
O Reino Unido, que tinha interesses em se aliar aos Estados Unidos,

entrou no MCE apenas em 1973. Foi seguido pela Irlanda e Dinamarca no mesmo ano e, em 1981, pela Grécia e, em 1986, pela Espanha e Portugal. Dessa forma, o MCE agregou 12 países membros. Foram traçadas, assim, as bases para a transformação do MCE em União Europeia e para a expansão no número de países membros, como veremos, a seguir.

## O Tratado de Maastricht e a adoção do Euro

A União Europeia não nasceu já formada pelos seus 28 países membros (dados referentes a 2016). A expansão territorial do bloco econômico e o aprofundamento da integração ocorreram progressivamente ao longo dos seus 60 anos de existência - veja a Figura 1.4. Nesse sentido, a década de 1990 foi especialmente importante. Isso porque ela marcou a assinatura do Tratado de Maastricht e a adoção de uma moeda única para países do bloco, o Euro.

Figura 1.4 | A expansão da União Europeia



Fonte: elaborada pela autora.

Em 1991, os representantes dos 12 países membros do MCE se reuniram na cidade holandesa de Maastricht com o objetivo de aprofundar a integração do bloco econômico. Tal reunião e seu produto mais conhecido, o Tratado de Maastricht, assinado em 1992, marcaram uma nova etapa de união mais estreita entre os países da Europa e o desejo de estabelecer, verdadeiramente, um mercado comum europeu. O Tratado de Maastricht também é conhecido como o Tratado sobre a União Europeia. Tal documento entrou em vigor em 1993 e se apoiava em três grandes pilares: o fortalecimento

da Comunidade Europeia; a política estrangeira e de seguridade comum; a cooperação judicial e policial.

O fortalecimento da Comunidade Europeia reforçou a legitimidade das instituições que representavam a União Europeia e melhorou a sua eficácia institucional. Além disso, estabeleceu uma união econômica e monetária, por meio da criação de um Banco Central Europeu e da implantação de uma moeda única pelos países. Outro ponto visado foi o desenvolvimento de projetos no campo social, tais como disposições comuns sobre as condições de trabalho, igualdade entre homens e mulheres, a integração de pessoas excluídas do mercado de trabalho e a seguridade social.

A cooperação policial e judiciária permitiu a adoção de medidas conjuntas para reforçar o controle sobre as fronteiras externas; a luta contra o terrorismo; a criação de uma polícia europeia, a Europol, com um sistema de trocas de informações entre as polícias nacionais, além de uma política comum de asilo. Como podemos ver, os objetivos do Tratado e da União Europeia ultrapassam o campo econômico e buscam a integração em diversos setores.

Como o Tratado de Maastricht não era impositivo, a participação dos países membros às novas medidas foi voluntária. Assim, o Reino Unido, membro mais relutante às novas medidas de integração, optou por não adotar o Euro e também disse não a certas medidas no campo da política social.



### Exemplificando

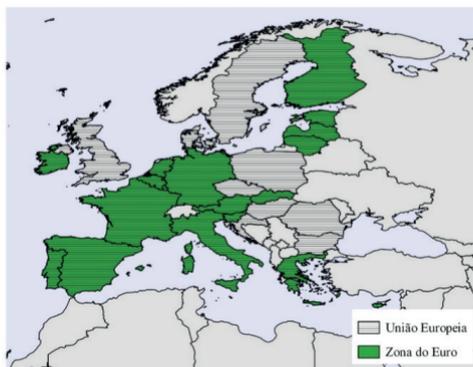
Existem diversos tipos de blocos econômicos e as diferenças entre eles estão no grau de integração dos países membros. A forma mais elementar de integração entre os países é a Zona de Livre Comércio, voltada primordialmente à simplificação de trocas comerciais entre os países membros. O Tratado de Livre Comércio das Américas (NAFTA) é um exemplo. A União Aduaneira prevê um passo maior de integração, pois além de facilitar as trocas comerciais, prevê a adoção de uma Tarifa Externa Comum (TEC), para taxar os produtos de países não membros. Um exemplo é o Mercosul. O Mercado Comum corresponde a um nível maior de integração, pois há a livre circulação de bens, serviços, capitais e mão de obra. A União Europeia se tornou um exemplo de Mercado Comum a partir de 1993. Por fim, o último estágio de integração é a União Econômica e Monetária, em que o bloco deve contar com uma

moeda única e uma política econômica centralizada por um Banco Central. Tornar-se uma união econômica e monetária demanda tempo e negociações. Mais uma vez, a União Europeia é exemplo desse tipo de integração (CONGRESSO NACIONAL, s.d.).

Entre a assinatura do Tratado de Maastricht e a implantação do Euro, em 1999, houve a entrada de três novos países em 1995, Suécia, Finlândia e Áustria, tornando o bloco composto por 15 países.

O Euro, adotado em 1999, ratificou a formação da união econômica e monetária pretendida com o Tratado de Maastricht, e criou a Zona do Euro, formada inicialmente por 11 países que optaram pela adoção da moeda. Hoje a Zona do Euro é formada por 19 países da União Europeia, conforme destacamos na Figura 1.5.

Figura 1.5 | Zona do Euro



Fonte: elaborada pela autora.

Atualmente, a União Europeia conta com 28 membros, graças à entrada em 2004, de 10 novos países, a saber: Polônia, Hungria, República Tcheca, Eslováquia, Lituânia, Letônia, Estônia, Malta e Chipre, e da Romênia e Bulgária, em 2007, e da Croácia, último país membro a entrar no bloco, em 2013.

### Perspectivas para o futuro da União Europeia

O panorama para o futuro da UE é constantemente redesenhado por momentos estancos. O Tratado de Nice (2002), que permitiu a entrada de 10 novos membros pertencentes ao leste europeu, é um desses momentos. Isso porque são países que apresentam

economias instáveis e adicionaram adversidades ao quadro de crise econômica enfrentada pelos países com enormes dívidas públicas, tais como Portugal, Espanha e Grécia. Dessa forma, o grande desafio do bloco é reduzir as desigualdades internas e sustentar a maior conquista alcançada: a união monetária.

Outro ponto a se destacar é a solicitação da Turquia para entrar na UE, desde a década de 1960. Sempre, constantemente, negada. Isso se deve à desconfiança dos líderes europeus com relação à população turca, de maioria muçulmana, à frágil democracia turca e à violação de direitos humanos. Alguns passos já foram dados no sentido de adequar o país às exigências do bloco, como a abolição da pena de morte.

Entretanto, a discussão mais potente na redefinição dos rumos futuros é, sem dúvida, a saída do Reino Unido. O Reino Unido já se confirmava como o maior conservador do bloco, posicionando-se contrariamente a diversas políticas sociais e à zona do euro. Em 2016, em meio a uma crise imigratória causada por massas de refugiados que chegavam, um referendo propôs consulta à população sobre a saída do bloco e a resposta das urnas foi positiva. O processo de retirada, que ficou conhecido como **Brexit**, marcou o início de uma nova era para o bloco que poderá inspirar outros importantes países a fazerem o mesmo, ou ampliar as aspirações por integração entre aqueles que permanecem.



### Pesquise mais

O site do Parlamento da União Europeia contém diversos vídeos que trazem reflexões sobre o estágio atual de integração e os desafios para o futuro próximo. Os vídeos têm transcrição e legenda em português. Sugerimos dois, em especial, "O Futuro da Europa: tirar o máximo partido do Tratado de Lisboa", disponível em: <<https://www.europartv.europa.eu/pt/programme/eu-affairs/the-future-of-europe-making-the-most-of-the-treaty-of-lisbon-elmar-brok>> e "O Futuro da Europa: A Europa 'está a passar por uma crise existencial'", disponível em: <<https://www.europartv.europa.eu/pt/programme/eu-affairs/the-future-of-europe-europe-is-undergoing-an-existential-crisis-guy-verhofstadt>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

## Sem medo de errar

Essa aparente contradição ocorre porque a paisagem é “o resultado de uma acumulação de tempos” (SANTOS, 2004, p. 54). Ela pode comportar formas pretéritas, que testemunham um passado, e também formas atuais. O fato é que as paisagens estão sempre em evolução, ainda que não seja aparente ou rapidamente detectável. As mudanças na paisagem em São Paulo e em Bruges ocorrem em ritmos e intensidade diferentes, por isso Camila pode achar que São Paulo seja uma cidade mais dinâmica economicamente. A paisagem revela muito sobre a organização espacial, apesar de não explicá-la completamente. Algumas das formas presentes nas paisagens podem não ser modificadas, mas receberão novas funções e novos valores adaptados às novas necessidades das sociedades. É assim que muitas cidades medievais europeias se adaptam para acomodar as sociedades atuais: elas continuam com a aparência de tempos passados, mas estão conectadas em redes por meio de tecnologias sofisticadas, por exemplo. As formas pretéritas se tornaram uma fonte de dinamização econômica para muitas cidades medievais na medida em que seus patrimônios culturais estão conservados, atraem turistas do mundo todo, gerando emprego e renda para essas localidades. As sociedades europeias têm uma relação bastante consolidada com seu patrimônio histórico e artístico, a origem da preservação patrimonial está na França. Assim, o patrimônio cultural europeu se tornou uma importante fonte de renda e dinamização econômica para esses países.

## Faça valer a pena

**1.** A agricultura familiar europeia é responsável pela produção da grande maioria dos alimentos que são consumidos nos países do continente. No Brasil a situação é semelhante, cerca de 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros é proveniente da agricultura familiar. Entretanto, a estrutura fundiária brasileira é bastante diferente da estrutura europeia. Confira os dados apresentados no quadro.

Tipo de Agricultura	E - 28	BRASIL
Agricultura Familiar % do total de estabelecimentos	97	84
Agricultura Não Familiar % do total de estabelecimentos	3	16
Agricultura Familiar % do total de área ocupada	69	24
Agricultura Não Familiar % do total de área ocupada	31	76

Fontes: <<https://goo.gl/C1cm2G>>. Acesso em 28 fev. 2017.

Com base na comparação das informações presentes, é possível afirmar que:

- O número total de estabelecimentos com agricultura familiar na União Europeia é superior ao total de estabelecimentos com agricultura familiar no Brasil.
- O número total de estabelecimentos com agricultura familiar na União Europeia é inferior ao total de estabelecimentos com agricultura familiar no Brasil.
- A estrutura fundiária da União Europeia é mais bem distribuída se comparada com a brasileira, uma vez que 97% das propriedades ocupam 69% das terras.
- A estrutura fundiária brasileira é mais bem distribuída se comparada com a da União Europeia, uma vez que 84% das propriedades ocupam 76% das terras.
- A área total ocupada pela agricultura familiar no Brasil é menor do que a área total ocupada pela agricultura familiar na União Europeia.

## 2. Leia atentamente o fragmento de texto que segue:

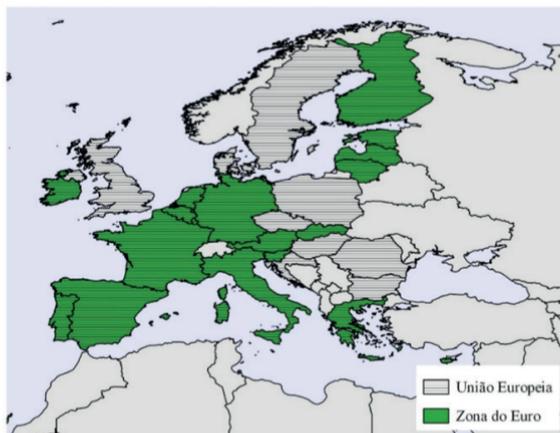
As estatísticas sobre o deslocamento pendular na União Europeia mostram que somente 8% dos trabalhadores se deslocam para uma região diferente da de seu domicílio para trabalhar. Aproximadamente 0,9% se deslocam para países diferentes. Pode parecer pouco, mas em números absolutos esses percentuais representam, respectivamente, cerca de 17,5 milhões e 2 milhões de pessoas se deslocando diariamente. A Bélgica é responsável por cerca de 20% das migrações pendulares na União Europeia (EUROSTAT, 2016c).



Sobre as migrações pendulares que acontecem na União Europeia, é correto afirmar que:

- a) Em sua grande maioria, os trabalhadores utilizam automóveis particulares para se deslocarem mais rapidamente.
- b) A barreira linguística é um fator que compromete o deslocamento pendular entre países, já que a Europa é um mosaico de línguas diferentes.
- c) O desenvolvimento da infraestrutura de transporte público é a base material que impulsiona o deslocamento pendular entre países ou regiões.
- d) A proximidade das fronteiras nacionais e o tamanho dos países são fatores pouco relevantes quando se trata de deslocamentos pendulares transfronteiriços.
- e) As regiões pouco povoadas têm maior tendência a atrair trabalhadores e, por consequência, são as que possuem taxas mais elevadas de migração pendular.

**3.** A Zona do Euro é composta pelos países que adotaram a moeda. Sobre a Zona do Euro, analise o mapa e as assertivas a seguir.



Fonte: elaborado pela autora.

I - O Euro, moeda oficial da União Europeia, previsto no Tratado de Maastricht, em 1992, foi adotado em 1999.

II - Há países que fazem parte da União Europeia e optaram por não adotar o Euro, por exemplo, a Áustria e a Finlândia.

III - A adoção do Euro foi considerada uma medida inapropriada por países com economias instáveis, tais como Portugal e Grécia.

IV - O Reino Unido, uma das economias mais fortes do bloco e favorecida pela integração monetária, foi um dos países que mais apoiou a adoção do Euro.

V – O Tratado Maastricht não exige a participação dos países signatários para o Euro.

Sobre a Zona do Euro, estão corretas as assertivas apresentadas em alternativa:

- a) I, II e III.
- b) II e IV.
- c) I e IV.
- d) III e V.
- e) I e V.

# Seção 1.3

## Conflitos geopolíticos

### Diálogo aberto

Camila ficou interessada em conhecer a Bélgica após assistir a um programa de televisão sobre o país. Em sua casa, ela fez um tour virtual pela cidade de Bruges, localizada no nordeste da Bélgica. Nesse tour, surpreendeu-se com a paisagem do centro histórico e se admirou com a aparência das construções, que indicavam se tratar de uma cidade muito antiga. A paisagem pode nos contar muito sobre os lugares, ela é “história congelada, mas participa da história viva” (SANTOS, 2002, p. 107). Sabemos que as paisagens são compostas por rugosidades, isso é, formas remanescentes de períodos anteriores que nela permanecem como cicatrizes.

A Europa foi cenário de grandes acontecimentos ao longo dos últimos séculos e, em especial, no século XX. Não há como não falar das guerras e dos conflitos territoriais que deixaram marcas na memória dos cidadãos, por exemplo, o dia 11 de novembro é dedicado à comemoração do armistício, ou seja, o fim da Primeira Guerra Mundial. É um feriado para celebração da paz e para a homenagem aos mortos em tal guerra. O aniversário do armistício é uma lembrança de um período passado.

Um tour virtual ou presencial permite explorar as paisagens da cidade e a história ou os acontecimentos passados que podem nelas estar presentes. Para ter indícios de que uma cidade ou país tenha passado por conflitos armados, que tipos de rugosidades deveria Camila buscar na paisagem?

### Não pode faltar

#### Geopolítica europeia: movimentos separatistas

As fronteiras políticas europeias sempre foram mutantes, desde muito antes da formação dos estados nacionais e mesmo depois deles, em função de invasões, conquistas e ocupações. Atualmente, como aponta Castro (2005, p. 46):

[...] os recortes de base étnico-culturais continuam impondo novas questões e pressionando o mapa de alguns Estados para novas mudanças, no continente e fora dele, apoiados no argumento central do direito da nação ao seu território e à legitimidade do controle sobre o aparato institucional que lhe possibilite a autonomia na escolha de seu destino.



### Assimile

É comum encontrarmos os termos Estado e Nação sendo utilizados como sinônimos, mas, de fato, eles possuem conceituações diferentes.

De acordo com Guimarães (2008), nação "em seu sentido político moderno, é uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum". O Estado nada mais é do que uma forma de organização política de uma ou mais nações. Para a formação de um Estado é necessário: um território, uma população, uma organização política e o monopólio sobre a violência. Os Estados são entidades políticas soberanas, isso é, são reconhecidas por outros Estados como unidades territoriais independentes.



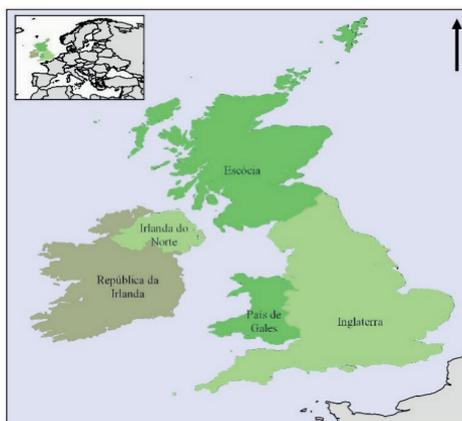
### Exemplificando

Já ressaltamos no *Assimile* as diferenças entre Estado e Nação. Tanto o conceito de Estado quanto o de Nação envolvem a existência de um povo e de um território. Entretanto, existem povos itinerantes que não estão vinculados a um território e muito menos a um Estado. Como exemplo, temos os ciganos. O termo cigano abarca diversas etnias, como os *Roms*, os *Manouches*, os *Sintés* entre outras. Todas elas têm origem indiana. Esses povos passam por dispersão desde a Idade Média e, apesar de estarem presentes em diversos países do mundo, é na Europa que se encontra a maior quantidade: cerca de 10 milhões de pessoas, em especial, no Leste Europeu, onde em alguns países, eles representam quase 10% da população. Os ciganos, hoje, impõem uma séria problemática: são discriminados nos países de origem e indesejados naqueles que os recebem. Por isso, segundo Delépine (2008), é cada vez maior a necessidade de conter o sentimento "anticiganos" em muitos países e criar políticas de inserção que respeitem as suas diferenças.

Se hoje os Estados nacionais europeus lançam mão de todos os recursos diplomáticos existentes para manter a soberania sobre seus territórios, em um passado muito recente, conflitos territoriais atormentaram a Europa. Boa parte da origem desses conflitos está assentada sobre questões étnicas e/ou identitárias, como é o caso das diversas regiões que ainda possuem fortes movimentos nacionalistas. Nesta seção, vamos destacar três delas, que em alguns momentos ao longo do século XX também se assumiram como movimentos separatistas. São elas: a Irlanda do Norte, a Catalunha e o País Basco.

A ilha da Irlanda (Figura 1.6) compreende dois países: a República da Irlanda (Eire), de maioria católica, e a Irlanda do Norte (Ulster), de maioria protestante.

Figura 1.6 | Reino Unido e Irlanda



Fonte: elaborada pela autora.

A República da Irlanda se tornou independente do Reino Unido em 1949, enquanto a Irlanda do Norte continuou subordinada à coroa britânica. A partir desse momento, acentuam-se os conflitos de interesses na região: de um lado havia uma minoria católica de separatistas; de outro, os unionistas, que constituíam a maioria protestante, que desejavam manter a continuidade como parte do Reino Unido.

Dessa forma, em 1956, foi criado o grupo terrorista e separatista IRA (Irish Republican Army - Exército Republicano Irlandês), que reivindicava a independência da Irlanda do Norte do Reino Unido e a sua anexação à República da Irlanda. Como forma de pressionar pela independência, o grupo empreendia atentados terroristas contra

alvos do governo britânico e contra os protestantes na Irlanda do Norte. Os graves conflitos e disputas resultaram, na década de 1990, em negociações de paz entre os separatistas e unionistas, alcançadas graças a maior autonomia política e administrativa cedida pelo Reino Unido à Irlanda do Norte.

A Espanha reúne duas importantes províncias que já ensejaram movimentos nacionalistas e, atualmente, se consideram mais como movimentos que buscam a consolidação da identidade em detrimento da independência territorial. Estamos falando do País Basco e da Catalunha que, em certa medida, conformam nações sem Estados. Isso porque essas regiões são ocupadas por gerações de catalães e bascos que forjaram uma consolidada identidade linguística e cultural, mas que não possuem um Estado formalmente constituído, ou seja, estão subordinadas ao governo espanhol.

As duas regiões conquistaram autonomia frente ao Estado Espanhol com a Constituição Espanhola de 1978, que reconheceu "o direito à autonomia das nacionalidades e regiões" (ESPAÑA, 1978). A Constituição pós-franquista autorizou a essas províncias a arrecadação e administração de parte dos impostos, além da definição de diretrizes próprias nos setores da educação, saúde, meio ambiente, turismo, cultura, entre outros (CASTELLS, 2010). É em função dessa maior autonomia cedida pelo Estado Espanhol que as motivações separatistas acabaram se enfraquecendo.

A Catalunha, localizada na porção leste da Espanha, no final do século XIX, passou por um intenso movimento nacionalista, fomentado pelas políticas comerciais impostas pelo governo espanhol centralizado em Madri, o que prejudicou sua burguesia industrial. Atualmente, os catalães fazem questão de se apresentarem como tal, e não como espanhóis, e mantêm suas tradições linguísticas. No entanto, a maioria rejeita a ideia de separatismo, acreditando na necessidade de "instituições simplesmente para existirem como nação, não para se tornarem um Estado-nação soberano" (CASTELLS, 2010, p. 65).

O País Basco está localizado na região nordeste da Espanha e avança pela fronteira com a França. Em 1959, as aspirações separatistas fundamentaram a criação do grupo terrorista ETA (Euskadi Ta Askatasuna - Pátria Basca e Liberdade), que por meio da luta armada reivindicava a independência do País Basco. O

ETA abandonou espontaneamente tal prática em 2011 e passou a reivindicar a independência da Espanha por meio da atuação política. Esse desarmamento foi recentemente selado pela revelação da localização de esconderijos de armas, em abril de 2017.



Refleta

A ditadura franquista (1939-1975) perseguiu e proibiu as manifestações de minorias nacionalistas na Espanha durante o século XX. A comunicação em basco ou catalão foi proibida tanto nas ruas quanto de ser ensinada nas escolas. Mesmo assim, a cultura catalã e basca sobreviveu e, em 1978, com a nova Constituição do país e a maior autonomia cedida às províncias, o basco e o catalão puderam voltar a ser utilizados como línguas oficiais. Isso nos mostra que as fronteiras dos Estados são socialmente criadas e, muitas vezes, impostas. Reflita sobre qual o “poder da identidade” (CASTELLS, 2010) cultural para o estabelecimento das fronteiras dos Estados Nações.

### Geopolítica europeia: a desintegração da Iugoslávia

A Iugoslávia (Figura 1.7) foi criada como um Estado-nacional após a Primeira Guerra Mundial no leste europeu, e passou a reunir sobre um território diversos grupos étnicos, tais como croatas, macedônios, sérvios, eslovenos, montenegrinos, albaneses e húngaros. Tratava-se de um projeto geopolítico para a formação da Grande Sérvia.

Figura 1.7 | Iugoslávia



Fonte: elaborada pela autora.

Na Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia foi invadida pelos alemães, mas a Resistência Iugoslava, sob a liderança de Josip Broz Tito (1892-1980), obteve êxito. Assim, após a Segunda Guerra, Tito emergiu como um líder capaz de assentar a unificação do país, apesar das destacadas diferenças étnicas. Para alcançar a unificação, Tito reorganizou a Iugoslávia, tomando como princípio a igualdade entre as nacionalidades e as etnias (MAGNOLI, 2008), a fim de neutralizar os nacionalismos. Tito se apoiou em um sistema administrativo federalista que excluía os direitos políticos dos países que a Iugoslávia agregava, a saber, a Eslovênia, a Sérvia, Montenegro, a Croácia, a Macedônia, a Bósnia-Herzegovina. Além disso, de orientação comunista, Tito implantou o socialismo em 1945, mas logo, em 1948, rompeu com a União Soviética, uma estratégia de neutralidade frente às disputas entre os dois polos de poder, Estados Unidos e União Soviética, enquanto conservava sua economia planejada (MAGNOLI, 2008).

Com a morte de Tito, em 1980, a grave crise econômica e a ruína do sistema socialista na União Soviética, os separatismos na Iugoslávia ressurgiram. É nesse contexto que as eleições na Croácia e na Eslovênia foram vencidas pelos partidos separatistas; enquanto que na Sérvia o partido liderado pelo conservador Slobodan Milosevic, que defendia ainda as velhas ideias de constituição da Grande Sérvia, foi o vitorioso. Nessa conjuntura conflituosa, iniciam-se guerras e o processo de fragmentação da Iugoslávia. Em 1991, quando a Eslovênia declarou sua independência, foi atacada pelo Exército Federal. No mesmo ano, a Croácia, a Macedônia e Kosovo também reivindicaram suas independências. No ano seguinte, eclode a Guerra da Bósnia (1992-1995). A Bósnia era a república criada por Tito para formar uma zona de amortecimento entre a Croácia e a Sérvia, habitada por sérvios, croatas e muçulmanos. Na Guerra da Bósnia, os sérvios organizaram grupos paramilitares e empreenderam uma limpeza étnica de bósnios e croatas. Os conflitos duraram até 1995, quando a Assembleia Geral da ONU votou pelo embargo comercial à Sérvia. Dessa forma, foi assinado em Dayton (1995), nos Estados Unidos, o acordo de paz, que transformou a Bósnia-Herzegovina em duas repúblicas: uma sob controle dos croatas e outra, dos sérvios. As aspirações autonomistas de Kosovo, de maioria albanesa, também culminaram, em 1999, na Guerra de Kosovo, assunto tratado a seguir.

## Geopolítica europeia: conflito de Kosovo

Tito elevou Kosovo e Voivodina à condição de regiões autônomas na Sérvia, enfraquecendo e descontentando aos sérvios. Em 1989, após a morte de Tito, Milosevic revogou a autonomia e, em seguida, dissolveu o governo de Kosovo. Insatisfeitos com a subordinação, um grupo pró-separatismo declarou a independência unilateral de Kosovo, em 1991, que não foi reconhecida pela Iugoslávia.

É nesse contexto que foi criado o grupo separatista Exército de Libertação de Kosovo (ELK), que começou, por meio da luta armada contra a Sérvia, a reivindicar sua independência. Como o ELK ganhou território e passou a controlar mais de 40% de Kosovo, tropas militares sérvias foram enviadas à província com a finalidade de conter os avanços do ELK. A violenta ocupação militar agiu com o objetivo de promover uma limpeza étnica contra os albaneses. Assim, a Guerra de Kosovo (1998-1999) foi mais um dos desdobramentos da desintegração da Iugoslávia.

As negociações de paz entre a Sérvia e a OTAN falharam e a limpeza étnica promovida pelos sérvios continuou provocando a repercussão internacional do caso. Em março de 1999, a OTAN interveio no conflito e começou a bombardear a Sérvia, que ficou parcialmente destruída depois de mais de 70 dias de bombardeio. O acordo de paz começou a ser desenhado em junho de 1999 entre a OTAN e Milosevic, que se comprometeu a retirar as tropas iugoslavas de Kosovo e a aceitar a autonomia da região. Além disso, Milosevic aceitou que Kosovo se tornasse um protetorado da ONU (MAGNOLI, 2008) e fosse ocupada por tropas de segurança internacionais para garantir a segurança da população e o retorno de milhares de refugiados que acabaram migrando para a Albânia e para a Macedônia.

Em 2003, a Iugoslávia deixou de existir após a separação, pacífica, de Montenegro. Ainda hoje a Sérvia não reconhece Kosovo como país independente, apesar do reconhecimento da ONU já existir.

## Geopolítica europeia: a separação da Tchecoslováquia

A separação da Tchecoslováquia, assim como a desintegração da Iugoslávia, tem estreitas relações com o fim da União Soviética e do

socialismo no Leste Europeu.

Após a Segunda Guerra Mundial, o destino dos países europeus foi literalmente traçado na Conferência de Yalta, que reuniu os vencedores da Guerra: Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética. Como apontou Magnoli (2008, p. 85): “Nessa reunião histórica, reorganizaram-se as fronteiras soviéticas e foram estabelecidas as bases dos novos regimes políticos a serem implantados nos satélites nazistas e países ocupados pela Alemanha, na Europa Centro-Oriental”. Dessa forma, a hegemonia soviética foi imposta sobre o Leste Europeu, que passou a ser dirigido por partidos comunistas. Entre os países estavam a Polônia, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Romênia, a Bulgária, a Iugoslávia e a Albânia. A criação do Pacto de Varsóvia cristalizou a subordinação desses países-satélites (MAGNOLI, 2008).

Entretanto, a obediência à influência soviética já era contestada por movimentos populares em 1968 na Tchecoslováquia. Surgem levantes nacionalistas pela independência da influência de Moscou, intensificados pela ascensão de líderes políticos reformistas que deram maior liberdade de imprensa e retomaram os direitos civis e liberdades políticas (MAGNOLI, 2008). Tais acontecimentos, liderados por intelectuais reformistas, indicavam já uma desestabilização interna e distanciamento de Moscou. Em agosto de 1968, a União Soviética ocupou militarmente Praga (capital da Tchecoslováquia) para barrar as tentativas de revolução e fortalecer sua influência política sobre o Leste Europeu. A tentativa de liberação política seguida pela ocupação soviética ficou conhecida como a Primavera de Praga e se diferenciou de outras revoluções pela falta de resistência militar e por protestos pacíficos contrários ao domínio da União Soviética.

Com o fim da União Soviética, em 1989, ocorreu a transferência de poder na Tchecoslováquia por meio da Revolução de Veludo, nome que remete à forma pacífica com que o processo ocorreu. Após a ruptura com a União Soviética, as disparidades internas se tornaram gritantes: enquanto a região oeste do país era mais industrializada e desenvolvida, a região leste era basicamente agrária. Essas diferenças impulsionaram o processo de fragmentação e, em 1992, o parlamento da Tchecoslováquia decidiu pela separação do país em República Tcheca e Eslováquia, após 74 anos de unidade.

## Fluxos migratórios e xenofobia

Até meados do século XX, a Europa era um continente marcado pela emigração: as grandes guerras, a fome e a pobreza de diversos países estimularam a busca de muitas famílias por novos países onde pudessem trabalhar com segurança, criar os filhos ou começar uma vida nova. Assim, os europeus migraram para a América, Ásia e Oceania. No final do século XX, após o restabelecimento dos países, da estabilização política e do desenvolvimento econômico alcançado no pós-guerra, essa realidade se inverteu e o continente passa a receber cada vez mais imigrantes.

Para muitos países, a chegada de imigrantes pode ser vista como uma forma de solucionar os problemas relativos ao mercado de trabalho, uma vez que a população europeia está envelhecendo e a mão de obra torna-se cada vez mais escassa.

A Eurostat, órgão responsável pelos dados estatísticos na União Europeia, estimou que em janeiro de 2015, cerca de 34,3 milhões de pessoas que habitavam os países da União Europeia nasceram em outros países, representando 6,6% de sua população. Atualmente, os países que mais abrigam imigrantes são a Alemanha (7,5 milhões), o Reino Unido, e a Itália (5 milhões de pessoas), a Espanha (4,5 milhões) e a França (4,4 milhões). Esses países concentram 76% dos imigrantes da União Europeia e 63% da população da União Europeia (EUROSTAT, 2016).

Desde os anos 2010 a Europa vive uma grande crise imigratória. O termo crise imigratória faz referência a um aumento sensível do número do fluxo imigratório a um país ou região e aos problemas que esse acontecimento traz para os países de acolhimento. Tal crise é causada pelo aumento do fluxo de imigrantes provenientes especialmente do Oriente Médio e da África, que tentam entrar nos países da União Europeia via Mar Mediterrâneo ou através dos países Bálticos. Ela foi intensificada pelos milhares de refugiados sírios que estão saindo de seu país de origem em função da guerra em que se encontra desde 2011. O aumento da procura pelos países europeus, somado à livre circulação de pessoas dentro da União Europeia, pressiona a mudança da política migratória e é um dos principais motivos que conduziram ao Brexit, tema tratado na Seção 1.2.

A xenofobia - aversão, desconfiança ou antipatia contra

estrangeiros – existe na Europa desde os anos 1980, momento em que o continente passou a receber mais imigrantes do que enviar emigrantes para outros países. Contudo, eram situações esparsas e atitudes não apoiadas pela maioria da população desses países. Entretanto, as crises econômicas, o desemprego e a atual crise migratória têm ampliado os movimentos contrários à imigração e dado força aos partidos de extrema direita que, com um discurso nacionalista, colocam a necessidade de proteção da soberania, as tradições e a comunidade.



### Pesquise mais

Diversos filmes têm como tema os conflitos na Irlanda do Norte e o grupo separatista IRA. Entre eles, indicamos:

**Agente C: dupla identidade** (2013). Duração: 1h 42 min.

O filme se passa na década de 1970, retratando as atividades do IRA no Reino Unido e os esforços dos policiais britânicos para tentar conter os atentados terroristas.

**71 – Esquecido em Belfast** (2015). Duração: 1 h 44 min.

Também ambientado nos anos 1970, em Belfast, capital da Irlanda do Norte, trata do momento em que o Reino Unido suspende a autonomia administrativa e ocupa militarmente a Irlanda do Norte.

## Sem medo de errar

O espaço geográfico é uma sucessão de tempos (SANTOS, 2002). É o antigo convivendo com o novo. Dessa forma, ele está em constante movimento de renovação, mas nem todas as formas pretéritas são eliminadas, elas podem receber novos usos, novas funções.

Os conflitos armados são episódios que traumatizam gerações e lembrar/rememorar esses acontecimentos são tentativas de se buscar sempre os caminhos de paz, para que tais situações não voltem a ocorrer. As lembranças dos conflitos são passadas de geração a geração, seja por meio das conversas, ou da educação formal da história. Uma forma de perpetuar a lembrança desses trágicos acontecimentos pode se dar por meio das rugosidades. As rugosidades são heranças físico-territoriais e também socioterritoriais

(SANTOS, 2002). No caso de conflitos armados e guerras, podemos identificar no espaço geográfico europeu dois tipos de rugosidades ligadas às guerras: aquelas remanescentes dos próprios conflitos armados, tais como ruínas de edifícios ou de cidades, alterações na fronteira, campos de extermínio ou de concentração, campos de batalha, trincheiras, entre outros; e aquelas que foram criadas após os conflitos com o objetivo de nos fazer recordar sobre os acontecimentos. Nesse caso, enquadram-se os museus de guerra, os memoriais e os cemitérios de guerra, por exemplo. Fato é que as duas categorias de rugosidades, intencionalmente ou não, estão carregadas de função memorial. Dessa forma, um olhar atento para a paisagem pode ser revelador: uma cidade que parece à primeira vista harmônica pode conter tais rugosidades que comunicam passados belicosos.

## Faça valer a pena

### 1.



No atual contexto, conflitos e movimentos nacionalistas unificadores ou separatistas segregam grupos, redemarcam fronteiras reais ou simbólicas, desintegram e criam nações e atualizam o debate sobre a capacidade do Estado-nação para equacionar diferentes formas de pertencimento, bem como sua legitimidade para a manutenção de uma comunidade coexistente a uma cidadania democrática ou ativa [...] (LEITE, 1998)

Há diversos movimentos nacionalistas no mundo defendendo a autonomia ou a independência de seus territórios. A Europa, em especial, é marcada por três grupos nacionalistas que utilizaram táticas terroristas para alcançar seus objetivos separatistas, o ETA, o IRA e o ELK.

Associe corretamente as colunas entre os grupos separatistas e seus locais e motivação de atuação:

- I. IRA – Exército Republicano Irlandês
- II. ELK – Exército de Libertação do Kosovo
- III. ETA – Pátria Basca de Liberdade

- A. Grupo terrorista que reivindicava a independência da região do País Basco, atualmente subordinada à Espanha.
- B. Grupo terrorista que reivindicava a independência da região do País Basco, atualmente subordinada ao Reino Unido.
- C. Grupo terrorista que reivindicava a independência da Irlanda do Norte, atualmente subordinada ao Reino Unido.
- D. Grupo terrorista que reivindicava a independência da Irlanda do Norte, atualmente subordinada à Espanha.
- E. Grupo terrorista que reivindicava a independência de Kosovo quando a região estava subordinada à Sérvia.
- F. Grupo terrorista que reivindicava a independência de Kosovo quando a região estava subordinada à Tchecoslováquia.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta da associação entre as duas colunas.

- a) I – C; II – E; III – A.
- b) I – C; II – F; III – A.
- c) I – D; II – E; III – A.
- d) I – D; II – F, III – B.
- e) I – C; II – E; III – B.

## 2.

Não há nada mais absurdo que ouvir dizer que todo sistema de limites é arbitrário. Sem dúvida, todo sistema de limites é convencional, mas desde o momento em que foi pensado, colocado no lugar e que funcione, ele não é mais arbitrário, pois facilita o enquadramento de um projeto social, aquele mesmo de uma sociedade.



Com relação à noção de fronteira e limites apresentados pelo autor, afirma-se que:

- I. As fronteiras naturais, aquelas apoiadas em rios, montanhas ou qualquer outro “acidente geográfico”, são estipulações de ordem natural.
- II. As revoluções são períodos de transformações de projetos sociais e podem acarretar mudanças em limites territoriais.
- III. Os limites arbitrários devem ser questionados.
- IV. Os limites e fronteiras organizam o espaço geográfico em territórios.

A respeito das assertivas apresentadas, estão corretas:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e IV.
- d) I e III.
- e) III e IV.

### 3. O trecho a seguir retrata o período de conflito em Kosovo.



A escalada da repressão ao separatismo kosovar em 1998 provocou mudanças graduais nas posições das lideranças europeias e norte-americanas em relação à política iugoslava no Kosovo, apesar de a necessidade de contar com os sérvios como parceiros na implementação dos acordos de Dayton continuar a incidir significativamente na orientação desses países em relação ao problema. Era cada vez maior, por exemplo, a preocupação com o registro de massacres de civis albaneses no Kosovo, numa aparente repetição das táticas adotadas pelos sérvios nas operações de limpeza étnica durante a guerra na Bósnia (PONTES NOGUEIRA, 2000).

Considerando esse contexto, avalie as seguintes asserções e a relação proposta entre elas.

I. Em 1998, após a eleição de Milosevic como presidente da Iugoslávia, houve aumento da repressão dos movimentos separatistas de Kosovo e massacre da população albanesa no país.

Porque

II. Kosovo, formado por maioria albanesa, começou a reivindicar sua autonomia perante a Iugoslávia com o fim do socialismo e a dissolução da União Soviética, o que comprometia os ideais de Milosevic de retomada do plano de constituição da Grande Sérvia.

A respeito das duas asserções apresentadas, assinale a alternativa correta:

- a) As asserções I e II são falsas.
- b) As asserções I e II são verdadeiras, mas a II não é justificativa da I.
- c) As asserções I e II são verdadeiras e a II é consequência da I.
- d) A asserção I é verdadeira e a II é falsa.
- e) A asserção II é verdadeira e a I é falsa.

# Referências

ADVEEV, Alexandre; et al. Population et tendances démographiques des pays européens (1980-2010). **Population**, v. 1, n. 66, p. 9-133, 2011. Disponível em: <<https://www.ined.fr/fr/publications/conjoncture-demographique/populations-et-tendances-demographiques-des-pays-europeens-1980-2010/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Terra e Paz, 2010.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CONGRESSO NACIONAL. **Globalização e Integração: Blocos Econômicos**. s.d. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/mercosul/blocos/introd.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DELÉPINE, Samuel. Tsiganes d'Europe. Une minorité en danger? **Diploweb.com**: La revue géopolitique, set. 2008. Disponível em: <<http://www.diploweb.com/Tsiganes-d-Europe-Une-minorite-en.html>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

EUROSTAT. **Analysis of key indicators according to the extent of the family labour force, EU-28, 2013 Ag2016**. 2016a Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Analysis\\_of\\_key\\_indicators\\_according\\_to\\_the\\_extent\\_of\\_the\\_family\\_labour\\_force,\\_EU-28,\\_2013\\_Ag2016.png](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Analysis_of_key_indicators_according_to_the_extent_of_the_family_labour_force,_EU-28,_2013_Ag2016.png)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

EUROSTAT. **Agriculture statistics - family farming in the EU. 2016b**. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Agriculture\\_statistics\\_-\\_family\\_farming\\_in\\_the\\_EU](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Agriculture_statistics_-_family_farming_in_the_EU)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

EUROSTAT. **Statistiques sur la migration et la population migrante**. 2016. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration\\_and\\_migrant\\_population\\_statistics/fr](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics/fr)>. Acesso em: 2 abr. 2017.

EUROSTAT. **Statistiques sur les tendances de la migration pendulaire au niveau regional**. 2016c. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Statistics\\_on\\_commuting\\_patterns\\_at\\_regional\\_level/fr&oldid=313596](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Statistics_on_commuting_patterns_at_regional_level/fr&oldid=313596)>. Acesso em: 25 mar. 2017.

ESPAÑA. Constitución Española. 1978. Disponível em: <<http://www.boe.es/boe/dias/1978/12/29/pdfs/A29313-29424.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, 2012.

GUMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. **Estud. av.**, São Paulo, v. 22, n. 62, jan. /abr. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142008000100010>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.

LEITE, Rogerio Proença. A nação como sistema e os novos nacionalismos. **Lua Nova**,

v. 44, p. 191-210, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n44/a09n44.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo**: os grandes acontecimentos mundiais – da guerra fria aos nossos dias. 2. ed. São Paulo: Atual, 2008.

MARTINELLI, Marcello. Relevo do estado de São Paulo. **Confins**, n. 7, 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6168>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton. BECKER, Bertha. (Orgs.). **Território, territórios**: ensaio sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 72-108.

ONU – Organização das Nações Unidas. **World Population Prospects The 2015 Revision**. Disponível em: <[https://esa.un.org/Unpd/wpp/Publications/Files/Key\\_Findings\\_WPP\\_2015.pdf](https://esa.un.org/Unpd/wpp/Publications/Files/Key_Findings_WPP_2015.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2017.

PONTES NOGUEIRA, João. A guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: notas sobre a (re) construção do Estado no fim do milênio. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 15, n. 44, p. 143-160, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4152.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

# América

## **Convite ao estudo**

Daremos continuidade ao nosso curso de Geografia Geral com o estudo do continente americano. Assim como para o continente europeu, vamos destacar as particularidades do quadro natural, humano e econômico do continente americano e também a forma como as sociedades organizam esse espaço. Separamos nosso objeto de estudo em duas regiões: América Latina e América Anglo-saxônica. Isso porque cada uma delas apresenta elementos do ponto de vista histórico, cultural e socioeconômico que as diferenciam. Dessa forma, dedicamos as Seções 2.1 e 2.2 ao estudo da América Latina e a Seção 2.3 ao estudo da América Anglo-saxônica.

Para iniciarmos esta unidade, propomos uma situação-problema que envolve as multinacionais, um dos aspectos mais marcantes do mundo globalizado.

Também conhecidas por transnacionais, as multinacionais são empresas (indústrias e prestadoras de serviços) que foram criadas em um país, mas que desenvolvem suas atividades em diversos lugares. Em geral, a sede da empresa permanece no país de origem, enquanto suas filiais são abertas em países terceiros. Vamos tomar como exemplo a empresa fabricante de veículos, Ford. Trata-se de uma empresa norte-americana, fundada por Henry Ford em 1903, na cidade de Detroit. Logo no ano seguinte à sua criação, a empresa abriu uma filial no Canadá, posteriormente, fez o mesmo na Argentina, na Inglaterra e, em 1912, no Brasil. Atualmente a empresa está presente em todos os continentes e é a segunda maior produtora de automóveis e caminhões do mundo.

Diversas outras empresas seguiram o mesmo caminho:

abriram filiais ou transferiram suas unidades produtivas para países distantes. Esse movimento de emigração dos Estados Unidos fez com que muitas cidades industriais perdessem suas indústrias automobilísticas e, conseqüentemente, seus postos de empregos, e se tornassem cidades fantasmas. É o que retrata o cineasta Michael Moore no documentário *Roger e Eu*, produzido em 1989. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Roger\\_e\\_Eu&oldid=43221404](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Roger_e_Eu&oldid=43221404)>. Acesso em: 1 mar. 2017.

Tal documentário aborda o fechamento de 11 fábricas da General Motors na cidade de Flint, nos Estados Unidos, o que levou ao desemprego de metade da população economicamente ativa do município. A tendência de fechamento de unidades industriais nos Estados Unidos se acentuou nos anos 2000. Lá, a mão de obra empregada no setor foi reduzida em mais de 859 mil postos, enquanto houve aumento no exterior, em especial na Ásia, com a criação de 1,5 milhão de vagas, e na América Latina, com quase 500 mil vagas.

No mundo todo, estima-se que existam mais de 50 mil empresas com essas características. São, portanto, um importante agente do sistema econômico internacional, algumas com poder econômico superior ao PIB de diversos países

# Seção 2.1

## América Latina I

### Diálogo aberto

Os Estados Unidos são um dos maiores países em número de empresas multinacionais: em 2009, eram 2.226 delas. Vamos considerar uma situação hipotética em que você é o presidente de uma grande multinacional norte-americana e pretende ampliar os negócios e os lucros da empresa. Para isso, você e sua equipe nos Estados Unidos buscam uma boa estratégia e cogitam a possibilidade de expandir os negócios para outros países. Definem quais seriam os motivos para uma possível transferência de suas unidades produtivas para países como o México ou outro país latino-americano. Que aspectos dos países é preciso considerar quanto ao mercado de trabalho, à localização, às taxas e impostos, por exemplo?

### Não pode faltar

**Regionalização: América do Norte, Central e do Sul; América Latina e Anglo-saxônica**

De forma geral, regionalizar é diferenciar o espaço geográfico com base em determinados critérios. Segundo Corrêa (2003, p. 45-46), região é:

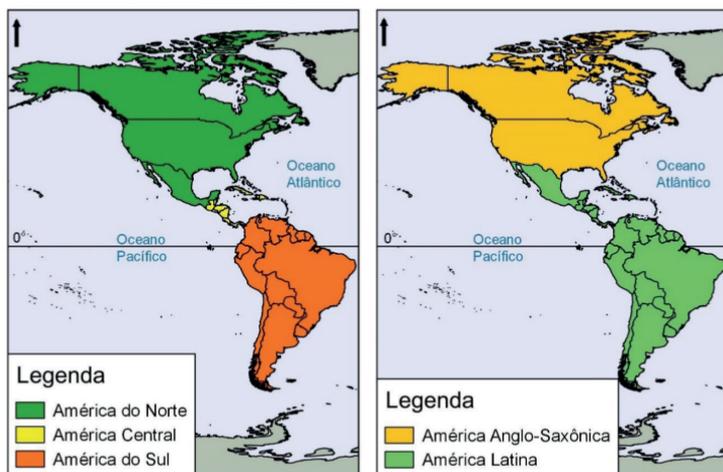
[...] uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos.



Podemos regionalizar o continente americano utilizando dois principais critérios: o que considera a extensão física e que divide o continente em América do Norte, Central e do Sul e o que considera os indicadores socioeconômicos e divide o continente em América

Anglo-saxônica e América Latina (Figura 2.1). A separação em América Latina e América Anglo-saxônica é comumente adotada nos livros didáticos de Geografia do ensino médio e fundamental para facilitar o estudo do continente americano, e é a forma escolhida para apresentar tal conteúdo também neste material.

Figura 2.1 | Regionalização do continente americano



Fonte: elaborada pela autora.

Podemos dizer que a América Latina é formada por uma porção continental e outra, insular. A porção continental é composta pelos países da América do Sul, pela porção istmica da América Central e pelo México. Já a porção insular é formada pelas ilhas do Mar do Caribe.

A América Anglo-saxônica é formada pelos Estados Unidos e pelo Canadá. Dedicamos as duas primeiras seções desta unidade para tratar da América Latina e a última seção para tratar da América Anglo-saxônica.



## Vocabulário

Istmo, segundo o Glossário Geológico do IBGE (1999, p. 112), consiste em "uma faixa de terra firme, relativamente estreita, que une duas porções do continente"

## América Latina: as paisagens naturais e o quadro físico

A América Latina possui uma grande extensão latitudinal: da Zona Temperada do Norte até as altas latitudes da Zona Temperada Sul, próximas à Antártida, e isso, somado à variação no relevo e à influência de correntes marítimas e massas de ar, garante uma grande diversidade paisagística.

Figura 2.2 | O relevo da América Latina



Fonte: <<https://pixabay.com/pt/mapa-do-mundo-mapa-mapa-de-relevo-1804890/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Com relação às cadeias montanhosas a oeste, destacamos as Sierras Madres Ocidental e Oriental, no México, e a Cordilheira dos Andes, na América do Sul. Suas altitudes são superiores a 3.000 metros e atingem quase 7.000 metros no Pico do Aconcágua, na Argentina. Esse extenso conjunto de montanhas recentes foi formado na Era Cenozoica em função da dinâmica das placas tectônicas. Trata-se da zona de contato entre as Placas Sul-americana, Caribenha e Norte-americana de um lado, e das Placas Nazca e dos Cocos, de outro lado. É uma zona de subducção e, por conta do choque entre as placas, a costa oeste da América Latina é marcada por grande instabilidade sísmica, com vulcanismo, terremotos e risco de tsunamis.



As placas tectônicas recobrem toda a superfície terrestre e estão em constante movimentação por encontrarem-se apoiadas na astenosfera, camada de composição pastosa, logo abaixo da litosfera. No limite das placas tectônicas, as movimentações podem causar terremotos, vulcanismo, cadeias montanhosas e falhas geológicas. Existem três tipos de limites de placas: os transformantes, os divergentes e os convergentes. Nos limites transformantes ou conservativos as placas deslizam lateralmente umas nas outras, um exemplo que resulta desse processo é a falha de San Andreas, na América do Norte. Nos limites divergentes ocorre o afastamento das placas tectônicas, um exemplo ocorre com as dorsais meso-oceânicas. Nos limites convergentes ocorre a colisão entre as placas: a placa mais densa mergulha sob a menos densa e forma a zona de subducção, seguida de formações de fossas e áreas de vulcanismo, como ocorre com a Placa do Pacífico (TEIXEIRA, 2009).

As planícies mais expressivas são a Planície Amazônica e a Planície Platina. São planícies interiores formadas pelos processos de sedimentação e erosão causados pela dinâmica das bacias hidrográficas que as compõem. Há ainda as planícies costeiras, que contornam toda a América Latina e são formadas pela sedimentação e erosão marítima.

Um dos principais reflexos da amplitude latitudinal da América Latina é a sua diversidade em paisagens climáticas e botânicas. Assim, os climas variam desde o equatorial, em baixas latitudes, ao temperado e desértico.

Deve-se destacar ainda que a América do Sul abriga a maior floresta equatorial do mundo e a maior reserva em biodiversidade. A floresta Amazônica se estende pelo Brasil (que concentra cerca de 60% dela), Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

### A formação do espaço latino-americano

O processo de formação do espaço latino-americano está vinculado à chegada dos europeus, em 1492, ao Novo Continente. A busca por riquezas, em especial, por ouro e prata, trouxe, em diversas expedições, espanhóis e portugueses para o continente americano.

Junto ao desejo de riqueza veio a dominação dos povos indígenas que, em muitas regiões do continente, foram exterminados em função dos trabalhos forçados, de doenças ou de resistência à dominação. Galeano (2016, p. 35) aponta que “o desnível do desenvolvimento dos dois mundos explica em grande parte a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas”, que desconheciam o ferro, o arado, o vidro e a pólvora.

Moraes (2000, p. 23) ressalta que “os territórios coloniais atuaram como as bases da construção dos territórios nacionais na América Latina”. Nesse sentido, há que se identificar diferenças entre a colonização portuguesa no Brasil e a colonização espanhola no restante da América Latina. Segundo Holanda (2004, p. 95-96), os espanhóis se preocuparam em assegurar o domínio militar sobre sua colônia e para isso criaram em diversos pontos de seu território ultramarino “grandes núcleos de povoação estáveis e bem ordenados”. Além disso, de acordo com o autor, os espanhóis tinham a intenção de “fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu”, o que levou, a partir da década de 1530, à criação de diversas universidades em diversas regiões da América espanhola. Diferentemente, a colonização portuguesa foi marcada pelo “seu caráter de exploração comercial” (HOLANDA, 2006, p. 98) e concentrou seus esforços de ocupação no litoral pelo receio de invasões de seu território por via marítima. Somente com a descoberta do ouro nas Gerais, após três séculos de colonização, é que houve um processo de interiorização da ocupação portuguesa no território que viria a ser o Brasil.

Apesar das diferenças entre a América portuguesa e a espanhola, os séculos de exploração colonial enriqueceram e permitiram o desenvolvimento do capitalismo na Europa, mas conduziram, por outro lado, a um quadro de atraso e miséria na América Latina, conforme observa Galeano (2010, p. 19), “nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia”. Essa foi a regra, ciclo após ciclo: a exploração da prata em Potosí, do ouro em Ouro Preto, da cana-de-açúcar no litoral brasileiro e nas ilhas do Caribe, as matas argentinas, o petróleo do lago Maracaibo (atual Venezuela), entre outros. A exploração continua. Embora diversas colônias tenham conquistado sua independência política, elas continuam subordinadas economicamente às antigas metrópoles ou aos novos centros de poder econômico, em especial, aos Estados Unidos.



"É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder" (GALEANO, 2010, p. 18). A citação retrata a colonização latino-americana e como ela conduziu a lógica de formação espacial dos países. A formação colonial do espaço da América Latina se diferenciou da formação colonial do espaço da América Anglo-saxônica. Reflita sobre como essas diferenças contribuíram para o desenvolvimento de quadros sociais e econômicos díspares entre esses dois grupos de países.

## América Central e México

A América Central é composta por uma porção continental, com sete países, e por uma porção insular, denominada Antilhas, formada por 13 países e outros 16 territórios estrangeiros, tais como as Ilhas Virgens (em partes pertencentes aos Estados Unidos e partes à Inglaterra) e as Antilhas Holandesas. A alta fragmentação da América Central pode ser explicada pelo fato de não ter existido, no passado, nenhuma grande civilização na região. Atualmente, existem consideráveis problemas de fronteiras entre Belize e Guatemala, e entre El Salvador e Honduras.

Existem mais de 700 ilhas na América Central: as Grandes Antilhas têm formação continental, as Pequenas Antilhas são vulcânicas e as Bahamas, coralíneas. O posicionamento da América Central na Zona Intertropical influencia a formação vegetal de florestas tropicais. Ela está posicionada na Placa Caribenha, e como se trata de uma placa de pequena extensão e constantes choques, é uma região com grande instabilidade tectônica. O relevo marcado pelo tectonismo e vulcanismo resulta em instabilidade sísmica por um lado e solos férteis, por outro.

Na América Central não há nenhum país que, de fato, possa ser considerado industrializado. O país de destaque é a Costa Rica, que apresenta a melhor situação econômica. De modo geral, a América Central possui uma economia frágil baseada, sobretudo, na exploração e exportação de gêneros agrícolas, tais como açúcar, banana, cacau, café, tabaco, frutas e algodão. Outra importante fonte de recursos econômicos para a América Central é a atividade

turística. Dos 25 melhores destinos turísticos do mundo, cinco são centro-americanos: a Jamaica, Roatan (Honduras), Cayo Ambergris (Belize), Ilha de São Martinho (França e Holanda) e a Grande Cayman (Ilhas Cayman) (TRIP ADVISOR, 2017). Porém, há que se destacar que a atividade turística é explorada por grandes redes hoteleiras de capital transnacional.

O México é a segunda maior economia da América Latina, trata-se, portanto, de um país em desenvolvimento. Segundo a ONU, seu IDH é de 0,762 e, em vista disso, está entre os países com alto IDH.

Como todos os países em desenvolvimento da América Latina, o México é marcado pelos altos índices de urbanização: 78%, segundo o IBGE Países (2016); cerca de 57% da população está concentrada em regiões metropolitanas. O crescimento acelerado dessas cidades conduziu a graves problemas urbanos que se transformam em desafios para os gestores públicos, tais como os índices crescentes de desigualdade social e violência, a falta de mobilidade urbana e a precariedade no saneamento básico e abastecimento de água. Sua capital, a Cidade do México, possui cerca de 8 milhões de habitantes e sua região metropolitana agrega mais 20 milhões de pessoas (ONU, 2015).

Na economia mexicana é importante dar destaque à exploração do petróleo, que é extraído, sobretudo, de plataformas marítimas no Golfo do México. Apesar de possuir uma economia diversificada, o petróleo é um produto fundamental para a sua economia, o México é o 18º país no mundo em reservas comprovadas e as exportações de petróleo representam 12% das divisas do país (MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2016).

Outro aspecto importante para a caracterização da economia mexicana é sua proximidade com os Estados Unidos, que estimula diversas empresas americanas (chamadas de empresas maquiladoras) a abrirem filiais no México (Figura 2.3) e contribuem para a dinamização econômica da região de fronteira. Por outro lado, a proximidade dos dois países estimula a migração dos mexicanos para os Estados Unidos, enquanto estes tentam cada vez mais coibir a entrada ilegal desses imigrantes em seu território.



As empresas maquiladoras se instalam no México desde a década de 1960 para se beneficiar das vantagens locais que o país oferece, tais como impostos e mão de obra mais baratos. Essas empresas aproveitam da porosidade das fronteiras entre os dois países para promover a circulação de mercadorias, que foi ampliada com a entrada em vigor do Nafta, assunto que será tratado em breve. Geralmente são empresas de montagem e de acabamento de produtos eletrônicos e de vestuário, que, após prontos, serão exportados não só para os Estados Unidos, mas também para outros grandes centros consumidores, como o Japão e a Alemanha.

Figura 2.3 | Fronteira entre San Diego (Estados Unidos), à esquerda, e Tijuana (México), à direita



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2614735>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

Assim como no Brasil, o campo mexicano apresenta altos índices de concentração fundiária. A má distribuição das terras agricultáveis ocasionou diversas lutas camponesas em sua história, em especial no século XX. A Revolução Mexicana (1910) foi uma batalha composta, essencialmente, pelos camponeses que pretendiam acabar com o latifúndio e a exploração do trabalhador. Na porção sul do país, Emiliano Zapata foi um dos líderes dessa revolução e ainda hoje inspira os movimentos pela reforma agrária no país.

### Haiti: o país mais pobre das Américas

O Haiti está localizado na porção insular da América Central. O

país possui aproximadamente 27 mil km<sup>2</sup>, o que corresponde à área do estado brasileiro de Alagoas. Trata-se de um país de pequena dimensão territorial e pequena população, em torno de dez milhões de habitantes, sendo que aproximadamente dois milhões estão concentrados em sua capital, Porto Príncipe (EMBASSY OF HAITI, 2017).

O Haiti é considerado o país mais pobre do continente americano, o que se reflete em seu IDH, que, segundo a ONU, é de 0,493, considerado baixo (ONU, 2016). É um país ainda bastante agrário, seu grau de urbanização está próximo de 52%, muito próximo da média mundial.

O Haiti ocupa a porção oeste da ilha Espanhola (ou ilha de São Domingos), enquanto a República Dominicana ocupa a porção leste da ilha. Essa divisão está diretamente relacionada com a colonização espanhola e francesa na região. Em 1697 a parte oeste da ilha, onde se encontra hoje o Haiti, foi cedida pela Espanha à França. Durante a colonização, o Haiti se tornou a colônia francesa mais próspera na América, com a exploração e exportação de café, cacau, anil, algodão, cana-de-açúcar (GORENDER, 2004). Entretanto, após seu processo de independência, em 1804, a situação se deteriorou. Isso porque diversos governos se sucederam, e líderes foram depostos ou assassinados, levando o país a um quadro de instabilidade política extrema e de crise econômica. Gorender (2004) pontua que o domínio da agricultura de subsistência, sem outras perspectivas para a economia, e os embargos econômicos impostos pelos Estados Unidos e outras nações latino-americanas também são fatores responsáveis pelo subdesenvolvimento haitiano.

Na década de 1990, com a democratização política do país, o padre Jean-Bertrand Aristide foi eleito presidente, mas foi deposto logo em seguida. Em 1994, frente à instabilidade do governo haitiano, a ONU, liderada pelos Estados Unidos, interveio no país. Assim, Thomaz (2010) aponta que tudo o que é feito no Haiti desde 1993 corre sob tutela das grandes organizações internacionais.

Em 2001, Aristide ganha novamente as eleições e assume como presidente, sob suspeita de fraude na votação. Logo em seguida, em 2004, um grupo de insurgentes começou um conflito armado contra o governo e passou a controlar uma parte do norte do país. O presidente Bertrand Aristide foi deposto e exilado, seu sucessor,

Boniface Alexandre, foi empossado como presidente interino e solicitou junto à ONU a assistência das tropas internacionais para pacificar o país. Assim, no mesmo ano, a ONU autorizou a formação da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), que recebe a contribuição das forças armadas de diversos países, tais como o Brasil, o Chile, a Argentina, a França, o Canadá, o Uruguai, entre outros. Trata-se, portanto, de uma missão de paz multinacional e temporária, seu objetivo primeiro era promover a estabilização política do país após a deposição e exílio do presidente, pacificar e desarmar os grupos paramilitares, auxiliar a realização de eleições livres e proteger os direitos humanos (ONU, 2017).

A situação de pobreza e falta de perspectivas se agravou em 2010 após um devastador terremoto de magnitude 7.0, cujo epicentro esteve localizado a 22 km de Porto Príncipe. O evento foi responsável por instalar o país em um imenso caos: estimativas do governo haitiano indicam que morreram mais de 220.000 pessoas, cerca de 80% das construções foram danificadas, mais de 2,3 milhões de pessoas (1/4 da população do país) ficaram desabrigadas. Por conta do terremoto, o abastecimento de água e energia elétrica foi interrompido e a falta de saneamento básico provocou um surto de cólera (ONU, 2017).

Depois do terremoto, a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, em português) forneceu assistência humanitária a 4,3 milhões de haitianos e abrigo temporário a cerca de 1,5 milhão de pessoas (ONU, 2017).

Atualmente, passados mais de 10 anos da MINUSTAH, os haitianos defendem a retirada dos militares e o fornecimento de outros tipos de ajuda que promovam mudanças reais e desenvolvimento econômico para o país.



**Pesquise mais**

THOMAZ, O. R. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 86, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002010000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100002)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Omar é professor do Departamento de Antropologia da Unicamp e esteve no Haiti durante os terremotos de 2010. Neste artigo ele faz uma descrição estupefaciente dos acontecimentos e uma crítica da função desempenhada pela missão humanitária nos dias que seguiram aos terremotos.

## Sem medo de errar

As multinacionais ou transnacionais são empresas com sede em um determinado país, mas que desenvolvem suas atividades em outros, por meio da implantação de filiais. Essa flexibilização da produção só foi possível graças aos avanços nos meios de transporte, que permitiram o aumento do volume e o barateamento da circulação das peças e mercadorias prontas, e aos avanços nos meios de comunicação, que permitiram o envio de ordens e o controle da produção em locais distantes. O motivo principal da transferência de unidades produtivas para países em desenvolvimento é a ampliação do lucro de tais empresas, o que também pode ser refletido em redução dos custos das mercadorias para o consumidor final. Assim, muitas empresas têm optado por transferir suas unidades produtivas (ou parte delas) para países em desenvolvimento, tais como o México e a China. São países que oferecem mão de obra mais barata, e isso significa economia no pagamento dos salários e, conseqüentemente, aumento do lucro das empresas. Além disso, tais países cobram menos impostos pelas mercadorias produzidas. No México, em especial, muitas empresas norte-americanas se instalaram por conta da proximidade entre os países, o que garante rapidez maior na exportação dos produtos para o mercado consumidor final, que são os Estados Unidos. As empresas que pretendem expandir suas áreas de atuação devem levar em consideração diversos aspectos dos países vislumbrados, a mão de obra e os impostos baratos são dois deles. Outros importantes aspectos são: estabilidade política do país, existência de fontes de energia seguras e constantes, de recursos hídricos abundantes, mão de obra qualificada e disciplinada, entre outros.

## Faça valer a pena

1. A figura seguinte representa o relevo da América Latina.



Fonte: adaptada de <<https://pixabay.com/pt/mapa-do-mundo-mapa-mapa-de-relevo-1804890/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Associe os números apresentados na figura com as formas de relevo:

- ( ) Planalto das Guianas
- ( ) Planície Amazônica
- ( ) Planalto Brasileiro
- ( ) Cordilheira dos Andes
- ( ) Planície Platina
- ( ) *Sierra Madre*

Assinale a alternativa que apresenta correta correspondência dos números e formas de relevos:

- a) 3, 5, 6, 4, 2, 1.
- b) 5, 3, 2, 1, 4, 6.
- c) 4, 2, 6, 1, 5, 3.
- d) 3, 4, 5, 2, 6, 1.
- e) 3, 5, 4, 2, 6, 1.

## 2.

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializaram em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções [...] a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte de reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que, consumindo-os ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los. (GALEANO, 2016, p. 17)



Considerando a linha de pensamento do autor do excerto apresentado, avalie as seguintes asserções e a relação proposta entre elas:

I. Nas últimas décadas, a América Latina vem superando o quadro de pobreza e subdesenvolvimento graças ao empreendedorismo e ao grande volume de mão de obra disponível. Muitos países latino-americanos, como o Brasil, a Argentina e o México, tornaram-se países industrializados e alavancaram o desenvolvimento regional.

Porque

II. Apesar de a exploração colonial na América Latina ter garantido o enriquecimento das metrópoles, após as independências políticas, a exportação da riqueza natural (petróleo, ferro, cobre, alimentos, café) passou a gerar recursos que fundamentam o desenvolvimento econômico latino-americano.

A respeito das asserções apresentadas, assinale a alternativa correta:

- a) As asserções I e II são falsas.
- b) As asserções I e II são verdadeiras, e a II é justificativa da I.
- c) As asserções I e II são verdadeiras, mas a II não é justificativa da I.
- d) A asserção I é verdadeira, mas a asserção II é falsa.
- e) A asserção II é verdadeira, mas a asserção I é falsa.

### 3.



A noite aproximava-se, e percebemos a impossibilidade de retornar à casa de carro: casas, muros, postes haviam caído e as estreitas ruas de Porto Príncipe estavam obstruídas. Automóveis haviam sido abandonados, outros estavam sob escombros, alguns tap taps\* tentavam circular apinhados de mortos e feridos. Começamos a caminhar. Não víamos nem ouvíamos ambulâncias ou carros de polícia ou bombeiros. Víamos um misto de dor e estupor, e os feridos já começavam a ser dispostos pelas calçadas, assim como cadáveres. Estavam mortos, e alguns pareciam que dormiam. Minha tentação era a de tentar acordá-los, mas sabia que estavam mortos. (THOMAZ, 2010, p. 25)

\*tap taps - pequenas camionetes, vans ou ônibus que fazem transporte público.

O excerto apresentado descreve um evento traumático para um país com população já bastante castigada pela pobreza.

Assinale a alternativa que apresenta o evento e o país/região que é retratado no texto.

- a) O fenômeno é o furacão Matthew, em 2006, que passou pelo Haiti e deixou 842 mortos. Também atingiu a Flórida com ventos de mais de 200km/h e deixou 559 mil pessoas sem energia elétrica.
- b) O fenômeno é o furacão Katrina, em 2005, um dos mais avassaladores dos Estados Unidos, principalmente a cidade de Nova Orleans. Ele deixou 1,8 mil mortos e mais de 1 milhão de desabrigados.
- c) O fenômeno é o terremoto que atingiu o Haiti, em 2010, com magnitude 7.0, que deixou cerca de 200 mil mortos e destruiu mais de 80% da infraestrutura de algumas cidades afetadas.
- d) O fenômeno é o terremoto que atingiu a costa oeste do México, em 2010, com magnitude de 6.2, e causou a destruição da cidade de Manzanillo, localizada a 10 km do epicentro do terremoto.
- e) O fenômeno é o terremoto que atingiu o Chile, em 2010, com magnitude 7.7, cujo epicentro estava localizado a 40 km de Puerto Quellon e para o qual foi emitido um alerta de tsunami para tentar reduzir as perdas.



## Seção 2.2

### América Latina II

#### Diálogo aberto

Vamos considerar outra situação que também envolve uma empresa multinacional norte-americana.

Agora, você é o prefeito de uma cidade média brasileira. Seu município possui 120 mil habitantes e um polo industrial que abriga três indústrias do mesmo ramo: fabricam tintas. Como prefeito, você está interessado em atrair novas indústrias e negocia com o presidente de uma empresa multinacional a abertura de uma filial no polo industrial da cidade. mas o presidente da empresa tem dúvidas se o seu município é o melhor para a empresa, uma vez que há outros prefeitos interessados. Milton Santos chamou a "luta entre os lugares para atrair novos investimentos" de Guerra dos Lugares (SANTOS, 2002, p. 88). Esta é uma situação presente em vários países, em especial, nos latino-americanos, que supostamente estão em processo de desenvolvimento e possuem economias frágeis. Como prefeito da cidade, você deve pensar em ceder ou não às negociações/barganhas do presidente da empresa. Para isso, pense nos benefícios e dificuldades imediatas e em longo prazo que essa negociação poderia causar ao município. Reflita acerca dos aspectos positivos e negativos e tome uma decisão pensando no melhor para a cidade.

#### Não pode faltar

##### A geopolítica da construção do Canal do Panamá

A construção do Canal do Panamá compõe um importante episódio da geopolítica do continente americano. Isso porque o Canal foi construído pelos Estados Unidos, devido aos interesses em reduzir as distâncias de transportes de mercadorias entre o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico. A rigor, não se trata de um canal porque não

há ligação direta entre as águas do Oceano Atlântico e Pacífico, mas sim de um conjunto de eclusas e lagos artificiais que permitem que as embarcações alcancem a altura do istmo e, depois, a altura do oceano. Tal Canal possui cerca de 80 km de extensão e é composto por seis eclusas, três de cada um dos lados do Lago Gatún. O Lago Gatún é um lago artificial localizado a 26 metros acima do nível do mar, que foi construído para facilitar a travessia entre os oceanos.



### Exemplificando

Eclusas são obras de engenharia que funcionam como elevadores permitindo que as embarcações ultrapassem diferenças de níveis em hidroviás. Trata-se de um compartimento ligado às barragens em que as embarcações são inseridas e às comportas fechadas, então, promove-se o esvaziamento ou o enchimento do compartimento fazendo uso da força da gravidade ou por bombeamento. No Brasil, as eclusas estão geralmente associadas à construção de barragens hidroelétricas, porque tais estruturas formam grandes desníveis nos rios e impossibilitam o tráfego dos barcos. No Brasil existem 19 eclusas, dessas, seis estão no rio Tietê, três no rio Jacuí, duas no rio Paraná e uma nos rios São Francisco, Parnaíba, Tocantins, Taquari (ANTAQ, 2017).

A primeira tentativa de construção de um canal nessa região ocorreu em 1880 pelos franceses, que tinham expertise em construção de canais, pois haviam construído o de Suez (1859-1869). Entretanto, as diferenças geológicas e climáticas dificultaram a construção, que foi abandonada por eles.

O Panamá se tornou independente da Colômbia em 1903 e, para isso, teve o imprescindível apoio dos Estados Unidos. Este, por sua vez, tinha interesse na região justamente pelo seu caráter estratégico: é a região mais estreita do istmo e a que seria mais facilmente aberta para a construção de uma ligação entre os dois oceanos.

Figura 2.4 | Canal do Panamá



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=612136>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

No mesmo ano de independência do Panamá, os Estados Unidos retomaram o projeto de construção do Canal, que durou dez anos, de 1904 a 1914. Os dois países assinaram o Tratado Hay-Bunau-Varilla, no qual o Panamá cedia “uma faixa de dez milhas de largura, unindo o Atlântico ao Pacífico, e que cortava o Panamá ao meio” (VILA; CORDEIRO, 2006, p. 306), que serviu para a construção e para a administração dos Estados Unidos. Tal tratado foi mantido até 1977, quando, por pressão dos panamenhos e com apoio de membros do Conselho de Segurança da ONU, outro tratado foi assinado entre Panamá e Estados Unidos, para que esses últimos devolvessem o controle do Canal e das áreas próximas ao país. Assim, foi firmado o Tratado Torrijos-Carter, que previa a transferência do controle do Canal e da Zona do Canal para o governo panamenho até o ano 2000.

Atualmente, a economia do Panamá é baseada na exploração do setor primário (sistema de *plantation* de café, banana e frutas cítricas) e na renda proveniente do Canal.

## América Andina

A América Andina é formada por Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Chile (Figura 2.5). Trata-se de uma regionalização que considera a presença e a influência da Cordilheira dos Andes nos países. De forma geral, a América Andina é formada por

países agromineradores, já que suas economias estão baseadas na exploração de itens agrícolas e dos recursos minerais. Apesar da riqueza mineral, tais países possuem boa parte de suas populações em condições de pobreza. Os IDHs dos países andinos oscilam de 0,674, na Bolívia, considerado um IDH médio, até 0,847, no Chile, o que é considerado um IDH muito alto (ONU, 2016).

Figura 2.5 | América Andina



Fonte: elaborada pela autora.

A Bolívia é o único país sem saída para o mar. De fato, tal país perdeu parte de seu território para o Chile, Paraguai e Brasil, nos séculos XIX e XX. O estado do Acre pertencia à Bolívia e foi cedido ao Brasil em 1903, pelo compromisso do Governo brasileiro em construir uma ferrovia (Madeira-Mamoré) que, por meio do rio Amazonas, garantiria à Bolívia uma via de acesso ao Oceano Atlântico. A Bolívia é rica em reservas de petróleo, gás natural, ferro, estanho e zinco, que eram, até os anos 2000, explorados e exportados por grandes multinacionais. Em 2005, com a eleição de Evo Morales à presidência, houve uma alteração nessa lógica. O presidente, de origem indígena, promoveu a estatização de diversas empresas multinacionais que exploravam os recursos naturais, com o objetivo de investir as receitas geradas no próprio país.

A Venezuela é um dos países com as maiores reservas de petróleo do mundo. Entretanto, é um país com enormes desigualdades socioeconômicas e passa atualmente por uma crise econômica e política que complica ainda mais a condição de vida das populações já em condição de pobreza.

Desde o início do século XX, o petróleo venezuelano é explorado por grandes empresas multinacionais estrangeiras. O retorno ao país era pequeno, e grande parcela dos recursos era desviada por governos corruptos e ineficientes. Por isso, a situação econômica da população era complicada e os investimentos estatais em infraestrutura e serviços públicos eram precários. Tal descontentamento contribuiu para a eleição de Hugo Chaves, em 1998, com promessas de melhorar a vida da população. Alinhado com ideais socialistas, o governo de Chaves priorizou a estatização do setor petroquímico do país e acusou os Estados Unidos de imperialismo na América Latina.

O Peru é um dos 17 países megadiversos do mundo, isso é, é um dos países mais ricos em biodiversidade por conta da Floresta Amazônica. Na economia peruana, destaca-se a exploração do setor primário: na agricultura, predominam as plantações de cana-de-açúcar, café, trigo, milho e batata. Essa diversidade é possibilitada pelas diferenças no relevo e clima, que criam uma grande variedade de paisagens e condicionantes. O Peru possui também uma das mais importantes atividades de pesca do mundo. Isso porque o país se beneficia da Corrente de Humboldt, que atrai cardumes para sua costa. Com relação às reservas minerais, destaca-se a exploração de zinco, prata, estanho e cobre. Além do setor primário, o turismo é uma importante atividade econômica para o Peru, devido à alta procura mundial por Cusco e Machu Picchu.



### Assimile

A Corrente de Humboldt é uma corrente marítima de águas frias que percorre a costa oeste da América do Sul. Tal corrente é responsável por transportar fitoplânctons de regiões profundas do oceano para as águas superficiais, fenômeno conhecido como ressurgência. Os fitoplânctons são o primeiro nível da cadeia alimentar e são responsáveis pela atração de herbívoros e de cardumes de peixes para a costa, não só do Peru como também do Chile e do Equador, e proporcionam o desenvolvimento de uma indústria pesqueira importante para a economia desses países. Por se tratar de uma corrente de águas frias, a Corrente de Humboldt é responsável por levar para o continente climas secos e desérticos em sua área de influência.

O Equador possui o menor território entre os países andinos. Com economia baseada na exploração da monocultura exportadora de banana, da pesca e extração de petróleo, o país tem cerca

de 45% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza. Ao contrário da Venezuela e da Bolívia, a partir da década de 1990, o país passou por uma onda neoliberalista e transferiu para a iniciativa privada a exploração do setor petrolífero, dessa forma, ele foi pouco beneficiado com a alta do preço do petróleo na década seguinte. As Ilhas Galápagos, patrimônio da humanidade, pertencem ao Equador. Foi em tal ilha que Charles Darwin elaborou a Teoria da Evolução das Espécies.

O Chile é o país andino que apresenta os melhores indicadores socioeconômicos, mas ainda apresenta altos índices de desigualdade. O país investiu nos últimos 50 anos em educação, o que contribuiu para o avanço de seu processo de desenvolvimento. O Chile é um país industrializado (em desenvolvimento), mas que ainda depende das exportações de cobre das reservas próximas ao Deserto do Atacama, no norte do país. Devido à corrente de Humboldt, a pesca no litoral sul é expressiva. O clima frio e seco, favorável para o cultivo de uva, transformou o país em um grande produtor de vinho.

### **Colômbia: pobreza e drogas - ELN e FARC**

A Colômbia deve ser assunto para um tópico separado, uma vez que "se convertera em um caso único no mundo" (VALENCIA, 2005, p. 130). Isso porque o território colombiano envolve uma questão diferente dos demais países andinos: os exércitos paramilitares e os grupos de narcotraficantes.

A Colômbia é um país com IDH 0,727 (ONU, 2016), considerado alto. Ainda assim, da mesma forma que os outros países andinos, é marcada pela alta desigualdade social. É, também, um país agroexportador, em especial, dependente da exportação do café. A agricultura exportadora é realizada por grandes produtores, enquanto a grande maioria da população camponesa depende da agricultura de subsistência praticada em pequenas propriedades rurais. Assim como ocorreu no Brasil, a instalação de empresas multinacionais e a concentração fundiária, na segunda metade do século XX, levaram ao intenso êxodo rural, ao crescimento desordenado das cidades colombianas e à formação de favelas.

Nos anos de 1970, muitos fazendeiros colombianos passaram a se dedicar ao cultivo da coca, planta utilizada pelos incas há mais de 1.200 anos como forma de reduzir a sensação de fome e de fadiga em função da altitude dos Andes. Nesse momento, o cultivo da coca visou à venda a narcotraficantes, que transformavam as folhas em cocaína e abasteciam o mercado mundial de entorpecentes. O cultivo da coca, a produção e a exportação da droga na Colômbia criou poderosas organizações criminosas de narcotraficantes, famosas por controlar cidades e regiões por meio do suborno e assédio à políticos e policiais. Os violentos e rivais carteis de Medellín e de Cali são dois exemplos, comandados, respectivamente, por Pablo Escobar e Rodríguez Orejuela. Valencia (2005) aponta que em 2000, ponto alto do cultivo da coca, a Colômbia controlou cerca de 60% da atividade no mundo, exportando 700 toneladas ao ano. Os narcotraficantes criaram verdadeiros exércitos paramilitares para assegurar seus negócios, o que aumentou a violência no país.

Os grupos guerrilheiros colombianos se somam e se confundem aos de narcotraficantes. Isso porque, apesar de terem surgido diante do quadro de pobreza e desigualdade social, inspirados em ideais socialistas e com o objetivo de realizar uma mudança social no país, os grupos guerrilheiros acabaram sendo financiados pelo cultivo da coca. Entre os grupos estão as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN).

Os Estados Unidos, principal destino da cocaína produzida na Colômbia, colocou em prática, em 1994, o Plano Colômbia, em parceria com o governo colombiano, com o objetivo de eliminar as plantações de coca e interromper o tráfico ilegal de cocaína. O combate à produção de coca não foi acompanhado de planos e programas de desenvolvimento econômico e social alternativos, o que fez com que o país se mantivesse próximo ao colapso.



A sociedade colombiana percebeu, então, um fenômeno que havia crescido silenciosamente nas suas entranhas, e começou a se dar conta também de que o cultivo, o processamento e o tráfico de drogas já tinham criado raízes profundas na vida nacional, gerando o negócio mais lucrativo e que mais dinheiro movimentava no país. Tinha comprometido milhões de pessoas, introduzindo-se na política tradicional e nas guerrilhas, gerando grupos armados para proteger o negócio ilegal. (VALENCIA, 2005, p. 130)

Faça uma reflexão em que seja possível relacionar as condições de vida da população colombiana, os exércitos paramilitares e a motivação para o plantio de coca na Colômbia.

## América Platina

A América Platina é formada pelo Paraguai, Uruguai e Argentina (Figura 2.6). Trata-se de uma regionalização que, com exceção do Brasil, leva em consideração os países com territórios na Bacia do Rio da Prata e de seus afluentes. São três países bem diferentes entre si, conforme veremos a seguir.

Figura 2.6 | América Platina



Fonte: elaborada pela autora.

O Paraguai possui uma população de 6,5 milhões de habitantes (IBGE, 2016) e IDH de 0,693 (ONU, 2016), considerado um indicador de médio desenvolvimento humano. Com relação à composição populacional, o Paraguai se diferencia do Uruguai e da Argentina. Enquanto esses possuem população formada por descendentes de imigrantes europeus, no Paraguai prevalece uma população mestiça e indígena, tanto é que os idiomas oficiais do país são o espanhol e o guarani.

De forma geral, o Paraguai é um país que depende da atividade agrícola, produz erva-mate, tabaco, arroz, soja, entre outros. O setor primário é o que gera maior receita para o país e quase metade da população tem seus ganhos relacionados com a agricultura. Destaca-se a presença dos brasiguaios na porção leste do Paraguai. Desde a década de 1970, agricultores brasileiros se instalam em terras paraguaias onde investem no cultivo da soja. O país passa por uma fase de industrialização com a transferência de empresas maquiladoras brasileiras, em especial dos setores têxtil e de autopeças, a fim de encontrarem vantagens locais que o país pode oferecer, como a baixa carga tributária e a flexível legislação trabalhista, se comparado ao Brasil.

O Uruguai possui uma população de 1,6 milhão de habitantes (IBGE, 2016) e quase 50% está concentrada na capital, Montevideo. O IDH do país é de 0,795, o que é considerado alto desenvolvimento humano pelas Nações Unidas. Tal desenvolvimento pode ser em parte explicado pelos investimentos em saúde e educação realizados ao longo do século XX, devidos aos ganhos com a exportação de alimentos, principalmente para o mercado europeu. A retomada da produção dos países europeus no pós-guerra levou o país a crises e estagnação econômica. A abertura econômica na década de 1990 atraiu investimentos estrangeiros e permitiu a retomada e diversificação do setor econômico. A autorização do Uruguai para a instalação de empresas de papel e celulose às margens do rio Uruguai causou um incidente diplomático com a Argentina, alegando serem tais empresas poluidoras que afetam a vida dos seus cidadãos.

Entre os países platinos, a Argentina possui a maior extensão e também a maior população, possui 43 milhões de habitantes (IBGE, 2016). O país compõe o grupo dos países com muito alto IDH – 0,827 (ONU, 2016). Assim como o Uruguai, a Argentina alcançou grande

desenvolvimento econômico no século XX por meio da produção e exportação de alimentos para os países europeus, ficando conhecida como o celeiro do mundo, mas após a retomada das economias europeias, o país enfrentou graves crises econômicas. A política neoliberalista dos anos 1990 abriu o país ao investimento internacional e possibilitou a instalação de diversas empresas estrangeiras. O resultado foi a falência das empresas nacionais, que não conseguiam competir, e o aumento do desemprego. A Argentina é, atualmente, grande produtora de itens agrícolas, tais como vinho, azeite, trigo, carne e derivados do leite, em função do clima, relevo e solos férteis que favorecem a atividade agropecuarista. Além disso, o país é rico em reservas de petróleo e gás natural, que podem auxiliar na retomada do crescimento econômico. A região do pampa argentino, onde se encontra a capital do país, concentra os parques industriais.

### **Mercosul e perspectivas futuras**

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) foi criado em 1991, com a ratificação do Tratado de Assunção, pelo Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Além dos quatro países iniciais, o bloco é composto atualmente também pela Venezuela, e tem o Peru, o Chile e a Bolívia como países associados. Os objetivos de tal bloco econômico são proceder a integração dos países por meio da livre circulação de bens e serviços, a harmonização da legislação dos países membros e o estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC). Portanto, o Mercosul consiste em uma União Aduaneira, que visa reduzir as tarifas alfandegárias entre os países membros e estabelecer tarifas comuns para a comercialização com os países externos ao bloco.

Os primeiros anos de integração aumentaram as comercializações entre os países membros do bloco, estimulando suas economias. Esse avanço econômico chamou o interesse de outros países da América do Sul, em fazer parte do bloco.

Um dos principais problemas que se reflete no desenvolvimento da integração do bloco é a assimetria entre os países. Existe uma grande desigualdade no que se refere à população (mercado consumidor) e produção econômica, entre Argentina e Brasil de um lado e Uruguai

e Paraguai de outro. Apesar do Tratado de Assunção prever critérios diferenciados para os países mais pobres, não houve a previsão de investimentos financeiros nesses países (BALBÉ; MACHADO, 2008).

O Mercosul é considerado uma União Aduaneira imperfeita (BALBÉ, MACHADO, 2008), porque não existe de fato uma zona de livre circulação de mercadorias entre os países: diversos itens são taxados. Da mesma forma, diversos produtos importados pelos países do bloco não adotam a TEC.

O Mercosul não foi fortalecido no sentido de criar uma identidade e um sentimento de pertencimento na população dos países membros, tal como a União Europeia. Dessa forma, em mais de 25 anos de existência, o bloco avança pouco para além do campo econômico. Como medidas de integração da população, o Mercosul estabeleceu que a circulação de pessoas entre as fronteiras pode ocorrer com a apresentação do registro de identidade, sendo desnecessária a apresentação de passaporte. Além disso, os países do bloco têm acordo para a integração educacional, e assim, reconhecem e revalidam os diplomas escolares e universitários. Da mesma maneira, existe um acordo de integração sobre o sistema de seguridade social dos países membros: os trabalhadores migrantes podem solicitar que os Estados contabilizem o tempo de contribuição em outro país para a concessão dos benefícios sociais, como a aposentadoria (BRASIL, 2017).

Apesar das já muitas dificuldades de integração, a maior crise ocorreu em 2016 com a perspectiva de a Venezuela assumir a presidência rotativa do bloco, como estava prevista. O único país do bloco que dava apoio era o Uruguai e, assim, a Venezuela foi impedida de assumir a presidência, sob a justificativa de não ter cumprido as adequações previstas para a participação no bloco (SENADO FEDERAL, 2016). Já em 2017, a Venezuela foi suspensa do bloco, com base na cláusula democrática, em função da crise política que o país enfrenta.



O Lago Titicaca está localizado entre a Bolívia e o Peru. É considerado o lago mais alto do mundo, localizado a cerca de 3.200 metros do nível do mar, estendendo-se por aproximadamente 9 mil km<sup>2</sup>. O lago abriga uma população tradicional (uros) que vive em ilhas artificiais flutuantes, que, devido à alta degeneração, está sempre em reformas. Esse povo possui um modo de vida particular, ainda bem conservado. Para saber mais, indicamos a leitura de dois artigos que abordam questões de identidade dos uros e sobre as práticas territoriais de populações indígenas no lago. Ambos os artigos foram escritos pelo antropólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Michael Kent.

KENT, M. A importância de ser uro: movimentos indígenas, políticas de identidade e pesquisa genética nos andes peruanos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 297-324, jan./jun. 2011a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832011000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1 maio 2017.

KENT, M. Práticas territoriais indígenas entre a flexibilidade e a fixação. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 549-582, dez. 2011b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132011000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1 maio 2017.

## Sem medo de errar

A Guerra dos Lugares (SANTOS, 2002) é um problema enfrentado hoje pelos municípios latino-americanos e, em especial, pelos brasileiros. Isso porque o desenvolvimento das tecnologias que permitiu a maior mobilidade espacial das empresas garantiu também a elas um maior poder de barganha, isso é, maior poder de decidir onde se instalarão e, assim, as empresas buscam os locais que ofereçam as maiores vantagens em termos de lucratividade para seus negócios. Dentro de um mesmo país ou região, as empresas podem negociar sua instalação com os representantes políticos de diferentes locais. Em geral, tais instituições negociam as isenções fiscais, criação de cursos técnicos para capacitar os futuros trabalhadores, empréstimos de terrenos públicos para instalação da unidade produtiva, reduções das contas de água e energia elétrica, entre outros. Na posição de prefeito, muitos estão dispostos a ceder a tais solicitações com o intuito de receber as empresas, porque acreditam que elas dinamizarão a economia e gerarão empregos no município, em outros termos, os

prefeitos acreditam que elas trarão prosperidade ao município e isso é importante para suas gestões. De fato, a instalação de novas empresas pode alavancar o desenvolvimento de um município, mas devemos lembrar que elas estarão nesses lugares enquanto for vantajoso para os negócios. A partir do momento em que os negócios deixam de ser vantajosos, as empresas são transferidas sem qualquer compromisso com a cidade ou seus cidadãos. Nesses casos, toda a infraestrutura investida pelo poder público é perdida e todos os benefícios concedidos à empresa não retornam para a sociedade. A Guerra dos Lugares vem reduzindo os ganhos dos municípios. Tais ganhos compõem as receitas que os administradores locais dispõem para investir nas cidades, em transporte público, pavimentação, escolas, hospitais, fiscalização, entre outros. Em curto prazo, um prefeito pode encontrar vantagens em ceder privilégios às empresas, em longo prazo, é uma política que enfraquece a administração pública municipal.

## Faça valer a pena

**1.** Brasil e Paraguai possuem 1.365 km de fronteira em comum. Trata-se de uma das fronteiras mais dinâmicas da América do Sul. Apesar de haver brasileiros em diversos pontos do território paraguaio e paraguaios em diversos pontos do território brasileiro, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este são consideradas cidades gêmeas, pois têm forte integração do ponto de vista econômico, cultural e linguístico, além de uma alta movimentação diária para os dois sentidos. Brasiguai é o termo utilizado para fazer referência aos brasileiros paraguaios.

A respeito da atividade dos brasiguaios, assinale a alternativa correta:

- a) São os brasileiros que trabalham com o comércio de eletrônicos, roupas e perfumes importados na Ciudad del Este.
- b) São os brasileiros produtores rurais que adquiriram terras no Paraguai e se tornaram grandes produtores rurais.
- c) São os brasileiros que trabalharam na construção da usina elétrica de Itaipu e, ao fim das obras, migraram para o campo paraguaio.
- d) São brasileiros que fazem deslocamento pendular entre os dois países, pois moram no Brasil, mas trabalham no Paraguai.
- e) São brasileiros que trabalham nas grandes propriedades agrícolas dos paraguaios, sobretudo, na exploração de erva-mate e tabaco.

**2.** Após a independência da Bolívia, em 1825, o país passou entre os séculos XIX e XX por importantes perdas territoriais, conforme retrata o mapa a seguir.



Fonte: adaptada de <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d6/Map\\_Bolivia\\_territorial\\_loss-en.svg/500px-Map\\_Bolivia\\_territorial\\_loss-en.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d6/Map_Bolivia_territorial_loss-en.svg/500px-Map_Bolivia_territorial_loss-en.svg.png)>. Acesso em: 2 maio 2017.

Sobre o território boliviano, julgue em verdadeiro ou falso as assertivas a seguir:

( ) A Guerra do Pacífico (1879-1884) entre a Bolívia e o Chile, motivada pelo controle de reservas de guano e salitre no Deserto do Atacama, causou a perda de uma faixa de terra que garantia o acesso da Bolívia ao Oceano Pacífico.

( ) O norte da Bolívia foi ocupado por seringueiros brasileiros no fim do século XX e a região foi cedida ao Brasil pelo pagamento de 200 mil libras esterlinas e a construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

( ) A ausência de uma saída para o mar e, conseqüentemente, a dependência dos países vizinhos para poder exportar seus recursos, pode ser apontada como uma das causas do empobrecimento boliviano.

( ) A região do Chaco foi perdida para a Argentina após a Guerra do Chaco (1932-1935), assim, a Bolívia perdeu o acesso à Bacia da Prata e, conseqüentemente, o acesso ao Oceano Atlântico.

Assinale, a seguir, a alternativa que apresenta todas as assertivas corretas.

- a) F, V, F, V.
- b) F, F, V, V.
- c) V, F, F, V.
- d) V, V, F, F.
- e) V, V, V, F.

**3.** A Argentina possui uma das mais expressivas economias da América Latina. Além disso, segundo as Nações Unidas, o país possui um alto desenvolvimento humano. Sobre a regionalização e as atividades econômicas da Argentina, relacione, a seguir, as duas colunas.

- 1 - Patagônia
- 2 - Mesopotâmia
- 3 - Pampa
- 4 - Chaco

( ) Região fracamente povoada, caracterizada pelo cultivo irrigado de algodão e cana-de-açúcar. Apresenta verões extremamente quentes e invernos amenos.

( ) Região situada entre os rios Paraná e Uruguai. É dedicada ao cultivo do arroz, da erva-mate e à criação bovina. Destaca-se nessa região a existência de matas preservadas de florestas subtropicais de araucárias.

( ) Região mais rica e povoada do país. Possui alta produção agrícola e concentra os parques industriais; destacam-se as indústrias alimentícias, têxteis, siderúrgicas.

( ) Região que se estende do vale do Rio Colorado até a Terra do Fogo. Possui clima frio pela proximidade com a Antártida. É dedicada à pecuária extensiva, à produção de maçã, vinho e azeite.

Assinale, a seguir, a alternativa que apresenta a ordem correta dos números:

- a) 3,2,4,1.
- b) 2,1,3,4.
- c) 4,2,3,1.
- d) 4,1,2,3.
- e) 3,4,1,2.



## Seção 2.3

### América Anglo-saxônica

#### Diálogo aberto

Vamos considerar agora uma terceira perspectiva: a dos prefeitos e presidente dos Estados Unidos. O fechamento de empresas é um acontecimento impopular entre os eleitores, na medida em que causa a perda de empregos, a redução da arrecadação de impostos e tributos e força o aumento das importações de mercadorias, que passam a ser produzidas em outros países.

Você, na condição de presidente dos Estados Unidos ou de prefeito de algum município, tem o importante papel de manter a economia estável e a balança comercial positiva, gerar empregos e renda para a população e manter a geração de receitas para a manutenção da máquina pública e dos investimentos. Em posse dos dados estatísticos sobre a transferência das empresas e do fechamento de postos de trabalho no país, defina estratégias para que as perdas de empresas sejam minimizadas.

#### Não pode faltar

#### A formação do espaço na América Anglo-saxônica

A América Anglo-saxônica, também chamada de América desenvolvida, é composta pelos Estados Unidos e Canadá. O processo de colonização dessa região se diferenciou daquele praticado na América Latina, e essa diferença reflete atualmente nos aspectos sociais e econômicos dos dois grupos de países.

Enquanto na América Latina predominou a colonização de exploração, na América Anglo-saxônica predominou a colonização de povoamento. Em tal modelo, a intenção era povoar permanentemente, isso é, constituir novas cidades. Os colonos tinham como objetivo aproveitar as oportunidades que o Novo Continente poderia oferecer, como obtenção de terras e riquezas, além de promover seu progresso, pois ali permaneceriam.

Nos Estados Unidos a colonização teve início na costa leste com a formação das 13 Colônias. A prosperidade alcançada em tais colônias estimulou o início do seu processo de independência do Reino Unido, em 1775. Os Estados Unidos se tornaram o primeiro país independente das Américas.

No século XIX, adota-se uma postura expansionista a partir da qual houve a incorporação progressiva de territórios conquistados ou adquiridos a oeste. Assim, passaram ao domínio dos Estados Unidos a região da Louisiana, pertencente à França (1803), a Flórida, pertencente à Espanha (1819), o Texas e a costa sudoeste, pertencentes ao México (1845 e 1853), o Alasca, pertencente à Rússia (1867), e o arquipélago do Haváí (1898). Além destes, diversos outros territórios foram cedidos pelo Reino Unido aos Estados Unidos. Pode-se dizer que a ocupação do território norte-americano ocorreu de forma rápida e predatória, uma vez que milhares de grupos indígenas foram massacrados em nome da expansão territorial e do “destino manifesto” (MADEIRA, 2000).

O receio de perder os territórios conquistados levou os Estados Unidos a transformá-los em estados, o que explica o traçado retilíneo de muitos deles. A fim de ocupar esse território, o governo estabeleceu o Homestead Act, em 1862, em que concedia 65 hectares para cidadãos dispostos a explorar a terra.

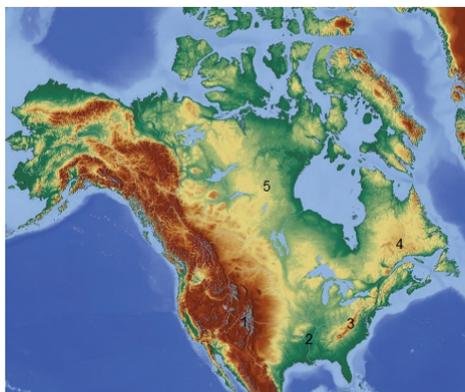
A ocupação do Canadá também teve início com a chegada dos colonizadores na costa leste. Os franceses fundaram, ainda no século XVII, as cidades de Quebec e Montreal. Em direção à região central ocorreu a ocupação por ingleses protestantes. Em função dos temores sobre o expansionismo norte-americano, o Reino Unido optou por unificar as regiões de ocupação francesa (Quebec) e inglesa (Ontário) formando uma federação que, posteriormente, foi ampliada até a costa oeste, no século XIX. O Canadá é considerado um país multicultural: reconhece duas línguas como oficiais. Na província de Quebec predomina o francês e no restante do país, o inglês. Além disso, diversos grupos étnicos compõem a sociedade canadense, cerca de 20% da população é composta por imigrantes que nasceram em outros países (STATISTIQUE CANADA, 2011).

## América Anglo-saxônica: as paisagens naturais e o quadro físico

O relevo na América Anglo-saxônica, de certo modo, replica as mesmas feições e estruturas geológicas encontradas na América do Sul: a oeste existem as grandes cordilheiras montanhosas, na porção central encontram-se as planícies e na porção leste estão as montanhas e maciços antigos, conforme apresentamos na Figura 2.7.

Os maciços antigos a leste são formações antigas e ricas em afloramentos minerais, como o carvão. Na porção central estão as planícies sedimentares, onde se destacam as bacias do rio Mackenzie e do rio Mississipi. Na porção oeste encontram-se os dobramentos modernos, um conjunto de montanhas novas formadas em função da movimentação das placas tectônicas, em que se destacam as Montanhas Rochosas.

Figura 2.7 | Relevo na América Anglo-saxônica



1 – Montanhas Rochosas; 2 – Planície Central; 3 – Montes Apalaches; 4 – Maciço do Labrador; 5 - Planície Central.

Fonte: adaptada de <<https://pixabay.com/pt/mapa-do-mundo-mapa-mapa-de-relevo-1804890/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Existe uma grande variedade de paisagens climato-botânicas na América Anglo-saxônica devido a sua grande extensão territorial.

No Canadá e no Alasca se desenvolvem três tipos climáticos: o subpolar, o temperado frio e o temperado. O clima subpolar é caracterizado por ser muito frio e seco ao longo do ano todo. Como nos verões as temperaturas sobem e chegam próximas a 0° C, forma-se a tundra, uma vegetação caracterizada pelo predomínio de

fungos e líquens. O clima temperado frio apresenta invernos longos e rigorosos, e a formação vegetal associada é a floresta de coníferas, também chamada de taiga. O clima temperado predomina em toda a região central da América Anglo-saxônica: nas pradarias canadenses e na planície central nos Estados Unidos. Tal tipo climático é marcado por estar associado à formação das florestas temperadas, também conhecidas como florestas decíduas, pois perdem suas folhas nos períodos de outono e inverno. Os climas semiárido e desértico ocorrem próximo à costa oeste dos Estados Unidos. O clima semiárido é marcado pela escassez de chuvas e pela ocorrência da vegetação de estepe. O clima desértico ocorre próximo à fronteira dos Estados Unidos com o México, causado pela disposição do relevo alto, que dificulta a entrada de umidade para o interior do país. Já na costa leste, na região próxima ao Golfo do México, desenvolve-se o clima subtropical, que apresenta verões quentes e úmidos. Em tal tipo climático raramente ocorre neve e a vegetação predominante é marcada pela presença de floresta latifoliada e florestas mistas (latifoliadas e decíduas).

Com relação aos recursos hídricos, no Canadá há a presença de lagos glaciais e duas importantes bacias: a do rio São Lourenço e do rio Mackenzie. Os lagos e rios canadenses congelam durante os meses de inverno, e isso impacta tanto a navegação quanto a geração de energia elétrica. Já nos Estados Unidos, as bacias hidrográficas são caracterizadas em função do relevo: a bacia do Mississipi-Missouri, que se desenvolve nas planícies centrais, é utilizada, sobretudo, para a navegação; as demais bacias, que estão localizadas em relevos mais acidentados na costa leste e oeste, oferecem potencial hidroelétrico.

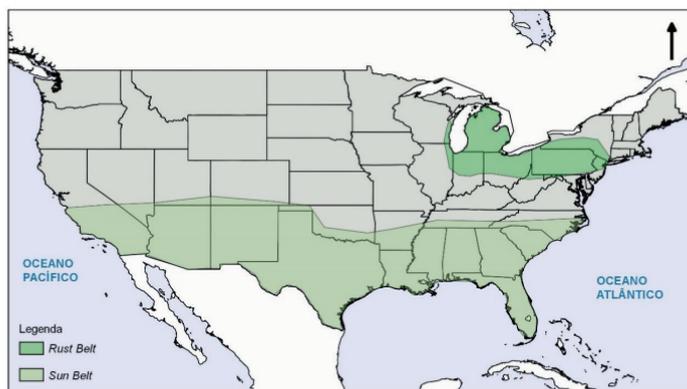
## **Estados Unidos: espaço econômico e qualidade de vida**

A industrialização dos Estados Unidos está estreitamente relacionada com a abundância mineral do país. Ainda no século XVIII, as explorações de carvão mineral nos Montes Apalaches e de ferro no nordeste do país possibilitaram o surgimento de importantes indústrias de base, como siderúrgicas e metalúrgicas. Posteriormente, a descoberta de petróleo impulsionou ainda mais o processo de industrialização e possibilitou sua ascensão econômica. Outros fatores

importantes foram, no século XX, as duas grandes guerras mundiais. O território norte-americano quase não foi afetado pelos conflitos, e a interrupção da produção industrial dos países que passavam por guerra na Europa estimulou as exportações das indústrias norte-americanas. Após a II Guerra, os Estados Unidos ainda forneceram empréstimos aos países europeus para a reconstrução de suas economias, o que aumentou a dependência desses países em relação aos Estados Unidos. Em 1944, com a Conferência de Bretton Woods, o dólar foi adotado como moeda de referência mundial.

As indústrias norte-americanas estão concentradas em duas principais regiões: na porção nordeste, conhecida como Rust ou Manufacturing Belt, e na porção sul/sudeste do país, conhecida como Sun Belt.

Figura 2.8 | Cinturões industriais nos Estados Unidos



Fonte: elaborada pela autora.

O Rust Belt (cinturão da ferrugem) é a região de industrialização mais antiga do país, na qual se destacam as grandes siderúrgicas, em função do fácil acesso ao carvão e ao minério de ferro; e a indústria automobilística, em especial, Detroit, que sedia as fábricas da Ford, GM e Chrysler. Já a região do Sun Belt (cinturão do sol) possui uma industrialização mais recente e é resultado de um projeto político de descentralização industrial. A concentração industrial no nordeste do país causou a formação de grandes metrópoles e encareceu os custos de produção e de vida. Nesse sentido, a partir dos anos 1970, o governo começou a incentivar a industrialização da região

sul e da costa oeste do país. Para isso, implantou universidades, centros de pesquisas e indústrias nessas regiões. Os investimentos estatais contribuíram para a atração de áreas industriais. Na região de Houston destacam-se as indústrias petroquímicas; na Califórnia, entre Los Angeles e São Francisco, está a região industrial mais importante do Sun Belt. Há a produção industrial automobilística, petroquímica, naval, aeronáutica, alimentícia, entretanto, o maior destaque está nas empresas de informática e de alta tecnologia do Vale do Silício.



### Refleta

O Vale do Silício, localizado na costa oeste dos Estados Unidos, passou por importantes transformações a partir da década de 1970. Atualmente, reúne universidades, centros de pesquisas estatais, laboratórios comerciais e, principalmente, um grande contingente de mão de obra especializada. Por isso transformou-se no principal centro de inovação do mundo. Reflita sobre a importância e as limitações do Estado como indutor do desenvolvimento tecnológico e econômico de determinadas regiões.

Os Estados Unidos também possuem uma das maiores produções agrícolas do mundo. A produção agrícola está dividida em cinturões especializados em determinados itens, dessa forma, existem os cinturões do trigo, do milho, do algodão, da pecuária para o corte e leiteira, e da fruticultura. Ainda, em torno das metrópoles, existem os cinturões verdes, responsáveis pelo abastecimento da população desses centros urbanos. A agricultura norte-americana é moderna e intensiva, o que resulta em alta produtividade. Mesmo assim, os preços competitivos dos alimentos se devem aos subsídios que o governo oferece aos agricultores.

## Estados Unidos: população e urbanização

Os Estados Unidos são o quarto país em extensão territorial do mundo e possuem a terceira maior população: são cerca de 320 milhões de habitantes (IBGE, 2016a).

A sua composição étnica ainda guarda relação com a colonização: existe um grande número de descendentes de imigrantes europeus e de povos africanos que foram trazidos ao continente como escravos

para trabalhar nas lavouras das colônias do sul. Os afrodescendentes ainda conviviam com leis segregacionistas até meados do século XX, que explicitavam a discriminação racial. Tais grupos fundaram diversos bairros nas periferias das grandes cidades, conhecidos como guetos. A luta pelos direitos dos afrodescendentes teve seu auge na década de 1960, mas continua ainda hoje, uma vez que a discriminação racial é um problema evidente no país. Outro grupo étnico presente nos Estados Unidos é o dos latino-americanos, que passaram a imigrar para o país em busca de oportunidades de trabalho. Muitos deles oferecem força de trabalho braçal para a agricultura e são chamados de braceros.

A população não está bem distribuída pelo território: existe uma grande concentração na porção centro-leste dos Estados Unidos e há concentrações importantes na costa oeste. A porção centro-oeste é pouco povoada. Outra característica que merece destaque é a alta urbanização: cerca de 81% da população é residente de áreas urbanas (IBGE, 2016a). A industrialização e o dinâmico setor de serviços permitiram o crescimento acelerado das cidades norte-americanas. O país apresenta três megalópoles: Boswash e Chipittis, na região nordeste, e San-San na costa oeste. As megalópoles são formadas por meio da conurbação de duas metrópoles ou mais. A megalópole Boswash foi formada na década de 1970 e se tornou uma das conurbações mais importantes do mundo. Trata-se de uma megalópole com aproximadamente 600 km de extensão que engloba grandes metrópoles dos Estados Unidos, tais com Boston, Nova Iorque, Filadélfia, Baltimore e Washington. A megalópole de Chipittis engloba as cidades de Chicago, Detroit, Cleveland e Pittsburgh. Já a megalópole de San-San, na Califórnia, engloba São Francisco, Los Angeles e San Diego.



### Assimile

A conurbação ocorre quando dois municípios ou mais unem seus tecidos urbanos, formando uma malha urbana contínua que extravasa seus limites político-administrativos. Nos municípios em que ocorre a conurbação são estabelecidos fortes vínculos socioeconômicos. É em situações como essa que são criadas as áreas metropolitanas, centralizadas por um município sede e por diversos municípios vizinhos (IBGE, 2016b, p. 13-14).

## Canadá: espaço econômico e qualidade de vida

O Canadá é o segundo maior país do mundo em extensão. Entretanto, possui população reduzida, são cerca de 36 milhões de habitantes (IBGE, 2016a) e, portanto, tem baixa densidade demográfica. A maior parte de sua população (90%) está concentrada na porção sul do país, em grandes cidades como Vancouver, Toronto, Montreal, Ottawa. Isso ocorre em função da proximidade da fronteira com os Estados Unidos e também do clima menos rigoroso.

Durante a década de 1990, o Canadá ocupou a posição de país com a melhor qualidade de vida do mundo, atualmente ainda está entre os países que possuem essa característica: seu IDH é de 0,920 (ONU, 2016), o que o coloca no grupo de desenvolvimento humano muito alto. O elevado nível de qualidade de vida é explicado tanto pelo desenvolvimento econômico e renda elevada dos trabalhadores como pelos altos investimentos estatais em educação, saúde e outros serviços públicos oferecidos com qualidade para os cidadãos. Além disso, o Canadá investiu em planejamento urbano e em uma legislação ambiental rígida, que impede a degradação ambiental e o comprometimento da qualidade de vida.

O Canadá é deliberadamente um país que investe em sua política migratória. Isso reflete a preocupação dos governos do país com a reposição da mão de obra, uma vez que, assim como outros países desenvolvidos, o Canadá possui baixas taxas de natalidade e alta expectativa de vida, o que significa que o país passa por um processo de envelhecimento populacional. Deste modo, seu governo busca solucionar a falta de mão de obra importando trabalhadores específicos. Desde a década de 1960, o país faz uma seleção rígida dos imigrantes em potencial, a fim de que sejam recrutadas somente as pessoas com perfil ou formação voltada para os postos de trabalho disponíveis. A qualidade de vida e as oportunidades de emprego atraem pessoas do mundo todo para o Canadá.

Aproximadamente 50% do território canadense encontra-se sob influência do clima polar e temperado frio. Apesar das limitações naturais ao território, o país conseguiu alcançar um alto patamar de desenvolvimento econômico e se transformar em um exportador tanto de produtos primários quanto industrializados. A atividade agropecuária está concentrada na porção sul do país e ocupa

apenas 5,5% de suas terras (IBGE, 2016a). Trata-se de uma atividade intensamente mecanizada, o que garante alta produtividade. O Canadá é um grande produtor e exportador de trigo.

As terras do norte do país são destinadas ao extrativismo vegetal e mineral, que é rico em reservas de petróleo e gás, ferro, urânio, cobre, níquel, zinco, entre outros (CANADÁ, 2013). Já o extrativismo vegetal ocorre de forma sustentável, isto é, na medida em que as árvores são retiradas, outras são plantadas. Essa atividade faz do Canadá um dos maiores produtores e exportadores de celulose (VALVERDE; SOARES; SILVA, 2006).

As áreas industriais estão localizadas, sobretudo, na porção sudeste do país, próximas aos grandes centros urbanos. A indústria é diversificada, mas está relacionada com a riqueza natural do país. Destacam-se, nesse sentido, os investimentos realizados pelos Estados Unidos e pela Inglaterra para promover a extração dos recursos naturais e para o desenvolvimento das indústrias no país. Segundo o Governo do Canadá (2013), os principais ramos indústrias são automobilístico, papel e celulose, siderúrgico, maquinário e equipamentos, produtos de alta tecnologia, mineração, extração de combustível fóssil, madeireira e indústria agrícola.



**Pesquise mais**

Para saber mais sobre a imigração de brasileiros para o Canadá, leia o artigo indicado, a seguir:

OLIVEIRA, M. de; KULAITIS, F. Imigrantes brasileiros no Québec: entre integração e mobilidade. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 248-275, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222015000200248&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222015000200248&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 maio 2017.

## NAFTA

O North American Free Trade Agreement (Nafta) é o bloco econômico integrado pelos Estados Unidos, Canadá e México. Foi criado em 1988 com a assinatura de acordos de livre comércio entre os Estados Unidos e o Canadá, e foi acrescido pelo México em 1992. Entrou em vigor a partir de 1994 e deveria ser completamente

implementado em até 15 anos, isso é, as barreiras comerciais e a livre circulação de mercadorias deveriam ocorrer até o ano de 2009 (CONGRESSO NACIONAL, s.d.). A formação de blocos econômicos era, na década de 1990, uma alternativa para que os países pudessem enfrentar a concorrência internacional. Os países asiáticos multiplicavam as suas fábricas e inundavam diversos países ocidentais com suas mercadorias produzidas com custos reduzidos. Portanto, criar blocos econômicos era uma forma de estimular a economia dos países membros por meio da ampliação do mercado consumidor e da livre circulação de mercadorias entre as fronteiras. Ao mesmo tempo, a livre circulação de mercadorias aumentou a demanda, estimulou a competitividade e foi um convite à modernização de suas plantas produtivas. Colocar um bloco econômico em prática não é algo que ocorre sem conflitos de interesses e perdas. Mensurar os efeitos econômicos do Nafta é uma tarefa difícil. Há quem defenda as vantagens que o Nafta trouxe para as economias dos países-membros, e elas são várias: estimulou a economia ao aumentar o mercado consumidor; reduziu os custos das mercadorias, em função da concorrência e do deslocamento das fábricas para locais mais baratos; criou empregos; aumentou a arrecadação de impostos; quase triplicou o comércio entre os Estados Unidos e o México (APPLEYARD; FIELD; STEVEN, 2010) etc.

Embora existam ganhos, há também perdas. Santos (2007) ressalta que se analisamos as exportações do México para os Estados Unidos, pode parecer que o Nafta foi um sucesso para o México. Porém, a entrada no Nafta consolidou a lógica mexicana de exportação de petróleo, automóveis, autopeças e produtos agrícolas para os Estados Unidos. Para o autor, o bloco não foi capaz de diversificar a pauta de exportação do México e contribuiu para aumentar a dependência da economia mexicana dos Estados Unidos, seu principal parceiro comercial.

Por outro lado, segundo Appleyard, Field e Steven (2010), é fato que o Nafta foi responsável pela transferência de postos de trabalho não especializados para o México, em especial, absorvidos pelas empresas maquiladoras, instaladas próximas à fronteira dos dois países. Os Estados Unidos perderam postos de trabalho e o desemprego aumentou. Na agricultura, aumentaram suas exportações para o México, em função das políticas de subsídios produtivos. Com tais políticas e sem tarifas alfandegárias, os produtos agrícolas norte-

americanos chegam ao México com preços menores do que os produtos agrícolas nacionais.



### Exemplificando

O milho, um dos principais produtos que compõe a alimentação dos mexicanos, é produzido em grandes quantidades nos Estados Unidos e parte da produção do país é exportada para o México. Os agricultores mexicanos não conseguem concorrer com o produto norte-americano, que muitas vezes é mais barato e de melhor qualidade. Dessa forma, o Nafta contribuiu para o aumento do êxodo rural e o desemprego no México.

### Sem medo de errar

É importante destacar que a evolução tecnológica nos meios de transporte e a comunicação deram às empresas um grande poder de barganha. Em muitas das soluções buscadas contra a perda de indústrias para outros países haverá aspectos negativos. Os prefeitos e o presidente dos Estados Unidos têm a difícil missão de reter indústrias e, conseqüentemente, empregos e geração de receitas em seus territórios. Uma medida que pode ser adotada é a redução de impostos. Com isso, a arrecadação e a receita governamental podem ser reduzidas, mas não há perda dos empregos. Outra medida é a taxação sobre produtos importados, o que visa desestimular as empresas a saírem do país, já que seus produtos serão taxados para entrar. Além das perdas em empregos, essa medida causaria o aumento dos preços dos produtos para os consumidores norte-americanos. Outra possibilidade é incentivar que essas empresas que tenham transferido suas filiais continuem conduzindo seus lucros para o país sede. Mesmo que haja perda de empregos e investimentos em alguns setores, outros postos podem ser criados em setores diferentes, causando um impacto menor ao país.

## Faça valer a pena

**1.** Estrutura geológica e relevo estão relacionados, mas são coisas diferentes. De modo geral, a estrutura geológica diz respeito ao tipo de rochas presentes em determinado local e aos processos que as originaram; já o relevo diz respeito ao formato da superfície, resultado do intemperismo (físico, químico e biológico) sobre a estrutura geológica.

A figura a seguir destaca uma porção do continente americano que apresenta geologia e relevo singulares.



Fonte: adaptada de <[https://en.wikipedia.org/wiki/File:World\\_map\\_clip\\_art.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:World_map_clip_art.svg)>. Acesso em: 9 maio 2017.

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, a estrutura geológica e a forma de relevo destacada.

- a) Cordilheiras e Altas Montanhas – Dobramento Moderno.
- b) Escudos Cristalinos – Planaltos e Montes.
- c) Bacias Sedimentares – Planaltos e Montes.
- d) Escudos Cristalinos – Cordilheiras e Altas Montanhas.
- e) Dobramento Moderno – Cordilheiras e Altas Montanhas.

**2.** A figura a seguir destaca uma das províncias do Canadá. Tal província concentra mais de 8 milhões de habitantes, o que representa cerca de 25% da população do país, e possui um PIB de 373 milhões de dólares canadenses. A região possui abundantes recursos naturais, mas também centros e indústrias voltadas para a alta tecnologia. Existem, desde a década de 1960, movimentos separatistas que pretendem tornar a província independente. Trata-se da província de(a):



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=15951635>>. Acesso em: 10 maio 2017.

Assinale a alternativa que completa adequadamente o texto.

- a) Colúmbia Britânica.
- b) Manitoba.
- c) Ontário.
- d) Quebec.
- e) Nova Escócia.

**3.** Sobre o Nafta, julgue as assertivas a seguir:

I – Bloco formado pelos Estados Unidos, Canadá e México, com o objetivo de criar uma união econômica.

II – Entrou em funcionamento a partir de 1994 e foi responsável por aumentar as trocas comerciais entre os Estados Unidos e o México.

III – Trata-se de uma zona de livre comércio estabelecida para fortalecer as economias frente à concorrência asiática.

IV – Foi responsável pela redução de postos de emprego não especializados no México. Assinale a alternativa que apresenta somente as assertivas corretas.

Assinale a alternativa que apresenta somente as assertivas corretas.

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I e III.
- e) II e IV.

# Referências

ANTAQ. Agência Nacional de Transportes Aquaviários. **Informações geográficas da ANTAQ**. Disponível em: <<http://observatorioantaq.info/index.php/informacoes-geograficas-da-antaq-na-web/>>. Acesso em: 9 maio 2017.

APPLEYARD, D. R.; FIELD, A.; STEVEN, L. **Economia internacional**. São Paulo: AMGH Editora Ltda., 2010, p. 407.

BALBÉ, F. F.; MACHADO, T. A. O mercosul como experiência de integração econômica: avaliações e perspectivas. In: ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE, 2., Chapecó, 2008. **Anais...** Chapecó: APEC, 2008. Disponível em: <[http://www.apec.unesc.net/II%20EEC/sessoes\\_tematicas/Especiais/Artigo3.pdf](http://www.apec.unesc.net/II%20EEC/sessoes_tematicas/Especiais/Artigo3.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2017.

BRASIL. **O MERCOSUL na vida do cidadão**. 2017. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br/o-mercopol-na-vida-do-cidadao>>. Acesso em: 5 maio 2017.

CANADÁ. **Sobre o Canadá**. 2013. Disponível em <[http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/about\\_a-propos/overview-apercu.aspx?lang=por](http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/about_a-propos/overview-apercu.aspx?lang=por)>. Acesso em: 10 maio 2017.

CONGRESSO NACIONAL. **Acordo de livre comércio da América do Norte - NAFTA**. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/mercopol/blocos/NAFTA.htm>>. Acesso em: 9 maio 2017.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

EMBASSY OF HAITI. **Haiti at a glance**. 2017. Disponível em: <<http://haiti.org/haiti-at-a-glance/>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

GORENDER, J. O épico e o trágico na história do Haiti. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 295-302, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100025](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100025)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004,

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Países. **México**. 2016a. Disponível em <<http://pais.es.ibge.gov.br/#/pt/pais/mexico/info/sintese>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/apps/arranjos\\_populacionais/2015/pdf/publicacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/apps/arranjos_populacionais/2015/pdf/publicacao.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Glossário geológico**. 1999. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/glossariogeologico.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MADEIRA, A. Novas narrativas sobre os Estados Unidos. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 388-398, jun./dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922000000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922000000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 maio 2017.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. **MARCO REGULATÓRIO DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO NO MÉXICO**. 2016. Disponível em: <[http://www.epe.gov.br/Petroleo/Documents/NT\\_Mexico%202016set.pdf](http://www.epe.gov.br/Petroleo/Documents/NT_Mexico%202016set.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MORAES, A. C. R. **Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000.

OLIVEIRA, M.; KULAITIS, F. Imigrantes brasileiros no Québec: entre integração e mobilidade. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 248-275, maio/ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222015000200248&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222015000200248&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 maio 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Reporte nacional de movilidad urbana en México 2014-2015**. 2015. Disponível em: <<http://www.onuhabitat.org/Reporte%20Nacional%20de%20Movilidad%20Urbana%20en%20Mexico%202014-2015%20-%20Final.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Rapport sur le développement humain 2016**. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016\\_FR\\_Overview\\_Web.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016_FR_Overview_Web.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Minustah - Mission des nations unies pour la stabilisation en Haïti. À propos. 2017**. Disponível em: <<https://minustah.unmissions.org/C3%A0-propos>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SANTOS, M. O México como aliado dos EUA no projeto de integração das Américas. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 50, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292007000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292007000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002. 221p.

STATISTIQUE CANADA. Immigration et diversité ethnoculturelle au Canada. **Enquête nationale auprès des ménages**. 2011. Disponível em: <<http://www12.statcan.gc.ca/nhs-enm/2011/as-sa/99-010-x/99-010-x2011001-fra.cfm#a3>>. Acesso em: 16 maio 2017.

TEXEIRA, W. (Org.). **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

THOMAZ, O. R. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos Estudos** - CEBRAP, São Paulo, n. 86, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002010000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100002)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

TRIP ADVISOR. **Os 25 melhores destinos – mundo**. 2017. Disponível em <<https://www.tripadvisor.com.br/TravelersChoice-Destinations-cTop-g1>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

VALENCIA, L. Drogas, conflito e os EUA. A Colômbia no início do século. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 129-151, set./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 maio 2017.

VALVERDE, S. R.; SOARES, N. S.; SILVA, M. L. Desempenho das exportações brasileiras de celulose. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 1017-1023, 2006. Disponível em: <<http://>

[www.scielo.br/pdf/rarv/v30n6/a17v30n6.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rarv/v30n6/a17v30n6.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2017.

VILLA, R. D.; CORDEIRO, F. C. Ganhos Relativos ou Política Doméstica? Os Tratados do Canal do Panamá como um Jogo de Dois Níveis. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, julho/dezembro 2006, p. 301-353. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v28n2/a01v28n2.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

# África e Oriente Médio

## Convite ao estudo

Esta unidade é dedicada ao estudo do continente africano e de uma parcela da Ásia: o Oriente Médio. Apresentamos um panorama da organização espacial dessas duas regiões, destacando os aspectos mais relevantes do quadro físico, humano, econômico e cultural. Dessa forma, a Seção 3.1, África I, trata da regionalização do continente africano, bem como de seu desenvolvimento humano e econômico. Na Seção 3.2, África II, voltamos nossa discussão para alguns tópicos especiais, tais como as migrações e os refugiados, o caso da África do Sul e alguns conflitos regionais. Nessa seção, apresentamos também o mundo muçulmano que, apesar de não ter origem no continente africano, é uma religião presente em boa parte dele. O item “mundo muçulmano” introduz um tema que estará bastante presente na última seção desta unidade. Na Seção 3.3, Oriente Médio, trabalharemos com o quadro natural da região e seus indicadores socioeconômicos e, para concluir, veremos alguns conflitos regionais.

Para iniciarmos nossos estudos, propomos uma situação-problema que envolve uma família de refugiados sírios que veio para o Brasil, recomeçar sua vida.

Hanan é uma garota síria de 12 anos que veio para o Brasil com sua família há cerca de cinco meses. Ela e os pais estão muito aliviados por terem saído, com segurança, do país onde nasceram, já que desde 2011, a Síria vive graves conflitos internos, que colocavam em risco a vida da família. No Brasil, desejam recomeçar suas vidas, animados com a possibilidade de voltar a estudar e trabalhar, e estão empenhados em aprender o português. Entretanto, os pais acreditam que um dia a guerra vai acabar e eles

poderão voltar para seu país de origem, falar a língua materna e se sentirem mais uma vez em casa. Apesar de serem gratos ao país que os acolheu, eles não desprezam suas origens, suas crenças, seus hábitos, suas vestimentas, pois tudo isso está enraizado em seu modo de ser e compõe sua identidade, isto é, aquilo que os define e lhes dá significado.

Como aponta Castells (2008, p. 23), "A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso". Logo, a identidade do brasileiro é construída/constituída de elementos bastantes diferente daqueles elementos que constituem a dos sírios.

Questões sobre identidade não são simples de serem entendidas, geram debates acalorados entre os que recebem imigrantes e os que são recebidos, pois existe um "choque cultural" que, se não for bem manejado, pode gerar conflitos ou desgastes. Isso ocorre porque tais questões não são objetivas, envolvem empatia e também respeito à visão de mundo, imposição de regras e, conseqüentemente, o estabelecimento de diferenças entre nós e os outros.

# Seção 3.1

## África I

### Diálogo aberto

Em uma aula de Geografia sobre o islamismo e o mundo muçulmano, a professora, ao longo do curso, mostra as diferentes vestimentas recomendadas pelo Islã para as mulheres. Os trajés causam estranheza nos alunos, pois não é muito comum ao seu cotidiano. Um aluno contou que um dia cruzou na calçada com uma mulher usando uma burca e saiu correndo na direção oposta. A professora questionou o que exatamente lhe causava medo na situação, e o garoto respondeu que era a possibilidade de ser uma mulher-bomba. Os alunos acharam razoável a explicação do colega e a maioria concordou que faria o mesmo. A professora sabe que na semana seguinte a essa aula haverá uma nova aluna na classe, Hanan, a garota síria que usa o *hijab*.

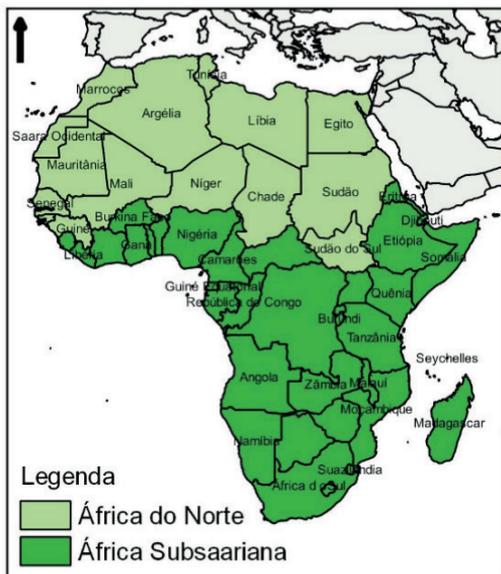
Como a professora poderia conduzir um debate com os alunos, no sentido de contribuir para o questionamento dos pré-conceitos sobre os muçulmanos e estimular a empatia entre os alunos? Qual é o papel da escola no que dizer respeito à reprodução de sentidos comuns e da intolerância à diferença?

### Não pode faltar

**Regionalização do continente africano: África do Norte, Subsaariana e Sahel**

O continente africano é composto por 54 países (Figura 3.1) e aproximadamente 1,2 milhões de pessoas (BAD, 2017). Dessa forma possui uma grande diversidade étnica e cultural: existem mais de 800 grupos étnicos e são falados mais de 600 idiomas, além das línguas dos colonizadores europeus.

Figura 3.1 | Regionalização do continente africano



Fonte: elaborada pela autora.

Com base na diversidade étnica e cultural, é proposta uma regionalização didática para o continente africano: a África do Norte (ou Islâmica) e a África Subsaariana. A África do Norte é composta pelos países localizados na porção setentrional do continente, que são também os países em que há o predomínio da cultura árabe e da religião islâmica, devido à ocupação árabe entre os séculos VII e VIII. Tal região possui dois pontos estratégicos: o Estreito de Gibraltar, no Marrocos, e o Canal de Suez, no Egito.

Já a África Subsaariana está localizada ao sul do deserto do Saara e concentra a maior parte dos países africanos, apresenta grandes diversidades étnica e cultural e há o predomínio das religiões animistas ou fetichistas. Nesta região também existem minorias muçulmanas, judaicas e cristãs, que adotaram a religião dos colonizadores



### Assimile



O termo fetiche surgiu entre os séculos XV e XVII, durante o contato colonial na costa oeste da África, particularmente no golfo da Guiné, nas então chamadas Costa do Ouro e Costa dos Escravos, onde

hoje estão Togo, Gana, Benin e Nigéria. Nessa área de intenso contato entre europeus e populações nativas, a palavra portuguesa feitiço – utilizada nos códigos de leis cristãos para descrever atos e objetos de magia prática – é importada, e adere ao discurso sobre a magia e a religião africanas. [...] ela aos poucos passa a se referir a objetos centrais nesses complexos mágico-religiosos, como pedras, estátuas e compostos heteróclitos de ingredientes. Eram objetos variados entre si, usados para muitos fins: divinação, cura, ataque mágico contra inimigos, proteção física e espiritual etc. Como suas formas e usos, seus nomes também variavam: eram chamados de vodu, bo, minkisi, suman etc. nas diferentes línguas da África Ocidental. (PIRES, 2014, p. 349-350)

Uma região especial da África Subsaariana é o Sahel (Figura 3.2), que em árabe significa “fronteira” ou “borda”. O Sahel não corresponde a uma regionalização baseada nos aspectos étnicos ou culturais, mas sim em função de suas características geoambientais. O Sahel está localizado na borda sul do deserto do Saara e é composto pelos seguintes países: Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Mali, Chade, Níger, Sudão, Etiópia, Somália, Djibuti. Trata-se de uma região de transição entre o deserto e as savanas. Merece destaque nos estudos geográficos sobre a África, de uma região de clima semidesértico e vegetação de estepes, tal região está se transformando devido a um processo de desertificação causado tanto em função da expansão do deserto do Saara quanto da degradação do solo de regiões de clima árido e semiárido (SHMITE; NIN, 2015). Isso ocorre por causa da vulnerabilidade ambiental local, mas também devido à ação antrópica: o cultivo excessivo de pastagens, o desmatamento, o manejo inadequado do solo e da água (SHMITE; NIN, 2015). O quadro de desertificação contribui para o acirramento de outros problemas na região, tais como a escassez dos recursos hídricos, a pressão demográfica, a desnutrição e a pobreza e os conflitos territoriais (SHMITE; NIN, 2015).

Figura 3.2 | Sahel



Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1a/Map\\_sahel\\_2.svg/999px-Map\\_sahel\\_2.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1a/Map_sahel_2.svg/999px-Map_sahel_2.svg.png)  
Acesso em: 29 maio 2017.

## As paisagens naturais e o quadro físico do continente africano

O continente apresenta um quadro físico bastante diversificado, com desertos e florestas equatoriais, vulcões, lagos, depressões, entre outros. Sua localização faz com que ele seja cortado tanto pelo Trópico de Câncer quanto pelo de Capricórnio, e suas terras se estendem para as Zonas Temperadas do Norte e do Sul. Interessante que o continente é cortado quase que ao meio pela Linha do Equador, o que é responsável por uma certa simetria de climas e vegetação nos sentidos norte e sul. Do centro em direção às extremidades do continente há a ocorrência dos seguintes tipos climáticos e formações vegetais: clima equatorial, floresta equatorial ou tropical, como a Floresta do Congo; clima tropical, vegetação de savanas; clima semidesértico, estepes; clima desértico (Saara, Kalahari, Namíbia e Ogaden), vegetação de deserto; clima mediterrâneo, vegetação mediterrânea.

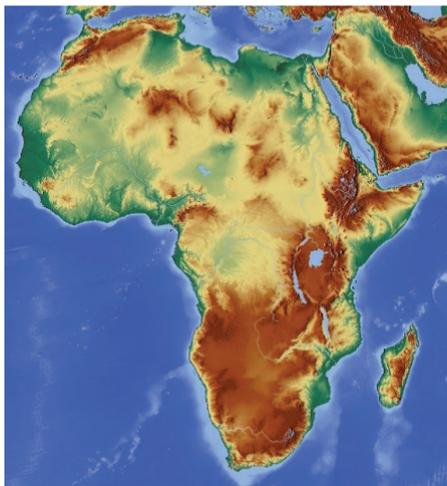


Devido à grande extensão, a savana africana é o bioma símbolo do continente. Apesar de muito associado à África, as savanas ocorrem em diversas regiões do planeta. No Brasil, as savanas são denominadas cerrado. Para saber mais sobre o desenvolvimento desse bioma, consulte o artigo "A origem do cerrado". Segue a referência do texto indicado:

GUIMARÃES, M. A origem do cerrado: histórias evolutivas divergentes dão formas distintas às savanas atuais e afetam possíveis respostas a mudanças climáticas. **Revista Pesquisa Fapesp**, 219. ed., maio 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/naM4EN>>. Acesso em: 26 maio 2017.

A estrutura geológica do continente africano foi formada no período Pré-Cambriano e é, portanto, antiga. Apresenta um relevo bastante desgastado pelos processos erosivos, caracterizado pelo predomínio das baixas altitudes. Os planaltos antigos ocupam grande extensão desse território. Como é possível observar na Figura 3.3, as regiões mais elevadas estão concentradas na porção leste e sul do continente. No extremo norte, destaca-se a Cadeia do Atlas. Na porção leste, destaca-se um conjunto de falhas geológicas, chamadas de Rift Valley, desenvolvido durante o "processo de formação de novas bacias oceânicas quando da fragmentação de continentes" (TASSINARI, 2009, p. 12), isso é, quando ocorreu o movimento de rompimento da placa tectônica. Além de uma região de depressão que permitiu a formação de grandes lagos, como o Vitória e o Tanganica, esse processo ocasionou também a formação de vulcões e montanhas, como o Monte Quênia e o Kilimanjaro, ponto mais alto da África, com quase seis mil metros de altitude.

Figura 3.3 | Relevo do continente africano



Fonte: adaptada de <<https://goo.gl/cTQs7j>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Os recursos hídricos do continente estão relacionados com o relevo e, sobretudo, com os tipos climáticos. Nas regiões de clima equatorial e tropical estão as nascentes de importantes rios para o continente, entre eles os rios Nilo, Congo, Zambezi e Níger. Já nas porções semiáridas e desérticas, os rios são intermitentes, isto é, temporários, e menos expressivos em volume. Em tais regiões destacam-se os oásis formados pelo afloramento do lençol freático que podem abastecer povoados ou grupos nômades do deserto.

## Colonização e subdesenvolvimento

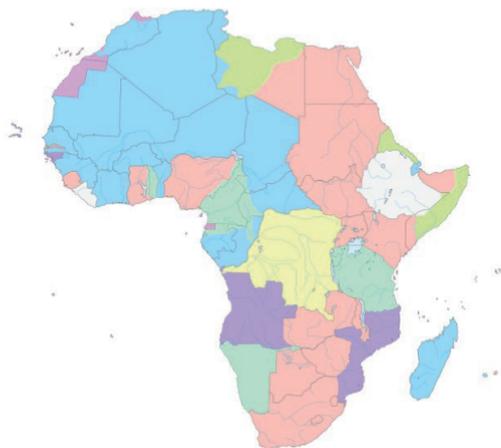
O subdesenvolvimento africano tem ligação direta com a colonização europeia empreendida no continente. A relação entre Europa e África é anterior às grandes navegações, mas se intensificou a partir do século XV. A partir desse período, foram estabelecidas no continente africano as feitorias, que funcionavam como portos para o embarque para a América de negros escravizados. Magnoli (2008) aponta que ao longo de quatro séculos, aproximadamente 15 milhões de africanos foram capturados e traficados por árabes e europeus. A escravização e transferência dos povos africanos provocou a estagnação populacional e a desestruturação de clãs e tribos (MAGNOLI, 2008).

No século XIX uma nova forma de colonialismo, denominada

imperialismo, foi adotada no continente. Com a Revolução Industrial e a independência das colônias americanas, os europeus precisavam de recursos naturais para abastecer seu incipiente processo de industrialização e enxergavam no território africano uma grande fonte de matérias-primas. Em 1885 ocorreu na Alemanha a Conferência de Berlim, que reuniu representantes da Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, Itália, Portugal e Espanha. Tal encontro teve como propósito “a garantia de liberdade de comércio e da navegação nos rios Congo e Níger e a conclusão de um acordo sobre os critérios de futuras anexações na África” (DÖPCKE, 1999, p. 83). Assim, Döpcke (1999, p. 85) considera que a Conferência de Berlim teve como resultado uma corrida pela ocupação do continente africano e, posteriormente, a Partilha da África (Figura 3.4), que ocorreu por meio de “acordos bilaterais após a Conferência de Berlim” entre as potências europeias. A Partilha da África e o novo ciclo colonial desestruturaram a organização política e econômica tradicional dos povos africanos, que foram expulsos de suas terras e obrigados a trabalhar na exploração de jazidas minerais ou nas plantations, que passaram a ocupar os solos mais férteis do continente. Os movimentos de resistência foram aniquilados pelos colonizadores, que possuíam armamentos superiores, e muitas comunidades africanas que rechaçaram a dominação foram exterminadas (MAGNOLI, 2008). A Partilha da África e a subjugação de povos e seus territórios estavam respaldadas pelos princípios do direito internacional, que declarava que os europeus tinham o direito e o dever de explorar as riquezas naturais de terras de povos selvagens (LABROT, 1996).

Somente em meados do século XX tem início o processo de descolonização do continente africano. De um lado, em função do enfraquecimento político e econômico dos países europeus que haviam passado pela II Guerra Mundial, o que inspirou os movimentos por independência, e, por outro, em função de uma nova ética que apontava como imoral a ocupação e exploração do território de outros povos.

Figura 3.4 | A Partilha da África



Mapa de África Colonial em 1913. ■ Bélgica ■ França ■ Alemanha ■ Grã-Bretanha ■ Itália ■ Portugal ■ Espanha ■ Estados independentes

Fonte: <<https://goo.gl/GUsVUo>>. Acesso em: 25 maio 2017.

Entretanto, a descolonização não representou a oportunidade de promover o desenvolvimento no continente africano e diversos fatores podem ser apontados para isso. Um deles tem relação com as fronteiras dos novos países, que tomaram por base os limites das antigas colônias europeias e acabaram unindo em um território grupos étnicos com crenças antagônicas, além de grupos que haviam sido privilegiados durante a colonização àqueles que haviam sido desfavorecidos, o que, após a independência política, acentuou as diferenças e hostilidades. Outro fator está relacionado ao neocolonialismo. É importante destacar que a independência dos países africanos aconteceu no campo político, mas no econômico os países continuaram a exportar matéria-prima para as antigas colônias.

### Continente africano: população e desenvolvimento humano

O continente africano possui atualmente cerca de 1,2 bilhões de habitantes e é um continente rural, isso porque em média 60% de sua população ainda estão concentradas no campo e ligada ao setor primário (BAD, 2017). Entretanto, as projeções estatísticas da do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) estimam que até a

metade do século XXI o continente passará por um aumento em sua urbanização e concentrará mais de 60% da população nas cidades. Outra projeção da Unicef mostra que a população do continente irá dobrar: são esperados para os próximos 30 anos o nascimento de mais de 2 bilhões de crianças. Isso ocorrerá em função das altas taxas de natalidade no continente (UNICEF, 2014), o que atrasa o processo de transição demográfica dos países africanos, ao compararmos com outros países em desenvolvimento. O crescimento populacional está previsto mesmo que a África apresente cerca de metade da mortalidade infantil mundial e que concentre até 70% desta até 2050.

Tanto a alta taxa de natalidade quanto a de mortalidade infantil estão relacionadas à pobreza. O continente africano concentra os países mais pobres do mundo. No ranking do IDH, dos 41 países que apresentam baixo IDH, 35 são países africanos, sendo que a República Centro Africana e o Níger são os dois piores colocados (ONU, 2016). As taxas de analfabetismo são assustadoras. Dados de 2015 indicam que são analfabetas 81% da população adulta do Níger, 69,5% da Guiné e 68% do Sudão do Sul. Entre as mulheres esses percentuais são ainda maiores, o que revela uma grande desigualdade de gênero.

As expectativas de vida são baixas, geralmente entre 50 e 60 anos. Destaca-se a Argélia, com expectativa de vida de 77 anos (a mais alta do continente); e a Suazilândia, país no qual essa taxa é de 48,9 anos, apenas. Esse quadro está relacionado com a pobreza, os conflitos internos, a escassez de alimentos, mas também a falta de serviços de saúde pública. O continente africano, em especial a África Subsaariana, é assolada pelas epidemias de fome e de Aids. A fome resulta da baixa produção de alimentos, em partes, pela irregularidade das precipitações de vastas porções do continente, mas também pela concentração de terras e produção de monoculturas para a exportação. Magnoli (2008) aponta que de 1960 a 1995 houve uma redução de 12% da produção per capita de alimentos no continente, ao passo que na Ásia houve um aumento de 70% no mesmo período. Com relação à Aids, a África Subsaariana é a região do mundo que mais concentra pessoas infectadas: 68% dos infectados no mundo em 2007 (MAGNOLI, 2008).



A África Subsaariana é a região do mundo onde se concentra o maior número de novos infectados pelo vírus HIV e também o maior número de mortes em decorrência da doença. Apesar disso, dados estatísticos da ONU indicam uma redução do número de novos infectados entre 2000 e 2014: em 2000, foram 2,3 milhões, e em 2014, 1,4 milhão. As mortes em função do vírus também estão diminuindo na África Subsaariana: em 2000, foram 1,2 milhão, e em 2014, 790.000 mortos (UNAIDS, 2015). Essa redução pode ser atribuída ao acesso à informação e prevenção, assim como os medicamentos que permitem o controle do vírus.

### Continente africano: quadro econômico

A maioria dos países africanos possui economia baseada em atividades do setor primário: agricultura, pecuária e extrativismo mineral e vegetal. Entretanto, a África do Norte e a África Subsaariana possuem contextos econômicos diferentes. Na África do Norte predomina a agricultura de subsistência praticada com técnicas tradicionais e baixa produtividade, basicamente para abastecer as famílias agricultoras. Nessa porção do continente, duas regiões agrícolas merecem destaque: o vale do Rio Nilo, único rio perene que atravessa o deserto do Saara; e o Magreb, que em função da Cadeia do Atlas possui um clima subtropical com chuvas regulares no inverno e possibilita o cultivo de diversos itens, como frutas, trigo, oliveiras, e a prática de pecuária intensiva e extensiva de ovinos e caprinos. O deserto do Saara ocupa boa parte da África do Norte, o que dificulta a prática da agropecuária e a restringe às regiões de oásis. A extração de petróleo é destaque no Egito, na Líbia e na Argélia, gerando receita para os países, mas tais ganhos não são reinvestidos em melhoria da qualidade de vida para a população.

A situação na África Subsaariana é diferente. Nessa região predominam as grandes propriedades monocultoras instaladas nas melhores terras agrícolas. Tal prática está voltada para a exportação e tem suas raízes na colonização europeia empreendida no continente. O clima permite as plantações de culturas tropicais como frutas, amendoim, café, cana-de-açúcar, algodão, milho, entre outros. Por outro lado, a agricultura para fornecimento de alimentos para a população local está restrita às terras menos férteis

e, conseqüentemente, a produção é insuficiente para garantir a segurança alimentar e é a causa de um dos maiores problemas do continente: a fome. A África Subsaariana também se destaca pelo extrativismo mineral. Pelo fato de possuir um terreno geológico antigo, existem diversos afloramentos minerais para exploração. São explorados diamante na República Democrática do Congo, em Botsuana, na República Centro Africana e na Tanzânia; ouro no Zimbábue e na África do Sul; também há explorações de ferro, cobre, bauxita, carvão, entre outros. A exploração desses recursos é realizada, sobretudo, por empresas multinacionais europeias, norte-americanas e japonesas, e visam à exportação. Dessa forma, uma configuração marcante da malha de transportes do continente é a sua estrutura voltada para o exterior: as redes viárias ligam porções do interior do continente com os portos no litoral, a fim de possibilitar as exportações. É um modelo de rede parecido com o brasileiro, denominado porto de Santos, de espaços extrovertidos.

Os países africanos são pouco industrializados. A África do Sul é o que possui o parque industrial mais diversificado, com indústrias automobilísticas, químicas, siderúrgicas, alimentícias, entre outras. Destacam-se também as indústrias no Egito e na Argélia voltadas para o setor petroquímico. De modo geral, as indústrias nos países africanos estão voltadas para o processamento dos produtos agrícolas e minerais. Esse baixo índice de industrialização pode ser explicado pela falta de investimentos internacionais nos países do continente. Não há investimentos por diversos motivos, tais como a falta de mão de obra especializada, a inexistência de um mercado consumidor com poder aquisitivo e a falta de infraestrutura básica que forneça água e energia elétrica para as empresas operarem.



### Refleta

A maioria dos países africanos é subdesenvolvida. Além de outros fatores, o subdesenvolvimento tem raízes no modelo colonial adotado pelas potências europeias, que desestruturaram os territórios e culturas. Hoje, o continente está preso a um ciclo de pobreza: os países não recebem investimentos internacionais porque são pobres e são pobres porque não recebem investimentos. Como romper com esse ciclo e promover o desenvolvimento econômico e social? Qual o papel dos demais países do mundo nesse processo? Qual o papel da ONU e de suas agências internacionais?

## Sem medo de errar

É importante destacar que é papel da escola promover tanto um ambiente de tolerância quanto desenvolver essa característica em seus alunos. Segundo o artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é uma das finalidades do ensino “o fortalecimento dos laços de solidariedade humana e da tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (BRASIL, 1996). A sociedade é marcada pelas diferenças entre as pessoas no que diz respeito à cultura, à classe social, à história de vida, à religião, à capacidade cognitiva, entre muitas outras. Assim como a sociedade, o ambiente escolar comporta essa diversidade. Ele é definitivamente o espaço consagrado para a “promoção de valores e comportamentos de tolerância e respeito às diferenças”, assim como para o “desenvolvimento socioemocional de crianças” e adolescentes (PRETTE et al., 2012, p. 170). Nesse sentido, a professora poderia continuar o debate com os alunos contextualizando as religiões no mundo: existem diversas religiões e cada uma delas tem suas crenças e formas de expressão. Seria interessante trazer alguns exemplos de religião/crenças/rituais ou hábitos religiosos. Existe um grande preconceito nas sociedades ocidentais com relação ao islamismo graças aos meios de comunicação. É importante mostrar aos alunos que o islã é a religião com o maior número de adeptos no mundo, e que apenas uma pequena parcela faz dela uma leitura extremista e equivocada, o que redundaria em formações de grupos extremistas. Por isso, os alunos não precisam correr de alguém que utiliza trajes islâmicos na rua e, muito menos, se referir com palavras ofensivas a esse grupo de pessoas.

## Faça valer a pena

**1.** Como consequência da tectônica de placas, os continentes fragmentam-se e juntam-se periodicamente ao longo do tempo geológico. As evidências geológicas destas aglutinações e rupturas são encontradas em áreas de margens dos continentes atuais ou que foram no passado geológico e que hoje se encontram saturadas no meio dos continentes.

O continente africano está situado no centro da Placa Africana. Possui uma estrutura geológica antiga e, portanto, bastante desgastada pela ação da erosão. Entretanto, pode existir, dentro da placa africana, uma região de

instabilidade tectônica.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta a denominação do fenômeno e o processo a ele associado.

- a) Rifteamento. Trata-se do processo de fragmentação do continente.
- b) Expansão do assoalho oceânico. Trata-se do distanciamento dos continentes.
- c) Rifteamento. Trata-se do processo de orogênese.
- d) Metamorfismo. Trata-se do processo de orogênese.
- e) Expansão do assoalho oceânico. Trata-se do processo de fragmentação do continente.

**2.** O continente africano apresenta uma região de grande vulnerabilidade geoambiental, trata-se do Sahel, que corresponde a uma faixa de terras que acompanha a borda sul do deserto do Saara. Sobre o Sahel, julgue verdadeiras ou falsas as afirmações a seguir:

( ) O Sahel possui clima tropical e é responsável por abastecer com recursos hídricos a Floresta do Congo, mas suas nascentes, muito exploradas, tornam seus recursos hídricos cada vez mais limitados.

( ) O Sahel passa por um processo de desertificação causado pela expansão do deserto do Saara e também pelas ações antrópicas degradantes na região.

( ) O Sahel corresponde a uma faixa de terras que requer especial atenção, pois o empobrecimento da região pode provocar conflitos locais pelo controle das terras agricultáveis e dos recursos hídricos.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta a sequência correta: de verdadeiro e falso.

- a) V, V, V.
- b) V, F, V.
- c) F, V, V.
- d) F, V, F.
- e) V, V, F.

**3.** Leia atentamente o trecho a seguir sobre a pobreza africana e analise as assertivas apresentadas:

“Atualmente, as sociedades africanas encontram-se, de modo geral, em situação igual ou pior que aquela do ponto de partida. Hoje, está claro que a tragédia africana tem raízes internas” (MAGNOLI, 2008, p. 302-303).

I – O trecho enfatiza a ideia de que a causa da pobreza africana deva ser atribuída exclusivamente à colonização do continente.

II – Como “raízes internas” da pobreza, podem-se incluir as extensões de clima árido e semiárido que provocam baixa produtividade agrícola.

III – Como “raízes internas” da pobreza, pode-se incluir a disputa entre tribos e clãs pelo poder e controle dos países.

IV – As “fronteiras artificiais” provocam instabilidade política, mas não no campo econômico.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta somente as assertivas corretas.

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I e III.
- e) II e IV.

## Seção 3.2

### África II

#### Diálogo aberto

Nesta unidade, estamos acompanhando a história de Hanan, uma imigrante síria.

Depois de um ano no Brasil, Hanan está matriculada em uma escola pública há algum tempo e seu português é fluente. Ela é a única menina na escola que usa o *hijab*. De início, os alunos ficaram resabiados com ela, apesar do debate sobre o islamismo e suas tradições promovido pela professora de Geografia. Como suas amigas não usam o *hijab*, Hanan se sente muito diferente de todos. Apesar de defender sua religião e a necessidade de usar o traje perante os colegas, ela começou a questionar seus pais em casa. Os pais querem manter as tradições nas quais foram criados e transmiti-las à filha. Isso ocorreria de forma muito natural se eles estivessem morando na Síria. Na condição de pais, como lidar com a mudança para um país diferente e conciliar o atual contexto às tradições e à identidade da família e de seus ancestrais? Deveriam os pais flexibilizar sua identidade adaptando-a à nova realidade para a criação dos filhos ou se manter fechados para impedir a perda das tradições?

#### Não pode faltar

##### Migrações e refugiados

Migração é uma forma de deslocamento humano no espaço geográfico. Distinguimos as migrações em internas, quando ocorrem dentro de um mesmo território nacional; e migração internacional, quando o deslocamento ultrapassa a fronteira dos países. Também distinguimos as migrações em voluntárias, quando as pessoas optam por mudar de cidade ou país a fim de encontrarem emprego, qualidade de vida, dar continuidade aos estudos; e em forçadas, quando a migração é necessária em função de perseguições religiosas,

políticas ou conflitos armados. Nesses casos, existe a Convenção Internacional do Estatuto dos Refugiados, um braço da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), estabelecida em 1951. Para essas situações, os imigrantes podem requerer asilo na condição de refugiados. Além destas, existem outras duas categorias de migrantes: a de trabalhadores e a de deslocados internos.

Apesar de ser bastante noticiada a travessia dos migrantes em caráter de refugiados para o continente europeu, sabe-se que apenas 1 em cada 10 refugiados da África migram para fora do continente (WMHR, 2007). Isso significa que a maior parte busca proteção em países fronteiriços. Dessa forma, existem fluxos internos expressivos, como os de Ruanda para a República Democrática do Congo, em 1994; da Eritreia para o Sudão; do Sudão para Uganda, Etiópia, Quênia, República Democrática do Congo e, mais recentemente, do Sudão do Sul para Uganda. Tais pessoas são alocadas em campos de refugiados montados pelo governo dos países que os acolhem ou então pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), agência da ONU dedicada ao assunto. A condição de vida em tais acampamentos é precária, água e comida são escassas, não há emprego, a assistência à saúde é limitada, entre outros problemas, e, portanto, o acolhimento é provisório, assim que os conflitos ou a situação política melhora, as pessoas devem retornar ao país de origem. Uma pequena parte dos refugiados consegue asilo em países europeus ou nos Estados Unidos, mas a política para obtenção do reconhecimento como refugiado está cada vez mais restrita nesses países em função do fluxo elevado de imigrantes que acabam não sendo incorporados ao mercado de trabalho e aumentam os gastos sociais dos governos.

A maioria dos fluxos migratórios africanos é composta por trabalhadores que se deslocam para outros países dentro do continente ou para outros continentes, em especial para a Europa. Os trabalhadores migram em busca de empregos e não porque estão sob perseguição ou risco de vida. Na África, os principais destinos dos trabalhadores são a África do Sul, a Nigéria, o Gabão, os países do Magreb. Na África também ocorre a migração expressiva de trabalhadores qualificados, em especial, da área médica. Por exemplo, 12.000 médicos da África do Sul migraram para países desenvolvidos. Isso representa uma porcentagem expressiva para um país que possui em torno de 33.000 médicos (WMHR, 2007). Fato é que além de

perder uma mão de obra importante para melhorar o quadro social, tais países perdem também o investimento em educação aplicado na formação desses profissionais. As remessas enviadas pelos migrantes para os familiares na África compõem uma importante renda para as famílias e dinamizam a economia de cidades: o repatriamento de parte dos salários representam de 3 a 4% do PIB da Nigéria, do Mali, do Quênia; 7% do PIB do Senegal e cerca de 26% do PIB de Lesoto (WMHR, 2007).

## **África do Sul: do apartheid aos BRICS**

A África do Sul é um dos países com o melhor nível socioeconômico do continente africano. É um grande produtor de diamantes, manganês, urânio, ferro, carvão, ouro, dentre outros minerais. Entretanto, sua economia se diversificou e o setor terciário e a indústria manufatureira ocupam importantes posições na composição do PIB do país e são sustentados pela maior produção de energia elétrica do continente. A África do Sul pode ser considerada um país em desenvolvimento. Ao olhar para os indicadores sociais do país, encontramos uma expectativa de vida de 57,7 anos e taxa de analfabetismo de 6,6% dos adultos. Dessa forma, a África do Sul foi formalmente incorporada aos BRICS em 2011, em função de sua "relevância econômica [...] no continente africano, sua construtiva atuação política no cenário internacional e sua representatividade geográfica" (ITAMARATY, 2017, s. p.). O BRICS constitui o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Tratam-se de países que vêm consolidando seu desenvolvimento socioeconômico e emergem no cenário internacional como importantes atores geopolíticos. O grupo tem por objetivo "a construção de uma agenda de cooperação multissetorial entre seus membros" (ITAMARATY, 2017, s. p.). em áreas como a agricultura, ciência e tecnologia, cultura, governança e segurança da Internet, previdência social, entre outros diversos.

A região que atualmente correspondente à África do Sul foi colonizada por holandeses, franceses e alemães desde o século XVII e, posteriormente, colonizada pelos britânicos. Era habitada por diversos grupos étnicos, como os boxímanes, khoikhois, xhosas, sans e zulus, que foram dizimados em guerras contra os colonizadores ou

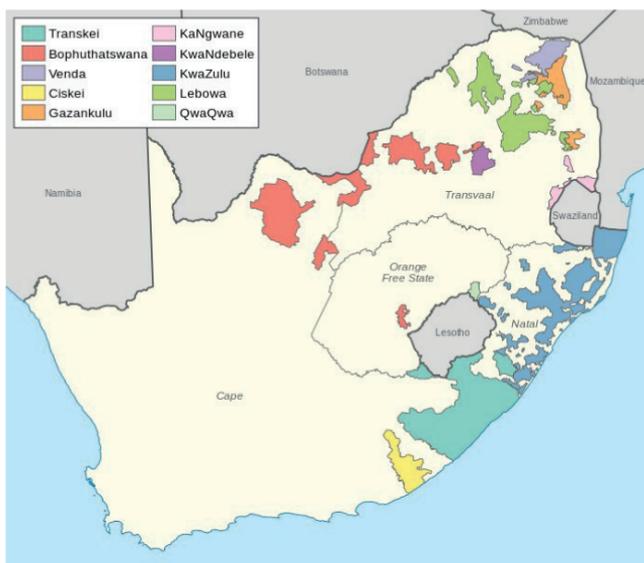
escravizados (PINTO, 2007). A história de dominação e segregação de colonizadores europeus sobre os povos nativos é antiga. O regime do apartheid, adotado em 1948, institucionalizou a segregação e a dominação. Consistiu em um conjunto de leis com o objetivo de regulamentar a separação entre a população em função de sua origem étnica, como apontou Pinto (2007, p. 397-398).



O apartheid impediu o acesso dos negros à propriedade da terra e à participação política e obrigou-os a viver em zonas residenciais segregadas. A Lei de Registro Populacional, de 1950, garantiu uma rígida hierarquização racial, outorgando direitos políticos, econômicos e sociais desiguais para cada uma das categorias raciais. A lei institucionalizou quatro categorias raciais – branco, mestiço, asiático e negro. A forma de classificação era arbitrária e baseada em critérios de aparência. Ser classificado como negro trazia consequências graves. A Lei das Áreas de Grupo, também de 1950, estabeleceu a separação espacial das categorias raciais, obrigando as pessoas a fixarem suas residências em áreas determinadas. A Lei da Conservação de Diversões Separadas instituiu o uso separado de praias, transportes, piscinas, bibliotecas, banheiros públicos, teatros, cinemas e praças. A segregação das áreas residenciais e locais e serviços públicos gerou a criação dos passes e dos assentamentos negros, chamados bantustões. Outras leis garantiam a posse da terra para os brancos, a proibição de casamentos mistos, a regulamentação da educação banto, a censura etc.

Os bantustões se tornaram emblemáticos da segregação socioespacial que o apartheid impôs (Figura 3.5). Eles reuniam cerca de 13% das terras da África do Sul e possuíam certa autonomia. Como os bantustões não ofereciam empregos suficientes, foram formadas diversas *townships* próximas às cidades habitadas pelos brancos, entre elas Soweto, próxima a Joanesburgo.

Figura 3.5 | Bantustões na África do Sul



Fonte: <<https://goo.gl/NYLzFp>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Em reação à segregação, foi criado o Congresso Nacional Africano (CNA), que em 1962 foi declarado ilegal e seus líderes, entre eles Nelson Mandela, presos. Todas as manifestações antiapartheid e lutas pelos direitos da população negra foram duramente reprimidas. Um importante ícone da luta contra o apartheid foi o arcebispo Desmond Tutu.

Na década de 1980, os boicotes internacionais da ONU, dos Estados Unidos e de bancos internacionais à África do Sul para pressionar pelo fim da segregação complicaram a situação econômica do país, o que obrigou a revisão e o abrandamento do apartheid. Em 1989, o CNA e outros partidos são formalmente reconhecidos e diversos presos políticos voltaram do exílio ou foram libertados, entre eles Nelson Mandela, que se tornou presidente do país em 1994, por meio de eleições diretas, após a revogação do apartheid, em 1992. A transição para um regime democrático foi pacífica e negociada, o que fez com que o país não se desintegrasse em novas disputas de poder (PINTO, 2007).

## Conflitos regionais: Sudão - Sudão do Sul e o Boko Haram

As fronteiras do continente africano foram definidas, sobretudo, no século XX, com o processo de independência das colônias europeias, mas adentrou o século XXI com perspectivas de novas alterações. Um desses casos é a criação do Sudão do Sul, um país independente, formado pela secessão do Sudão, em 2011. Apesar de sua independência ser recente, os conflitos entre as duas regiões que compunham o território do Sudão remetem ao século XIX, período em que era uma colônia inglesa.

O Sudão se tornou um país independente em 1956 e passou a ser governado por uma administração árabe-muçulmana com intenções de manter o território unificado apesar das diferenças étnicas e religiosas entre o norte, onde predominavam os árabes e a religião muçulmana, e o sul, onde predominavam diversas etnias negras, com destaque para a dinka e o cristianismo. A elite árabe-muçulmana controlava e dominava a vida econômica do país, enquanto a população do sul do país, de maioria cristã, era pouco representada e atendida (NASCIMENTO, 2009). Essa disparidade entre o norte privilegiado e o sul subjugado foi a principal motivação para os movimentos de independência do sul do país. Assim, como aponta Nascimento (2009, p. 430-431), “as reivindicações do Sul foram-se então cristalizando em torno do Sudan’s People Liberation Movement/ Army (SPLM/A), o único grupo rebelde capaz de pressionar e enfrentar política e militarmente o governo central”.

Apesar de conformar um cenário complexo, o conflito no Sudão e Sudão do Sul é apresentado como proveniente de uma polarização entre o norte muçulmano e o sul cristão. Houve, de 1956 a 2011, duas importantes guerras civis: a primeira entre 1955 e 1972, e a segunda entre 1983 e 2005 que resultou em mais de 2 milhões de pessoas mortas e teve fim com o Acordo de Paz em 2005. Tal acordo, assinado pelo governo sudanês com os rebeldes do sul, previa a possibilidade de independência após consulta popular por meio de um referendo, realizado em 2011, que resultou em expressivo apoio pela separação do país.

O Sudão do Sul nasce como país independente com menos de 10 milhões de habitantes e com enormes desafios pela frente, pois nos mais de 60 anos em que pertenceu ao Sudão, quase nenhuma

infraestrutura foi construída. Dessa forma, o Sudão do Sul quase não possui infraestrutura de saneamento básico: “apenas 13% da população têm acesso à água tratada e 3,3% contam com água e esgoto encanados”, mais de 90% da população do país vive abaixo da linha da pobreza (OLIVEIRA; SILVA, 2011, p. 25). Após a independência, as novas bandeiras do país foram confeccionadas na China, porque o país não dispõe de indústrias.

O Sudão do Sul passou a concentrar 75% das reservas de petróleo que pertenciam ao Sudão. Ambos os países continuam dependentes da exportação deste recurso para a geração de receitas, o Sudão do Sul, em especial, continua dependente do Sudão, uma vez que os oleodutos por onde o petróleo é exportado passam pelo território sudanês (OLIVEIRA; SILVA, 2011). Os conflitos no Sudão do Sul não tiveram fim com a independência do país, que passa atualmente por conflitos internos de disputa de poder entre o governo, de etnia dinka, e os desertores, de etnia nuere.

A Nigéria é o país mais rico do continente africano, devido às suas jazidas e à exportação de petróleo. Entretanto, a riqueza gerada pela exploração do mineral não é capaz de transformar radicalmente a condição socioeconômica do país, que se encontra mergulhado em governos corruptos e grande desigualdade social. Existe também uma Nigéria dividida territorialmente, enquanto a porção sul é mais rica, em função das receitas e do emprego gerado pelo petróleo, a porção norte é mais pobre. É nesse contexto em que foi criado o grupo Boko Haram. O Boko Haram é um grupo radical islâmico que atua no continente africano, promovendo atos terroristas. Foi criado em 2002 com o objetivo de compor um califado no norte da Nigéria no qual seria adotada de forma rígida a sharia (lei islâmica). Além da Nigéria, atuam no Níger, no Chade e em Camarões.

A tradução de Boko Haram significa “educação ocidental é proibida”, grupo que se posiciona contrário aos valores ocidentais capitalistas e libertários. A morte de Mohammed Yusuf, um dos líderes do grupo, em 2009, provocada por uma ofensiva do governo nigeriano, contribuiu para a sua radicalização, iniciando uma série de ataques à polícia nigeriana. O grupo recebeu treinamento da Al Qaeda do Magreb e armamentos da Líbia. Os ataques a civis se intensificaram em 2012, quando passaram a vitimar professores, escolas e alunos, a fim de se posicionarem contra a educação

ocidental que estes promoviam. Como foram expulsos das comunidades em que estavam inseridos em 2013, o grupo passou a ocupar a Floresta de Sambisa, no norte da Nigéria.

Contraditoriamente, o Boko Haram atua na região norte da Nigéria, a mais pobre e aquela formada predominantemente por população muçulmana. O sul da Nigéria, mais rico, é formado em sua maioria por população cristã. A contrariedade reside no fato de que o Boko Haram oprime justamente o grupo formado por aqueles que poderiam ser cativados para a sua causa: a formação de um Estado islâmico.



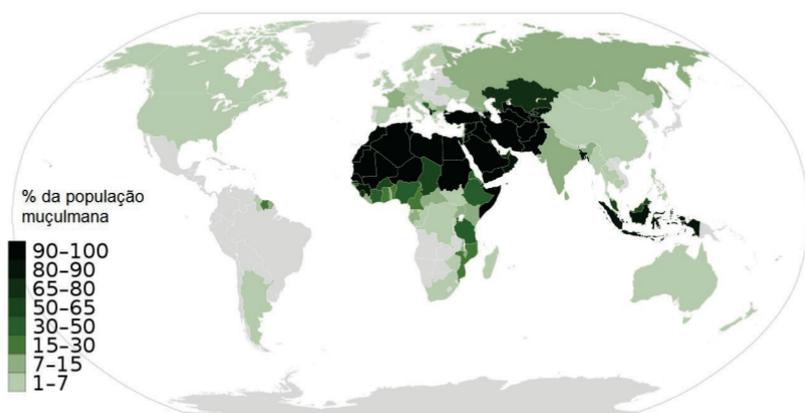
### Exemplificando

Em seus ataques em 2014, o grupo foi responsável pela morte de mais de 4.000 pessoas, somente naquele ano houve o sequestro de 2.000 mulheres (AMNESTY INTERNATIONAL, 2015). A ação mais conhecida e também a mais perversa foi a invasão e o sequestro de 276 meninas em 2014, pouco menos de 60 conseguiram escapar, mas a grande maioria delas ainda está desaparecida. Especula-se que tenham sido vendidas como escravas ou tenham sido obrigadas a se casar com os integrantes do grupo.

## O mundo muçulmano

A ONG norte-americana *Pew Research Center* publicou em 2015 um estudo estatístico sobre as religiões e suas projeções para 2050. Nesse estudo, constatou-se que o islamismo é a religião que mais cresce no mundo em número de adeptos, em 2010 eram cerca de 1,6 bilhão e em 2050 serão 2,76 bilhões de adeptos que representarão 29,7% da população mundial (PRC, 2015). Segundo a ONG, até 2050 o número de muçulmanos no mundo será muito próximo ao número de cristãos. Alguns fatores explicam essa expansão acelerada da religião, um deles é a alta taxa de natalidade nos países em que a maioria da população é muçulmana. Outro fator está relacionado com o aumento de novas conversões ao islã. E um terceiro fator de destaque é a porcentagem de pessoas jovens que a religião concentra: 93% dos muçulmanos possuem até 59 anos; situação diferente do judaísmo, religião que deve encolher, já que mais de 20% dos seguidores possuem mais de 60 anos.

Figura 3.6 | Porcentagem de população muçulmana nos países



Fonte: <<https://goo.gl/YqW8JE>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

A cartografia do mundo muçulmano anteriormente apresentada permite analisar que o islã não está restrito à sua região de origem, isto é, ao Oriente Médio. A religião tem sido difundida por todos os continentes e, com especial proporção, pelo continente africano e pelo sudeste asiático. A Índia e a Europa concentram expressivas populações islâmicas, apesar de representarem ainda a minoria religiosa dessas regiões. Na Europa, a população islâmica cresce, sobretudo, em função da imigração proveniente da África e do Oriente Médio. A Índia, segundo país mais populoso do mundo, possui a maior parte de sua população hindu (80%), entretanto, o país concentra uma das maiores comunidades muçulmanas do mundo: 176 milhões de seguidores. Merecem destaque também a Indonésia, com 210 milhões de muçulmanos, o Paquistão, com 167 milhões, e Bangladesh, com 134 milhões (PRC, 2015).



### Assimile

O mundo muçulmano e o mundo árabe se confundem, mas, de fato, referem-se a coisas distintas. Pode-se dizer que o mundo árabe é um subconjunto do mundo muçulmano. Isso porque o elemento fundamental da identidade árabe é a língua, enquanto o elemento fundamental do mundo muçulmano é a religião. Assim, os muçulmanos podem ser árabes ou não. Por exemplo, a Turquia é um país de maioria muçulmana, mas não é um país árabe. O mesmo ocorre com o Irã, cuja maioria da população é persa. Deve-se salientar que o mundo

muçulmano teve origem na Península Árabe com o surgimento e expansão do islã. O Corão foi escrito em árabe e "a influência da língua árabe se estende por todo o mundo muçulmano, pois as principais orações do Islã devem ser pronunciadas em árabe" (MAGNOLI, 2008, p. 268).

## A Primavera Árabe

A Primavera Árabe é o termo utilizado para designar a série de protestos e movimentos sociais que romperam em 2010 em países muçulmanos. Teve início na Tunísia, motivada pela deterioração do nível de vida a que a população estava submetida. Houve pressão para que Zine al-Abidine Ben Ali deixasse o poder que ocupava por mais de 20 anos. O que de fato ocorreu meses depois, sem grandes resistências. As manifestações tunisianas estimularam os protestos em outros países, como no Egito, responsável pela queda do ditador Hosni Mubarak, que ocupou o cargo por mais de 30 anos; e na Líbia, onde os movimentos foram violentos e responsáveis pelo fim do regime implantado há mais 40 anos por Muammar Khadafi, que acabou sendo assassinado pelos insurgentes. A Líbia, grande produtora e exportadora de petróleo, teve ajuda militar da OTAN para derrotar o ditador Kadhafi, possivelmente em função dos interesses dos Estados Unidos no recurso mineral. As manifestações sociais se espalharam para outros países do Oriente Médio, entre eles Iêmen, Arábia Saudita, Jordânia, Omã e Síria, onde o conflito se prolonga desde 2011 e tenta colocar fim à ditadura de Bashar al-Assad. A situação na Síria se tornou ainda mais complexa, devido à existência de rebeldes e do Estado Islâmico, assunto que será tratado na próxima seção.

Joffé (2011, p. 86) acredita que,



embora as circunstâncias econômicas tenham constituído um pano de fundo essencial para os acontecimentos ocorridos no Norte de África durante os primeiros três meses de 2011, [...] o verdadeiro causador do processo tem sido a incoerência entre as afirmações feitas pelos regimes nas suas tentativas de autolegitimação e a realidade do desprezo e da repressão por eles praticados

Segundo o autor, a crise nos preços dos alimentos e da energia elétrica foi o estopim para as insurreições no Egito, Tunísia e Líbia, países cuja maioria da população vive muito próxima ao limiar de

pobreza, por exemplo, no Egito, em 2011, 20% da população se encontrava abaixo da linha da pobreza e o desemprego atingia 12% dos trabalhadores. De fato, a insatisfação da população com os regimes autoritários dos governos de Mubarak, Ben Ali e Kadhafi foi a verdadeira motivação que os levaram à Primavera Árabe.

Joffé (2011) aponta que os movimentos populares da Primavera Árabe estão relacionados com as especificidades políticas dos próprios países, pois enquanto a Tunísia, o Egito e a Argélia, apesar de autocracias, conferiram certa autonomia para ação social, liberdade que de certa forma contribuiu para que os próprios movimentos ocorressem, como o pluralismo político e a liberdade de expressão, a Líbia continuava como uma autocracia extremamente conservadora.



## Vocabulário

Autocracia, ditadura, despotismo, absolutismo, tirania, autoritarismo são termos utilizados para denominar regimes políticos não democráticos.

Uma autocracia é sempre um Governo absoluto, no sentido de que detém um poder ilimitado sobre os súditos. Além disso, a autocracia permite que o chefe do Governo seja de fato independente, não somente dos seus súditos, mas também de outros governantes que lhe estejam rigorosamente submetidos. O chefe de um Governo absoluto é um autocrata sempre que suas decisões não possam ser eficazmente freadas pelas forças intra-governativas. Sob este aspecto, o monarca absoluto pode ser um autocrata, mas pode também não ser, quando divide o poder com alguns colaboradores que tenham condições de limitar sua vontade (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 372).



Assim, enquanto os manifestantes do Egito e da Tunísia conseguiram criar movimentos sociais eficazes, na Líbia as manifestações desembocaram em uma guerra civil.

As autocracias mais conservadoras ou mais progressistas perduram no poder porque têm apoio das elites econômicas que querem manter seus privilégios; do exército, que por meio da força e da intimidação garante a sua continuidade; e também têm o apoio de países europeus, que temem que a queda dos governantes desses países possa abrir espaço para que grupos islâmicos extremistas assumam o poder (JOFFÉ, 2011).

No Marrocos e na Argélia, apesar de os movimentos terem surgido em função da circunstância econômica dos países, os ativistas “não conseguiram desenvolver movimentos sociais significativos [...] para forçar a adoção de uma agenda política radical diferente da do Governo” (JOFFÉ, 2011, p. 90), em partes porque o governo possuía considerável apoio da população e em outras porque atenderam a alguns pedidos dos movimentos populares. Por exemplo, na Argélia, o governo reduziu impostos sobre as importações de alimentos e no Marrocos houve aumento de salários e alterações constitucionais (JOFFÉ, 2011). Dessa forma, nesses países os movimentos não resultaram em mudanças políticas profundas.



### Refleta

Refleta sobre a relação ou a similaridade entre a Primavera Árabe, iniciada em 2011 nos países da África do Norte, e os movimentos sociais que ocorreram no Brasil em 2013. Conforme apresentamos no texto, nos países do norte da África algumas medidas que iam ao encontro do que estava sendo reivindicado pela população foram promovidas. E no Brasil, as manifestações populares de 2013 tiveram efeitos sobre a economia e a política?



### Pesquise mais

Leia o livro “África e Brasil africano” da cientista política e social Marina de Mello e Souza, professora do departamento de história da USP. Nele, a autora apresenta a história do continente africano, antes e após a escravização e a migração forçada de mais de 5 milhões de pessoas. A autora traça um panorama dos legados que a influência dos africanos teve na cultura brasileira. Este livro é um importante material paradidático que pode ser utilizado tanto para preparação de aulas sobre a África e o Brasil, quanto uma indicação para os alunos aprofundarem na temática.

SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

## Sem medo de errar

Sem dúvida, as discussões sobre identidade são uma das mais interessantes e, contraditoriamente, mais difíceis de consenso. Isso porque envolve uma carga subjetiva muito expressiva. Importantes discussões sociológicas são desenvolvidas no já apontado livro *O poder da identidade*, de Manuel Castells. Para os imigrantes que cresceram em seus países, a identidade foi formada durante seu processo de crescimento, educação e convivência em sociedade, e essa questão é menos complexa do que para as crianças, filhos de

imigrantes, que se deparam com o problema de certa ausência de pertencimento, pois não se sentem vinculadas à identidade do país de origem dos pais, mas também não se identificam completamente com a identidade do país em que nasceram ou que foram acolhidos ainda muito pequenos. Fato é que o choque cultural para imigrantes pode ser intenso quando é feita a opção por migração a países culturalmente muito diferentes. Os pais devem estar cientes de que mudanças de países implicam em resultados diferentes sobre a educação e criação dos filhos.

## Faça valer a pena

**1.** Os textos, a seguir, apresentam análises de autores sobre a Primavera Árabe:

Texto 1

Para além disso, as próprias manifestações não revelaram grandes reivindicações a favor da instauração de um governo islamita: as principais exigências dos manifestantes estavam relacionadas com o fim dos regimes, o fim da corrupção, a participação política e o respeito pelas liberdades e pelos direitos individuais. É claro que o islão formava o pano de fundo social do que aconteceu e condicionou muito do discurso, mas a sua manifestação especificamente política não foi uma componente explícita das reivindicações dos manifestantes. (JOFFE, 2011, p. 111)

Texto 2

Apesar de não se fazer presente na deflagração do fenômeno, é elemento fundamental para sua caracterização e desenvolvimento imediato, na medida em que é uma das únicas — senão a única — plataforma de organização da sociedade civil não necessariamente vinculadas aos governos (ALBRECHT; SCHLUMBERGER, 2004, p. 386). Portanto, mesmo não tendo dado início à Primavera Árabe em si, após iniciados os protestos e levantes, os segmentos do islamismo político — desde a Irmandade Muçumana no Egito até o grupo Estado Islâmico na Síria — tiraram proveito do momento favorável ao seu envolvimento político — (RAMADAN, 2012, p. 14), seja pela via pacífica, no caso do primeiro, seja pela via combativa extremada, segundo. (RAMOS, 2015, p. 22)

Com base na leitura e na relação entre os textos, assinale a alternativa correta:

- a) A leitura e análise dos fragmentos permite concluir que ambos os textos argumentam sobre o papel inexpressivo da religião islâmica no contexto da Primavera Árabe.
- b) O primeiro texto argumenta sobre o papel inexpressivo da religião islâmica no contexto da Primavera Árabe; já o segundo texto argumenta que o islamismo político foi catalisador dos movimentos.
- c) O primeiro texto nega a participação do islamismo político como ponto de partida dos movimentos sociais; o segundo texto enfatiza o papel do islamismo político como um ator secundário.
- d) O primeiro texto destaca que o islã compôs o pano de fundo das manifestações, que foram movimentos de ordem religiosa; o segundo texto destaca o envolvimento político de grupos religiosos para estimular a Primavera Árabe.
- e) A leitura e análise dos dois fragmentos permite concluir que ambos os textos relativizam o papel de grupos políticos islâmicos no contexto da Primavera Árabe.

## 2. Leia atentamente o texto que segue:



Em 2014, os ataques de Boko Haram se tornaram mais organizados, frequentes e letais. Os ataques de bombas e incursões nas cidades e nas aldeias ocorreram quase que diariamente. A partir de julho de 2014, Boko Haram capturou e ocupou grandes cidades no Nordeste. Em agosto de 2014, Abubakar Shekau declarou que as cidades sob seu controle eram um 'califado' independente. (AMNESTY INTERNATIONAL, 2015, p. 29)

Julgue as assertivas a seguir em verdadeiro ou falso:

- ( ) Formar um Estado independente no norte da Nigéria, rico em petróleo.
- ( ) Implantar a sharia na Nigéria, isto é, um Estado regido pelas leis islâmicas.
- ( ) Impedir a influência da cultura ocidental capitalista na educação dos muçulmanos.
- ( ) Reivindicar a melhoria dos indicadores socioeconômicos da Nigéria.

Assinale, a seguir, a alternativa que apresenta a sequência correta:

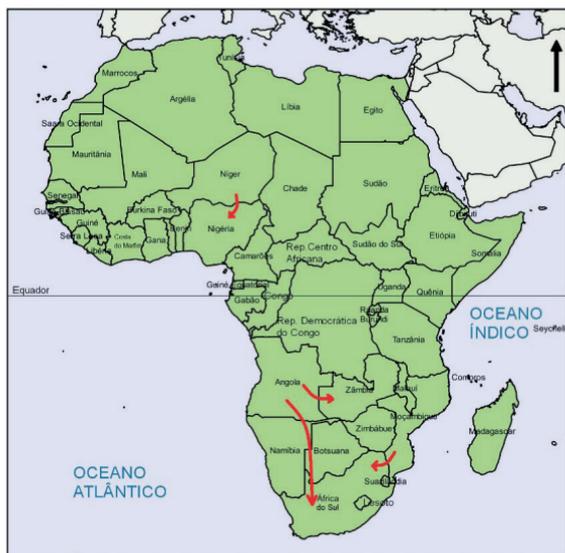
- a) F, V, F, F.
- b) F, V, V, V.
- c) V, F, F, V.
- d) F, V, V, F.
- e) V, V, F, F.

### 3. O continente africano é marcado por fluxos migratórios.

Dos 200 milhões de migrantes estimados em 2006, a nível internacional, cerca de um terço serão de origem africana (incluindo o Norte de África). A África representa, ainda, um terço dos refugiados e metade dos deslocados internos do planeta



A figura a seguir apresenta importantes fluxos migratórios no continente.



Assinale, a seguir, a alternativa que apresenta a principal motivação desses fluxos migratórios:

- a) Trata-se de fluxo de refugiados que buscam na África do Sul asilo político devido a perseguições políticas e religiosas em seus países de origem.
- b) Trata-se de fluxo de refugiados que buscam na África do Sul asilo político devido a guerras civis em seus países de origem.
- c) Trata-se de fluxo de migrantes que se deslocam para a África do Sul para fugir da seca e da desertificação em seus países de origem.
- d) Trata-se de fluxos de migrantes formados por trabalhadores que buscam empregos na África do Sul devido à melhor situação econômica.
- e) Trata-se de fluxo de migrantes que se deslocam para a África do Sul em função de catástrofes ambientais em seus países de origem.

## Seção 3.3

### Oriente Médio

#### Diálogo aberto

Nesta unidade, estamos discutindo a vinda e a adaptação de uma família síria ao Brasil.

Outras famílias vieram com a família de Hanan. Uma delas é a dos Bukhadra, composta pelos pais e dois filhos: Amin, de 15 anos, e Samira, de 12 anos. O pai de Samira e Amin faz questão de seguir à risca os costumes que ele considera corretos. Apesar de apoiar que a filha estude, ele não gostou da ideia de Samira estudar em uma escola mista, em que meninos e meninas aprendem juntos.

No Brasil, o acesso à educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988, art. 205) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Baseado nesse acontecimento e nas legislações brasileiras, você, no papel de assistente social, preocupado com a educação dessas crianças refugiadas e seu futuro no país, como resolveria essa questão? Em um diálogo com a família, que argumentos você poderia apresentar?

#### Não pode faltar

#### Oriente Médio: as paisagens naturais e o quadro físico

Devido ao seu papel estratégico, vamos dedicar uma seção para estudar o Oriente Médio (Figura 3.7). Trata-se de uma porção diferenciada da Ásia, tanto por sua proximidade com a Europa quanto por seus aspectos culturais e físicos.

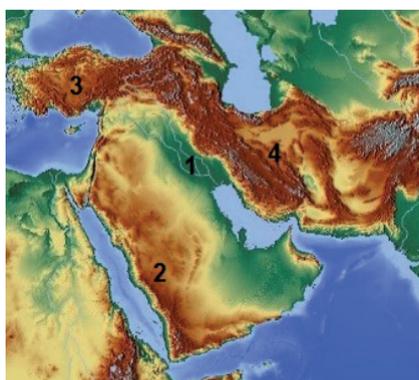
Figura 3.7 | Oriente Médio



Fonte: elaborada pela autora.

O relevo do Oriente Médio é marcado pelo predomínio dos planaltos do Irã, da Arábia e da Anatólia (Figura 3.8). Existem ainda montes com elevações variadas, como o Monte Taurus, o Zargos, Elburz, o Hindu Kush, o Hijaz, o Asir e os Hadramaut. Já as planícies estão localizadas, sobretudo, na Mesopotâmia e na Península Arábica. Na Turquia, há a ocorrência de clima mediterrâneo e vegetação composta por garrigues e maquis, mas, de forma geral, no Oriente Médio prevalecem os climas árido e semiárido, acompanhado das formações vegetais xerófitas e estepes, respectivamente.

Figura 3.8 | Relevo do Oriente Médio



1 – Planície da Mesopotâmia; 2 – Planalto da Arábia; 3 – Planalto da Anatólia; 4 – Planalto do Irã.

Fonte: adaptada de <<https://goo.gl/vuVUHL>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Em função dos tipos climáticos predominantes, os recursos hídricos são escassos, destacando-se os rios Tigre, Eufrates e o Jordão. As regiões em que ocorrem oásis são fundamentais para o desenvolvimento urbano e para a prática da agricultura. Damasco e Riad, capitais da Síria e da Arábia Saudita, por exemplo, estão localizadas em oásis. A escassez de água e o controle dos recursos hídricos são fatores de conflitos territoriais entre os países. O controle das nascentes do rio Jordão, nas Colinas de Golã, foi o motivo pelo qual Israel invadiu a Síria, em 1967. O rio Jordão é alvo da disputa entre Israel, Síria, Jordânia e Líbano. Os rios Tigre e Eufrates nascem na Turquia e abastecem também o Iraque e a Síria. O aproveitamento e a retenção de água na Turquia para a produção de energia hidroelétrica e para a irrigação é causa de conflito entre os países, que temem ser prejudicados com a redução da oferta de água.

### **Oriente Médio: população e indicadores sociais**

A população do Oriente Médio é de aproximadamente 335 milhões de habitantes (CIA, 2016), que estão mal distribuídos por tal região. Nas diversas áreas desérticas ou semiáridas, encontram-se grandes vazios demográficos, enquanto existem relevantes concentrações populacionais no litoral do Mar Mediterrâneo, no Golfo Pérsico, no vale do rio Jordão, na planície da Mesopotâmia. Os países mais populosos são a Turquia e o Irã, que ultrapassam os 80 milhões de habitantes (CIA, 2016). Os principais grupos étnicos são o árabe, o turco, o persa (iraniano) e o curdo. Os árabes são a maioria na Arábia Saudita, no Barein, no Catar, nos Emirados Árabes Unidos, no Iêmen, no Iraque, na Jordânia, no Kuwait, no Líbano, em Omã e na Síria. Outros grupos étnicos menos expressivos são os judeus, presentes em Israel; os gregos, no Chipre; os paquistaneses e indianos, no Catar; os patanes e tadjiques, no Afeganistão, os azeris, também no Irã. Em função da alta dinamização econômica promovida pelas receitas do petróleo, alguns países atraem diversos imigrantes trabalhadores, como é o caso da Arábia Saudita, que possui mais de 30% de sua população formada por imigrantes (CIA, 2016).

As taxas de urbanização são altas na maioria dos países do Oriente Médio. Na Arábia Saudita, por exemplo, o índice chega a 83%, 99% no Catar e 92% em Israel. Por outro lado, há países agrícolas,

que concentram a população em áreas rurais, como é o caso do Afeganistão, com urbanização de 26% (CIA, 2016). A expectativa de vida é alta em alguns países, como Israel (82 anos), Turquia (79 anos), Barein e Catar (78 anos), mas em outros, mais pobres, ou que tenham passado por conflitos, a expectativa de vida é menor, como é o caso, mais uma vez, do Afeganistão, no qual essa taxa é de 51 anos (CIA, 2016). Apesar da riqueza que o petróleo proporciona a alguns países do Oriente Médio, o padrão de vida é considerado baixo, uma vez que a renda é mal distribuída. Muitos países possuem IDH muito alto, como a Arábia Saudita, o Catar, Emirados Árabes, Barein, Kuwait e Israel.

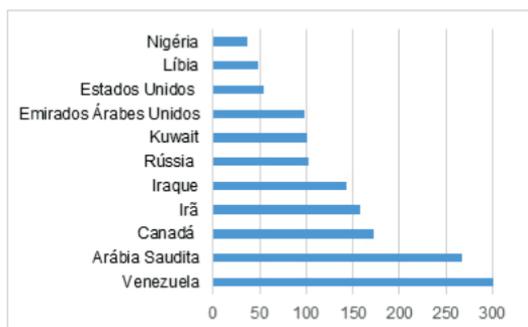
### **Aspectos econômicos e a produção de petróleo**

A produção e a exportação de petróleo são, sem dúvida, as atividades econômicas mais significativas no Oriente Médio. A agropecuária se destaca, sobretudo, em países que não exploram petróleo. A pecuária está voltada para a criação de caprinos e ovinos e é praticada de forma extensiva. Em função do clima árido e semiárido, tal atividade é mais frequente em regiões mais úmidas e nas quais possa ocorrer a irrigação das plantações, isso em porções litorâneas, nos oásis e nos vales fluviais. Nessas regiões são cultivadas frutas, cereais, algodão, entre outros. Destaca-se a agricultura praticada em Israel baseada em sofisticadas tecnologias para irrigação e monitoramento da produção, o que garante uma agricultura intensiva, precisa e produtiva para o país.

Os países com as indústrias mais relevantes são Turquia e Israel. Na Turquia têm ênfase as indústrias automobilística, química e a produção de joias. Em Israel, destacam-se a produção de componentes eletrônicos, medicamentos, equipamentos de irrigação.

A distribuição do petróleo na superfície terrestre é irregular. Existe uma grande concentração em pontos específicos, o Oriente Médio é um dos maiores deles. Acompanhe o gráfico a seguir dos países com as maiores reservas de petróleo comprovadas.

Gráfico 3.1 | Países com as maiores reservas de petróleo (mil milhões de barris)



Fonte: adaptado de <<https://goo.gl/QRZyyp>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

O petróleo e o gás natural são combustíveis fósseis. A formação de tais minerais “se dá a partir da matéria orgânica (principalmente algas) soterrada juntamente com sedimentos lacustres ou marinhos” (TAIOLI, 2009, p. 474). Neste processo, a matéria orgânica perde seus componentes voláteis e passa a concentrar cada vez mais carbono, até a sua completa transformação em hidrocarboneto (TAIOLI, 2009). Dessa forma, os locais privilegiados para a formação de petróleo são as bacias sedimentares.



### Assimile

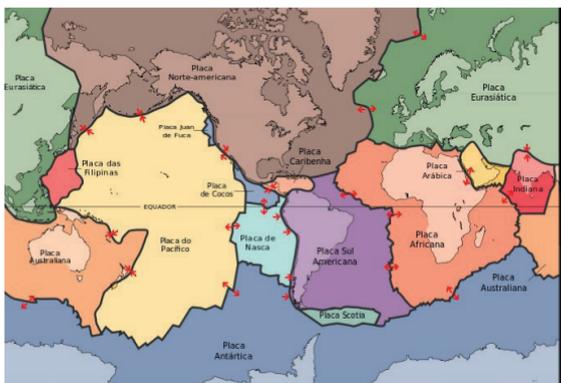


Bacias sedimentares são regiões que, durante um determinado período, sofrem lento abatimento (ou subsidência), gerando uma depressão que é preenchida por sedimentos. Esses sedimentos podem ser formados por materiais de três tipos principais: fragmentos originados pela erosão das áreas elevadas e transportados para a bacia por rios, geleiras ou ventos; materiais precipitados em corpos d'água dentro da bacia, anteriormente transportados como íons em solução; e estruturas que fizeram parte de corpos de animais ou plantas, como fragmentos de cochas, ossos, ou recifes de corais inteiros.

Como as bacias afundam lentamente, sedimentos mais novos são depositados sobre os mais antigos, que ficam preservados da erosão que predomina na superfície do planeta. O resultado é uma pilha de rochas (formadas pelas transformações que ocorrem aos sedimentos depois de soterrados) de diferentes idades, que revelam a história da região em cada etapa do tempo em que houve subsidência e acumulação de sedimentos. (ALMEIDA, 2002, s. p.)

De forma geral, dois recursos minerais, o petróleo e o gás natural, são encontrados nas mesmas regiões com intensidades diferentes, dependendo dos processos que deram origem a tais combustíveis fósseis. O Oriente Médio é uma região privilegiada em jazidas de petróleo e gás devido à dinâmica da placa tectônica (Figura 3.9) em que se encontra. A Placa da Arábia se desagregou da Placa Africana há mais de 25 milhões de anos e passou a se chocar com a Placa da Eurásia. Esse encontro de placas provocou a formação de dobras que facilitaram a concentração de matérias orgânicas e a elevação da pressão sobre esses sedimentos, criando um ambiente favorável para a formação do petróleo.

Figura 3.9 | Limites das placas tectônicas



Fonte: adaptada de <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Placa\\_tect%C3%B3nica#/media/File:Placas\\_tect2\\_pt\\_BR.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Placa_tect%C3%B3nica#/media/File:Placas_tect2_pt_BR.svg)>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Observação: as setas vermelhas indicam a direção do movimento da placa.

## Conflitos regionais: a questão palestina

A questão palestina tem cunho religioso, mas transcende-o, consistindo em uma disputa por territórios entre judeus e palestinos e pelo reconhecimento da Palestina como um Estado pela comunidade internacional.

No final do século XIX, surgiu entre os judeus que habitavam a Europa um movimento nacionalista chamado de Movimento Sionista, com o objetivo de criar o Estado judaico. É nesse contexto

que os judeus passaram a comprar terras na Palestina e a estabelecer assentamentos na região. Isso porque a Palestina é considerada pelos judeus a “Terra Santa”, prometida por Deus a Abrão e seus descendentes e a qual o povo hebreu habitou até o ano de 70 d.C. quando sofreu diásporas em função de perseguições dos romanos. A imigração para a Palestina, que estava então sob domínio do Reino Unido, e a criação dos assentamentos foi acelerada no entre guerras. A ocupação da Palestina pelos judeus ocorreu de forma conflituosa, uma vez que a região era ocupada pelos palestinos há séculos.

Com a perseguição sofrida pelos judeus na II Guerra Mundial e o holocausto, os países integrantes da ONU deliberaram pela criação de um Estado judaico na Palestina, por meio da partilha do território entre judeus e palestinos. Dessa forma, Israel foi criado pela ONU em 1948, o que não foi aceito pelos Estados árabes vizinhos, que temiam também perder a autonomia sobre seus territórios. Dessa forma, entre 1948-1949 ocorreu a primeira guerra dos países árabes contra Israel. Magnoli (2008, p. 270) aponta que “o legado dessa guerra foi uma população de refugiados palestinos no Oriente Médio e as sementes do projeto de unidade árabe contra Israel”. Projeto este que de fato durou muito pouco, uma vez que ficaram latentes os interesses geopolíticos divergentes entre os árabes e cuja religião era insuficiente para unir. Quanto aos territórios, o conflito fez com que a tutela da Cisjordânia e a Faixa de Gaza, que deveriam constituir a Palestina, fossem transferidas para a Jordânia e para o Egito, respectivamente.

O movimento palestino de resistência à ocupação judaica na região fundou, em 1964, a Organização de Libertação da Palestina (OLP), com o objetivo inicial de expulsar todos os judeus da Palestina e, posteriormente, em tom mais brando, passou a reivindicar a desocupação dos territórios palestinos, além do reconhecimento da Palestina como Estado, e a acreditar ser possível a existência pacífica dos dois Estados. Outros grupos são o Fatah e o Hamas.

Diversas guerras se sucederam entre Israel e os países árabes vizinhos. Uma das mais importantes foi a Guerra dos Seis Dias, em 1967, considerada uma guerra preventiva empreendida por Israel contra a coalisão árabe formada pela Jordânia, Egito e a Síria. A partir desse conflito, Israel ampliou seu território com a ocupação militar da Península do Sinai, das Colinas de Golã, da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. O contra-ataque ocorreu em 1973 com a Guerra do Yom Kippur

(Dia do Perdão), em que o Egito e a Síria atacaram Israel. Magnoli (2008) aponta que essa guerra não alterou, de fato, os territórios então ocupados, mas abriu portas para rearranjos políticos na região. Por exemplo, posteriormente, houve a negociação de paz entre Israel e o Egito e a devolução da Península do Sinai, que estava sob ocupação de Israel, com o Acordo de Camp David, em 1979. Outros movimentos de resistência foram as Intifadas (1987 e 2000), rebeliões em que os palestinos atiravam pedras nos militares israelenses. Os acordos de paz de Oslo, em 1993, previam a autonomia administrativa para a Cisjordânia e para a Faixa de Gaza e negociações posteriores por um acordo de paz definitivo (MAGNOLI, 2008). Para governar as regiões autônomas, foi criada a Autoridade Nacional Palestina (ANP), entretanto, tal acordo não obteve êxito e os processos de paz enfrentam grandes obstáculos.



**Refleta**

Na ausência de um acordo de paz, Israel avançou na direção de uma solução unilateral. Sob o governo conservador de Ariel Sharon, iniciou-se a construção de um extenso 'muro de segurança' separando o território israelense da Cisjordânia. A barreira, que anexa fisicamente blocos de assentamentos israelenses, representa uma fronteira imposta, não aceita pelos palestinos" (MAGNOLI, 2008, p. 279). Os acordos de paz entre Israel e palestinos não prosperaram. Reflita sobre os alcances do muro de segurança construído por Israel para sua proteção e para o fim dos conflitos.

### **Conflitos regionais: a questão curda**

O Curdistão de fato não existe como Estado, mas é a reivindicação da maior nação do mundo sem uma pátria, os curdos. Os curdos podem ser considerados uma nação, pois constituem um grupo étnico que ocupa um determinado território, entre a Turquia, o Irã, o Iraque, a Síria, o Azerbaijão e a Armênia. Como não tem fronteiras claramente definidas, o Curdistão é definido como "o conjunto dos territórios nos quais os curdos constituem uma maioria étnica" (PEIXINHO, 2010 p. 4). Peixinho (2010, p. 99) ressalta que desde a Antiguidade "a identificação do povo curdo se relaciona inicialmente com um território que podemos caracterizar genericamente pela zona montanhosa de Zargos (particularmente acidentada) onde as tribos se proliferaram". Fernandes (2014) estima que existam entre 27 e 35 milhões de curdos, sendo a Turquia o país que mais concentra essa

população. Não existem estatísticas oficiais sobre a nação curda, uma vez que eles estão distribuídos por diversos países. Nesse sentido, Peixinho (2010) aponta que os países que tutelam o Curdistão impõem limitações; na Turquia, por exemplo, aqueles que falam outro idioma além do curdo não são computados como tal, e no Irã os curdos não são sequer registrados como grupo étnico minoritário.

A questão curda tem início com o desmembramento do Império Turco-Otomano e o estabelecimento de novas fronteiras, após a I Guerra Mundial. Assim, desde a década de 1960 existem movimentos separatistas cada vez mais expressivos. Em 1978 foi fundado o Partido dos Trabalhadores Curdos, conhecido como PKK, com o objetivo de promover uma luta armada pela independência do país na Turquia. A Turquia, por sua vez, vê o PKK como uma organização terrorista.

Após a criação dos países do Oriente Médio, estes passaram a proibir as manifestações culturais e identitárias das minorias étnicas, entre elas a curda. Na Turquia, foram proibidos de falar o curdo e de praticar seus costumes típicos. Fernandes (2014, s.p.) aponta que “uma parte significativa dos curdos não fala curdo [...]. As razões são essencialmente políticas e estão ligadas à proibição legal e/ou marginalização política e social do uso da língua curda, nos Estados onde vivem”. Apesar de prevista a criação do Curdistão no Tratado de Sèvres, ele não chegou a ser ratificado pelos países. Fato é que dificilmente os países darão a independência ao Curdistão, pois ele ocupa territórios com importantes riquezas: na Turquia, o Curdistão está localizado nas nascentes dos rios Tigre e Eufrates, e no Iraque, nas bacias petrolíferas de Kirkuk e Mossul.



### Exemplificando

O Curdistão não é o único país que não existe formalmente e tem seu reconhecimento reivindicado por uma nação. Outros exemplos são a Somalândia, na Somália; a **Ossétia do Sul** e a Abecásia na **Geórgia**; **Nagorno-Karabakh**, no **Azerbaijão**; Transnístria, na Moldávia. São territórios não reconhecidos como Estados soberanos internacionalmente, mas que reivindicam formalmente tal reconhecimento.

## Conflitos regionais: guerra na Síria

Podemos apontar que a Guerra Síria foi deflagrada em 2011 influenciada pela Primavera Árabe que teve início na Tunísia e se espalhou pelos países árabes do norte da África e depois para o Oriente Médio. Assim como nos países africanos, a Primavera Árabe

na Síria tinha como motivação primeira pedir reformas democráticas e protestar contra o regime corrupto e violento imposto pelo ditador Bashar Assad, cuja família governa o país desde a década de 1970, após um golpe militar. Os protestos foram duramente reprimidos pelo governo ditatorial, que passou a usar o exército contra a população, assim, as manifestações populares terminavam em massacre. Em 2011, após oito meses de protestos, já eram computados mais de quatro mil mortos e 14 mil presos por participar das manifestações, dados que para a ONU indicaram o início de uma guerra civil e violações nos direitos humanos dos sírios. Na região, o governo da Assad tem apoio dos grupos Hezbollah, no Líbano, Hamas, que controla a faixa de Gaza, e do Irã. Entre a comunidade internacional, mesmo com os crimes de guerra praticados contra a população, Bashar Assad tem apoio da Rússia, que fornece armas e munição. Outros países adotaram sanções econômicas como forma de posicionamento contrária ao governo ditatorial, a fim de pressionar pela renúncia do ditador. Os opositores ao governo criaram dois grupos que acabaram aderindo à causa dos manifestantes: o Conselho Nacional Sírio (CNS), com sede fora da Síria, em função das perseguições; e o Exército de Libertação da Síria (ELS), composto por desertores do governo de Assad. Tais grupos são mantidos por recursos provenientes do estrangeiro, em especial dos países do Golfo. A maior "arma" de que dispõe é a divulgação internacional do quadro de violência em que o país se encontra, por meio de filmagens amadoras de celulares. Em 2013, o ditador usou armas químicas contra a população e, mesmo assim, a comunidade internacional não se envolveu no conflito. Os Estados Unidos se mantêm afastados em função das repercussões negativas da invasão do Iraque em 2003 e dos custos que representariam uma nova guerra. As populações da Inglaterra e da França também rejeitaram uma invasão.

A comunidade internacional temia que entre os insurgentes houvesse grupos de milícias inimigas de extremistas islâmicos dispostos a tomar o poder após a queda do ditador e instaurar um califado no país, o que ameaçaria as relações com outros países e, em especial, a segurança de Israel. A partir de 2014, começa a ganhar força a milícia do Estado Islâmico, ou Daesh, um braço da Al Qaeda no Iraque e na Síria, formado por extremistas sunitas. As aspirações do Estado Islâmico são maiores que tomar o poder na Síria, eles pretendem derrubar as fronteiras e impor ao maior território possível um califado. Para isso, além do uso da força em ações extremamente violentas, o Estado Islâmico utiliza também as tecnologias de informação e comunicação, como as redes sociais, para divulgar

suas ações e angariar novos adeptos em diversas partes do mundo. Além dos massacres em massa, o Estado Islâmico empreendeu a destruição de museus e sítios históricos que compunham o patrimônio da humanidade, e passou a controlar boa parte da Síria e o norte do Iraque. A Guerra Civil Síria provocou a morte de mais de 200 mil pessoas, o deslocamento interno de mais 6,5 milhões e o refúgio de outras cinco milhões (SRRR, 2017).



### Pesquise mais

A Guerra na Síria tem provocado a migração forçada de milhões de pessoas. São civis que fogem de seus países para sobreviver, sem a esperança de que a guerra acabe e que as primeiras reivindicações, feitas em 2011 para a implantação de um governo democrático, sejam, de fato, atendidas. No desenrolar do conflito entre manifestantes e governo ditatorial, um novo elemento surgiu e tornou a situação do país ainda mais complexa: o fortalecimento do Estado Islâmico. Como sugestão sobre o tema, apresentamos o livro *Dias de inferno na Síria*:

CAVALCANTI, K. **Dias de inferno na Síria**. São Paulo: Benvirá, 2012.

### Sem medo de errar

De forma geral, os refugiados apresentam uma abertura e boa vontade de integração no país que os acolhem. Mesmo porque, temos que lembrar que a guerra na Síria teve início com uma série de protestos pela abertura política do país, ou seja, uma demanda progressista da população. No Brasil, os refugiados são amparados com base na Lei nº 9.474 de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, tais como os direitos e deveres dos refugiados. A lei define que

O refugiado gozará de direitos e estará sujeito aos deveres dos estrangeiros no Brasil, ao disposto nesta Lei, na Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e no Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, cabendo-lhe a obrigação de acatar as leis, regulamentos e providências destinados à manutenção da ordem pública” (BRASIL, 1997, art. 5)



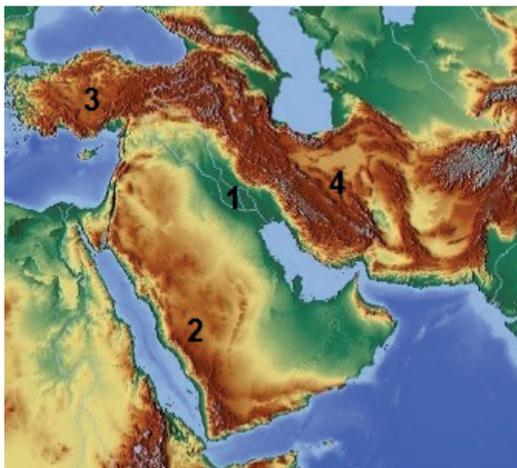
Por outro lado, a lei também ressalta que os refugiados podem ser expulsos do país por motivos de segurança nacional ou de ordem pública. A educação é um direito e um dever no nosso país.

A respeito da situação-problema apresentada, uma sugestão é que a família dos Bukhadra converse com outras famílias na mesma situação e que já tenham filhos frequentando a escola. A guerra na Síria teve início em 2011 e não tem prazo, nem expectativa, para término. Assim, enquanto a guerra continua, os refugiados mantêm seus status nos países que os acolhem. Isso significa que pode ser que eles permaneçam por 10, 15, 20 anos no Brasil na condição de refugiados e, portanto, é importante a integração ao país.

### Faça valer a pena

**1.** Observe a figura a seguir que apresenta o relevo da porção da Ásia conhecida como Oriente Médio.

Associe corretamente as colunas com os números e os nomes dos relevos.



Fonte: adaptada de: <<https://pixabay.com/pt/mapa-do-mundo-mapa-mapa-de-relevo-1804890/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

- ( ) Planalto do Irã.
- ( ) Planalto da Anatólia.
- ( ) Planalto da Arábia.
- ( ) Planície da Mesopotâmia.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta dos números.

- a) 1, 2, 3, 4.
- b) 2, 3, 4, 1.
- c) 4, 3, 2, 1.
- d) 3, 2, 1, 4.
- e) 4, 2, 3, 1.

**2.** O povo curdo é composto por 27 a 35 milhões de pessoas. As estatísticas sobre esse povo não são precisas, uma vez que os países que tutelam o Curdistão reprimem e perseguem essa nação que aspira a independência e a formação de um Estado soberano. Sobre o povo curdo e o Curdistão, julgue em verdadeira (s) ou falsa (s) as assertivas a seguir:

- ( ) O Curdistão está localizado em terras pertencentes à Turquia, ao Irã, ao Iraque e à Síria.
- ( ) Os curdos abandonaram a luta armada pela independência do Curdistão.
- ( ) Os territórios curdos ocupam regiões estratégicas em recursos naturais na Turquia e no Iraque.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) V, F, V.
- b) V, V, V.
- c) F, V, F.
- d) F, V, V.
- e) V, F, F.

**3.** Pode-se adotar o ano de 2011 como o início da Guerra na Síria. Contagiada pela onda de protestos e manifestações da Primavera Árabe iniciada no norte da África, a população síria foi às ruas reivindicar justiça, liberdade e \_\_\_\_\_, em um país que vive há quase 50 anos sob um regime ditatorial. As manifestações foram duramente reprimidas pelo ditador \_\_\_\_\_, que utilizou o exército contra a população. Apoiado pela \_\_\_\_\_, o governo sírio não renunciou e fez poucas concessões aos manifestantes, o que não foi capaz de reduzir a insatisfação geral da população. O conflito se torna mais complexo com a emergência e fortalecimento do grupo terrorista iraquiano \_\_\_\_\_, um grupo fundamentalista islâmico \_\_\_\_\_, cujo objetivo é dominar a região e estabelecer um califado.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto:

- a) Democracia, Bashar Assad, Rússia, Daesh, sunita.
- b) Emprego, Muammar Kadhafi, Rússia, Estado Islâmico, sunita.
- c) Democracia, Bashar Assad, China, Daesh, sunita.
- d) Qualidade de vida, Hosni Mubarak, Rússia, Estado Islâmico, xiita.
- e) Democracia, Muammar Kadhafi, China, Daesh, xiita.

# Referências

- ALMEIDA, R. P. **Bacias sedimentares**: a memória do planeta. 2002. Disponível em: <<http://www.igc.usp.br/index.php?id=169>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **'Our job is to shoot, slaughter and kill: Boko haram's reign of terror in north-east Nigéria**. 2015, p. 29. Disponível em <<https://www.amnesty.org/.../AFR4413602015ENGLISH.PDF>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- BAD – Banque Africaine de Développement. **Annuaire statistique pour l'Afrique**. 2017. Disponível em <<https://www.afdb.org/fr/knowledge/publications/african-statistical-yearbook/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27.833-27.841, 1996.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998, vol. 1, 674 p.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.
- CAVALCANTI, K. **Dias de inferno na Síria**. São Paulo: Benvirá, 2012.
- CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The world factbook**. 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- DÖPCKE, W. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Rev. Bras. Polít. Int.** n. 42, v. 1, 1999, p. 77-109.
- FERNANDES, J. P. T. **A Turquia e a questão curda**. Público, 17 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/10/17/mundo/noticia/a-turquia-e-a-questao-curda-1673094>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- ITAMARATY. **BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul**. 2017. Disponível em <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- JOFFE, G. A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 30, p. 85-116, jun. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n30/n30a06.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2017;
- LABROT, V. L'apport du droit international : patrimoine commun de l'humanité et patrimoine naturel. In: LAMY, Y. **L'alchimie du patrimoine**: discours et politiques. Talence: Editions de La Maison de Science de L'Homme D'Aquitaine, 1996. p. 109-135.

MAGNOLI, D. **O mundo contemporâneo**: os grandes acontecimentos mundiais: da guerra fria aos nossos dias. 2. ed. São Paulo: Atual, 2008.

NASCIMENTO, D. Sudão: entre a promessa de paz no sul e a incerteza da guerra no Darfur. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 429-458, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/qmu162>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

OLIVEIRA, L. K. de; SILVA, I. C. Sudão do Sul: novo país, enormes desafios. **Meridiano 47** v. 12, n. 128, nov.-dez. 2011. p. 25-35. Disponível em: <<https://goo.gl/4mNac7>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Rapport sur le développement humain 2016**. Disponível em <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016\\_FR\\_Overview\\_Web.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016_FR_Overview_Web.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2017.

PEIXINHO, M. F. A. S. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação**. Contexto e desafios. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2010. Disponível em: <[http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM\\_20744.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM_20744.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2017.

PINTO, S. M. R. Justiça transicional na África do Sul: restaurando o passado, construindo o futuro. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 393-421, dez. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/vBSvkr>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

PIRES, R. B. W. Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2014, v. 57 n. 1. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/87763/90692>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

PRC – PEW RESEARCH CENTER. **The future of world religions**: Population Growth projections, 2010-2050. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

PRETTE, Z. A. P. Del et al. Tolerância e respeito às diferenças: efeitos de uma atividade educativa na escola. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 168-182, abr. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2017.

RAMOS, L. F. G. **Origens da Primavera Árabe**: Uma proposta de classificação analítica. Brasília, 2015, p. 22. Disponível em <<https://goo.gl/KRSVQ3>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SHMITE, S. M.; NIN, M. C. África al sur del Sahara: conflictos y degradación ambiental en el Sahel. **Cuadernos de Geografía**: Revista Colombiana de Geografía, n. 24. V. 2, 2015. Disponível em <<http://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/50221/51673>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

SRRR - Syria Regional Refugee Response. Disponível em: <<http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

TAIOLI, F. Recursos energéticos. In: TEIXEIRA, W. (Org.). **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

TASSINARI, C. C. G. Tectônica Global. In: Teixeira, Wilson (Org.). **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2009.

UNAIDS. Le sida en chiffres 2015. Disponível em <[http://www.unaids.org/sites/default/files/media\\_asset/AIDS\\_by\\_the\\_numbers\\_2015\\_fr.pdf](http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/AIDS_by_the_numbers_2015_fr.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

UNESCO. Declaração universal dos direitos humanos: Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

UNICEF. **AFRIQUE** - Génération 2030. 2014. Disponível em < [https://www.unicef.org/french/publications/files/UNICEF\\_Africa\\_Generation\\_2030\\_fr.pdf](https://www.unicef.org/french/publications/files/UNICEF_Africa_Generation_2030_fr.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

WMHR - WORLDWIDE MOVEMENT FOR HUMAN RIGHTS. **Migrações e direitos humanos na África Subsaariana**. 2007. Disponível em <[https://www.fidh.org/IMG/pdf/Africa\\_port.pdf](https://www.fidh.org/IMG/pdf/Africa_port.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2017.



# Ásia, Oceania e Antártida

## Convite ao estudo

Caros alunos, chegamos à última unidade da disciplina Geografia Geral. Como você pôde acompanhar, o curso não teve o objetivo de ser exaustivo, isso é, de tratar de todos os aspectos (econômico, político, social, cultural, físico) de todos os lugares, países e territórios do planeta – porque tal tarefa seria suficientemente longa para ser desenvolvida por uma única disciplina. Tivemos a intenção de apresentar uma síntese de alguns assuntos importantes na Geografia para a compreensão do mundo atual. Finalizamos o curso de Geografia Geral pelo estudo da Ásia, Oceania e Antártida. A primeira seção apresenta as principais características físicas do continente asiático, tais como as paisagens climato-botânicas, o relevo e a hidrografia. Também abordaremos a Índia e os Tigres Asiáticos. A segunda seção é dedicada ao estudo da China e do Japão. E a terceira conclui a unidade com estudo da Oceania, em especial da Austrália e da Nova Zelândia, e da Antártida.

O documentário *China Blue* foi lançado em 2008 e tem como personagem central uma jovem chinesa que deixa a casa de seus pais, localizada em uma área rural do país e vai para a cidade em busca de trabalho. Não se trata de uma situação isolada, porque milhares de pessoas na China engrossam esse fluxo de êxodo rural. Tais pessoas vão para as cidades, pois é lá que se concentram os empregos nas indústrias e fábricas. O documentário retrata o dia a dia do trabalho e as péssimas condições de vida levada por esses trabalhadores. Eles chegam a trabalhar mais de 15 horas diárias e recebem salários muito mais baixos do que os de europeus, brasileiros, norte-americanos ou japoneses para realizar o mesmo trabalho. As fracas leis trabalhistas são pouco fiscalizadas pelo governo. Já que a China não é uma democracia e não são

as pessoas quem elegem os governantes, a condição de vida da população não é o ponto mais importante para quem está no poder, e sim o crescimento econômico do país e a sua transformação em uma potência, mesmo que seja a custo da vida das pessoas. A China é hoje o maior parque industrial do mundo. Boa parte dos produtos que consumimos no Brasil é proveniente de lá. Desde roupas e calçados a alimentos industrializados e eletrônicos. A mão de obra chinesa está em tudo no nosso dia a dia.

Fonte: <<https://goo.gl/eX56CX>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

# Seção 4.1

## Sul e Sudeste Asiático

### Diálogo aberto

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2016, p. 2) se posiciona contrária ao trabalho escravo, afirmando que se trata de “uma grave violação de direitos humanos, que tem levado milhões de seres humanos a serem explorados e submetidos a condições desumanas, causando o enriquecimento ilícito de outras”. A ONU é um organismo internacional que tem diversos programas voltados para a educação, meio ambiente, cultura, segurança, financiamentos. Ela reúne os representantes dos países que a compõe, mas, de fato, respeita a autonomia dos países e suas fronteiras. Para discussões sobre o trabalho, a ONU criou a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O Brasil é um dos 193 países membros da ONU e um dos 185 países membros da OIT. Caso você fosse contratado por essa agência, quais indícios poderiam ser levantados para caracterizar o trabalho análogo à escravidão na China? Que recomendações você poderia propor ao governo brasileiro no sentido de ajudar a resolver as condições de trabalho na China, consideradas análogas à escravidão?

### Não pode faltar

#### As paisagens naturais e o quadro físico da Ásia

A Ásia é o maior dos continentes, tanto em população quanto em extensão territorial – apresenta quase um terço das terras emersas do planeta (Figura 4.1). A oeste, os Monte Urais fazem a fronteira da Ásia com a Europa. O continente asiático é banhado por três oceanos: ao norte, o Oceano Glacial Ártico, ao sul, o Oceano Índico e a leste, o Oceano Pacífico. A extensão tanto no sentido norte-sul quanto leste-oeste garante uma grande diversidade paisagística em função da variação de clima e vegetação. A Ásia possui paisagens climato-botânicas típicas do clima polar (tundra) até o clima equatorial (floresta equatorial, na Indonésia), passando pelo frio (estepes, no

Planalto tibetano), de altas montanhas, desértico, semidesértico, temperado (florestas temperadas, no Japão), mediterrâneo (vegetação mediterrânea, na Turquia), subtropical e tropical.

Figura 4.1 | Continente asiático



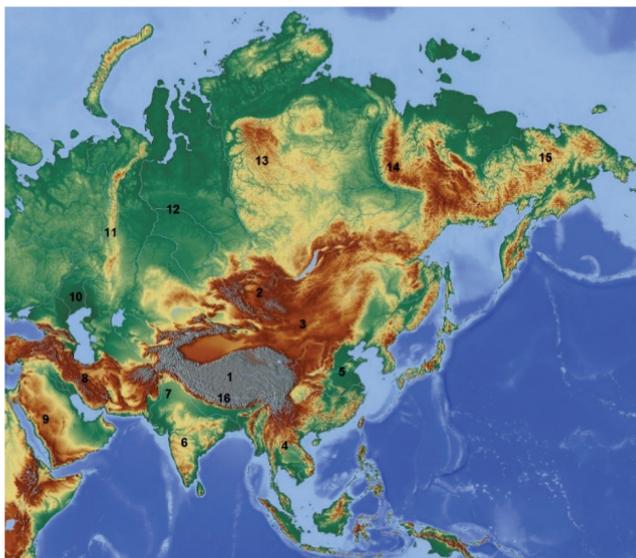
Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81sia#/media/File:Mapa\\_asia.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81sia#/media/File:Mapa_asia.svg)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Com relação à hidrografia, pode-se dizer que a Cordilheira dos Himalaias e Planaltos do Tibete e da Mongólia são divisores de água e organizam os fluxos das redes hidrográficas do continente asiático. A maior parte dos grandes rios tem nascentes na porção central e corre em direção aos oceanos.

Destacam-se o Rio Ganges, na Índia e em Bangladesh o Rio Mekong, um dos mais extensos da Ásia, nasce no Planalto do Tibete e corre em direção à Península da Indochina; os rios Azul (Yang Tsé-Kiang) e Amarelo (Huang-Ho), na porção centro-leste da China; e o Rio Ob na planície siberiana.

Com relação ao relevo da Ásia (Figura 4.2), destacam-se as áreas de dobramentos modernos, com a presença da Cordilheira do Himalaia e o Planalto do Tibete. Os maciços antigos são compostos por planaltos desgastados pelos processos erosivos, como o Planalto da Mongólia, do Decã, do Irã e da Arábia. As planícies são marcadas pelo processo de sedimentação e estão associadas a rios, como a Planície Indo-Gangética, a Planície Oriental da China, a Planície Siberiana. Há ainda regiões de depressão, como a Depressão Caspiana.

Figura 4.2 | Relevo da Ásia



#### Legenda

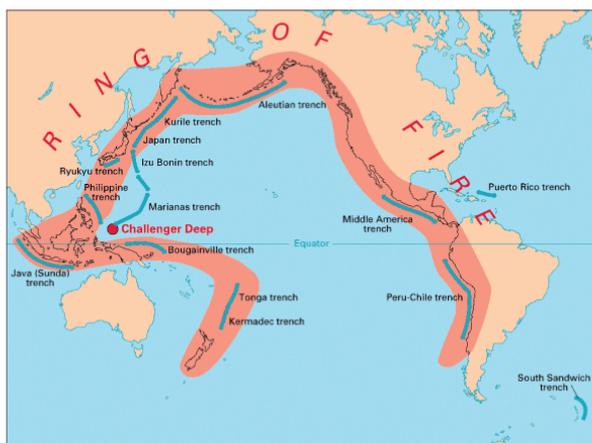
- |                               |                                 |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 1- Planalto do Tibete         | 9- Planalto da Arábia           |
| 2- Planalto da Mongólia       | 10- Depressão Caspiana          |
| 3- Deserto de Gobi            | 11- Montes Urais                |
| 4- Península da Indochina     | 12- Planície Siberiana          |
| 5- Planície da Oriental China | 13- Planalto Central da Sibéria |
| 6- Planalto do Decã           | 14- Montes Verkhoyansk          |
| 7- Planície Indo-Gangética    | 15- Montes Kolima               |
| 8- Planalto do Irã            | 16- Cordilheira do Himalaia.    |

Fonte: adaptada de <<https://goo.gl/cTQs7j/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

### A atividade tectônica na Ásia

As atividades geológicas mais intensas do planeta – a orogenia, os sismos e o vulcanismo – estão concentradas nos limites das placas tectônicas (TASSINARI, 2009). Como é possível observar na Figura 4.3, a Ásia e a Oceania estão localizadas em uma região com diversos limites ou falhas de placas, o que implica uma atividade tectônica intensa na região.

Figura 4.3 | Atividade tectônica na Ásia



Fonte: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=34202>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

## Ring of Fire: Anel de Fogo do Pacífico

Trench: fossa oceânica

Challenger Deep: Ponto mais baixo da superfície da Terra (-10.971 m)



### Vocabulário

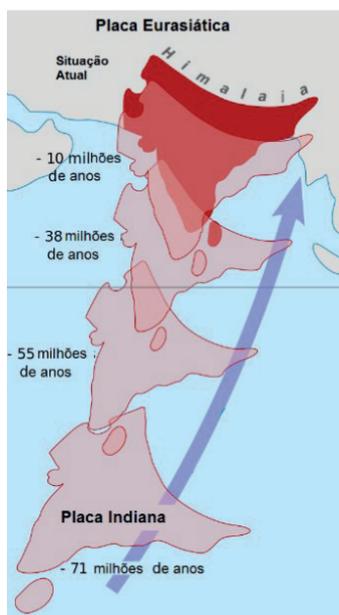
A crosta terrestre é modificada por orogenia, ou seja, “processo de construção de montanhas envolvendo dobramento, falhamento, magmatismo e metamorfismo” (GROTZINGER, 2013, p. 510), que envolve a colisão de placas tectônicas.

É importante lembrar que as placas tectônicas estão em constante deslocamento. A atual posição dos continentes sobre a superfície da Terra se formou nos últimos 200 milhões de anos, quando teve início a fragmentação do Pangea, ou seja, em menos de 4% da história do planeta (GROTZINGER, 2013).

As ilhas do Japão, por exemplo, se formaram a partir do choque de duas placas tectônicas oceânicas, em que a mais densa mergulha em direção ao manto e promove o soerguimento da placa menos densa, formando “arcos de ilhas”, o que gera um vulcanismo expressivo e terremotos frequentes (TASSINARI, 2009). Em função da existência de limites de placas oceânicas próximas ao Japão, o país também é afetado pela ocorrência de tsunamis (ondas de porto), que são provocados por movimentações sísmicas no assoalho dos oceanos.

Outra importante gênese resultante da dinâmica das placas tectônicas no continente asiático é o Himalaia, que, assim como os Alpes, se forma por orogenia. Ao contrário da América do Sul, em que o choque de placas ocasionou uma Zona de subducção com uma das placas sendo direcionadas novamente ao manto, o choque entre a Placa Indiana com a Placa Eurasiática causou o soerguimento da região de contato (Figura 4.4): “a Índia penetrou 2.000 km para dentro da Eurásia, causando a mais intensa orogenia na Era Cenozoica” (GROTZINGER, 2013, p. 512). O resultado foi a formação de uma enorme cordilheira, o Himalaia, cujo ponto mais alto é o Monte Evereste (8.848 m) e a formação e o soerguimento do Planalto do Tibete que está situado a cerca de 5 km do nível do mar (GROTZINGER, 2013). As montanhas, os planaltos, os terremotos e falhas que ocorrem a quilômetros da zona de contato entre as placas são afetados pela orogenia do Himalaia “que continua à medida que a Índia empurra a Ásia a uma taxa de 40 a 50 mm/ano” (GROTZINGER, 2013, p. 514).

Figura 4.4 | Deslocamento da Placa Indo-Australiana



Fonte: adaptada de: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Indian\\_subcontinent\\_drift-fr.svg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Indian_subcontinent_drift-fr.svg)>. Acesso em: 2 jul. 2017.

## O clima de monções

Como é possível observar na Figura 4.5, boa parte do sul e sudeste asiático está localizada na zona intertropical, entre o trópico de Câncer e a Linha do Equador. Tal região é caracterizada pelo clima tropical de monções. Trata-se de um sistema de ventos de variação sazonal que resulta das diferenças de pressão e temperatura entre as massas continentais e o oceano.



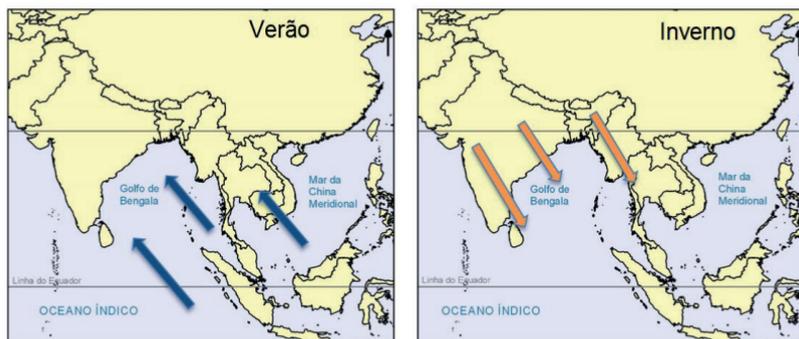
### Assimile

Mendonça e Danni-Oliveira (2007, p. 79) explicam a dinâmica do clima de monções:

Os continentes, no verão, aquecem-se mais rapidamente que os oceanos, formando vários centros de baixas pressões relativas, que favorecem o deslocamento do ar marítimo para seu interior, gerando as monções de verão. Estas caracterizam-se por serem quentes e promoverem intensas chuvas devido à umidade nelas contida e à instabilidade promovida pelo forte aquecimento da estação.

No período do inverno, quando os oceanos apresentam-se relativamente mais quentes que os continentes, o gradiente de pressão inverte-se, e o ar passa a escoar do continente para o litoral, caracterizando a monção de inverno, que provoca rebaixamento da temperatura e estiagem

Figura 4.5 | Direção dos ventos de monções no sul e sudeste asiático



Fonte: elaborada pela autora.

As consequências mais pronunciadas do clima de monções no sudeste asiático são as chuvas torrenciais e de grande volume no verão (nos meses de junho a setembro), quando é denominada de monção de verão ou monções úmidas. As chuvas intensas possibilitam a fertilização das várzeas em função do transbordamento dos rios e beneficia o cultivo agrícola.

Os ventos de monções também ocorrem no continente africano e são conhecidos como *harmattan*. Já na América, acredita-se que as monções não ocorram “devido à relativa redução territorial do continente em direção às latitudes médias” o que não provoca os grandes contrastes de temperatura e pressão necessários entre o oceano e o continente (MENDONÇA; DANNI-OLIVEIRA, 2007, p. 80).



### Pesquise mais

A classificação climática elaborada pelo alemão Wladimir Köppen (1846-1940) é considerada a primeira com base científica e ainda muito utilizada nos estudos climatológicos e meteorológicos. Para definir os tipos climáticos ele utilizou dados sobre a temperatura, a precipitação e os tipos de vegetação. O pesquisador identificou cinco grandes grupos climáticos, os quais designou pelas letras maiúsculas (A, B, C, D, E). Tais grupos foram subdivididos em 24 tipos climáticos, identificados por letras minúsculas. O clima de monções está entre os climas tropicais chuvosos e é representado pela sigla Am.

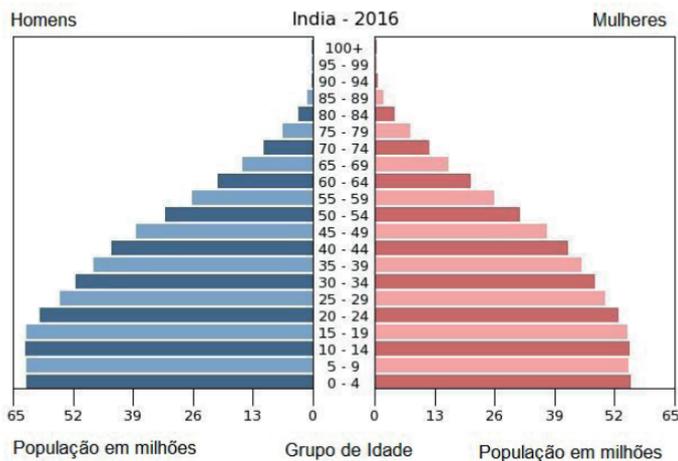
Para saber mais sobre as classificações climáticas e o clima de monções consulte:

ALMEIDA, H. A. de. Classificação Climática. In: \_\_\_\_\_. **Climatologia Aplicada à Geografia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/editora-da-universidade-estadual-da-paraibalanca-e-book-climatologia-aplicada-geografia/>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

## Índia: população e quadro econômico

A Índia é o segundo país mais populoso do mundo. Em 2016 contava com 1,2 bilhão de habitantes (CIA, 2016). É, sobretudo, uma população jovem, pois cerca de 45% possui até 24 anos e apesar de contar com uma taxa de crescimento ainda positiva, a Índia vem passando por redução na taxa de fertilidade (Figura 4.6), assim como boa parte dos países em desenvolvimento.

Figura 4.6 | Pirâmide



Fonte: adaptada de <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population\\_pyramid\\_of\\_India\\_2015.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population_pyramid_of_India_2015.png)>. Acesso em: 10 jul. 2017.



Refleta

Observe a pirâmide etária da Índia e reflita: há tendência para redução ou ampliação da base dessa pirâmide? Quais são as consequências disso a longo e a curto prazo?

A população está distribuída em três grandes grupos étnicos: os indo-arianos (72%), os dravidianos (25%) e os mongóis (3%). O hindi é a língua mais falada no país, pois cerca de 40% da população a utiliza para a comunicação. Entretanto, existem outras 14 línguas oficiais (como o Bengali, o Telugu, o Marathi, o Tamil, o Urdu, entre outras) e centenas de dialetos. A religião predominante é o hinduísmo, professado por 80% da população, e em segundo lugar o islamismo, professado por 14%.

A taxa de urbanização na Índia ainda é baixa, apenas 32% da população é urbana. Isso significa que a Índia ainda é um país voltado ao setor primário, e a agricultura desempenha um importante papel em sua economia. Os principais produtos agrícolas produzidos são o arroz, o trigo, as oleaginosas, o algodão, a juta, o chá, a cana-de-

açúcar, entre outros.

O setor de serviços é o mais significativo para a economia indiana, pois é responsável por 45% das receitas do país, apesar de empregar apenas 30% da população economicamente ativa. É importante destacar que a Índia tem uma grande população educada em língua inglesa, o que facilitou a exportação de serviços de tecnologia da informação e serviços de terceirização de negócios. Um outro aspecto importante é a emigração de trabalhadores qualificados para os países desenvolvidos, fenômeno conhecido como Fuga de Cérebros.

Apesar dos avanços no desenvolvimento econômico do país, a Índia ainda é considerada um país de médio desenvolvimento humano (0,624), segundo a ONU (2016), e com alto grau de pobreza, cerca de 20% da população sobrevive abaixo da linha da pobreza (CIA, 2016).

## Os Tigres Asiáticos e os Novos Tigres Asiáticos

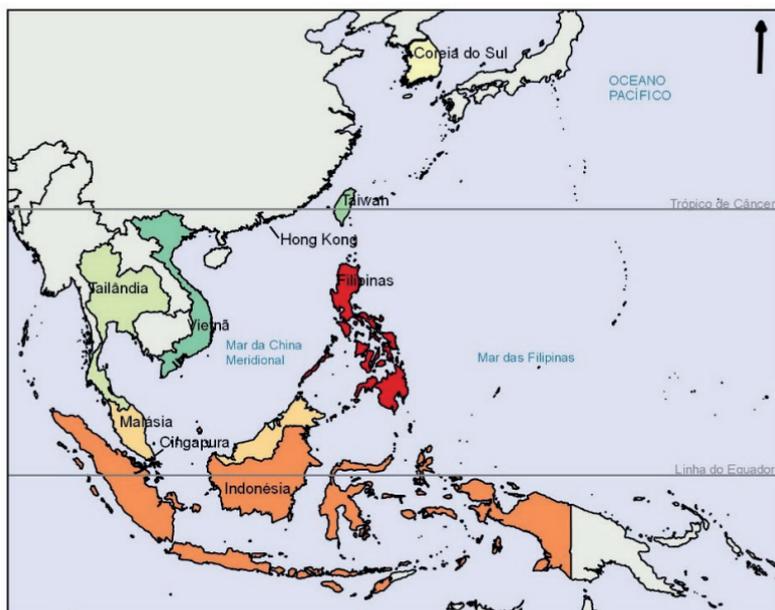
Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong são chamados de Tigres Asiáticos (Figura 4.7) devido ao expressivo e robusto desenvolvimento econômico pelo qual passaram a partir da década de 1970. São territórios de pequena dimensão – Cingapura e Hong Kong são cidades Estados – desprovidos de recursos naturais ou matérias-primas e que até então tinham economias baseadas em atividades do setor primário. Em menos de três décadas se tornaram importantes expoentes da economia mundial, com um setor industrial e de serviços bastante dinâmicos. Diversos fatores combinados foram responsáveis por essa ascensão econômica, por exemplo, os investimentos financeiros de multinacionais, em especial de norte-americanas, europeias e japonesas. Os países desenvolvidos tiveram um aumento geral dos salários, o que fez com que diversas empresas passassem a investir em locais com mão de obra mais barata. No caso japonês, os investimentos realizados em outros países do sudeste asiático são o resultado de um crescimento industrial que extrapolou suas fronteiras e se estendeu para países próximos. Entretanto, Haesbaert (1991, p. 105) ressalta que o desenvolvimento industrial dos Tigres Asiáticos não pode ser explicado simplesmente pelos investimentos japoneses, uma vez que, por exemplo, “alguns setores da indústria sul-coreana começam a competir com indústrias

japonesas do comércio internacional e mesmo a investir em países do Sudeste asiático, como a Tailândia”.

Outro fator fundamental para o desenvolvimento dos Tigres Asiático foi a presença de mão de obra abundante, disciplinada, qualificada e barata para os padrões internacionais. O controle sobre os trabalhadores é tanto garantido por regimes políticos autoritários quanto por princípios morais e religiosos infundidos na sociedade. E a qualificação da mão de obra resultou de projetos nacionais que priorizavam a educação. Deve-se acrescentar, a respeito dos trabalhadores, que a jornada de trabalho semanal média é alta e não existem sindicatos atuantes, capazes de reivindicar melhorias. Por fim, o papel do Estado foi fundamental quando garantiu uma política econômica favorável às empresas (nacionais e multinacionais) exportarem sua produção, seja pelas baixas tarifas de exportação e importação de matérias-primas, ou pelos investimentos em infraestrutura portuária.

A combinação desses fatores transformou os Tigres Asiáticos em grandes exportadores de produtos eletrônicos, eletrodomésticos e automóveis, e por isso são denominados também como plataformas de exportações. Hoje o perfil dos Tigres Asiáticos já difere daquele das décadas de 1980 e 1990, pois se a indústria de eletrônicos ainda é importante, ela cede cada vez mais espaço para o setor financeiro e o desenvolvimento de novas tecnologias, o que é possível graças aos investimentos realizados em educação e pesquisa. Entre os países em desenvolvimento, os Tigres Asiáticos possuem bons indicadores sociais e de consumo. O modelo de desenvolvimento econômico também foi replicado posteriormente na Malásia, nas Filipinas, no Vietnã, na Tailândia e na Indonésia e por isso tais países passaram a ser denominados como os Novos Tigres Asiáticos, apesar de não apresentarem crescimento econômico e indicadores sociais tão elevados quanto os dos Tigres pioneiros.

Figura 4.7 | Tigres e Novos Tigres Asiáticos



Tigres Asiáticos	Novos Tigres Asiáticos
Coreia do Sul, Cingapura, Hong Kong e Taiwan	Malásia, Filipinas, Indonésia, Tailândia e Vietnã

Fonte: elaborada pela autora.



### Exemplificando

Cingapura e Hong Kong são exemplos de microestados. Diversas podem ser as variáveis utilizadas para definir um microestado, como a extensão territorial, o tamanho populacional, os indicadores econômicos. George (2009) ressalta que existem os microestados constitucionalmente independentes e aqueles sujeitos a alguma forma de dependência. No caso dos territórios aqui tratados a área geográfica é a característica dominante para definir os microestados. Outros microestados são Bermudas, Vaticano, Gibraltar, Mônaco, entre outros.

## Sem medo de errar

Vender mercadorias com custo muito abaixo dos demais concorrentes pode ser um indício de trabalho escravo. Outras fontes de informação a respeito são as ONGs que fazem denúncias sobre o trabalho escravo e a própria OMT, que pode conduzir investigações e demandar missões de verificação aos países sob suspeita.

As mercadorias possuem custos para sua produção, tais como o custo da matéria-prima, da energia, dos impostos, dos salários, o lucro do capitalista, entre outros. Quando os produtos são vendidos com um custo muito abaixo da média de outros países deve-se investigar qual a motivação das causas. A China é um país com um enorme exército reserva de mão de obra, esse é um dos motivos que impulsiona os baixos salários. Outro fator é a vista grossa que as instituições públicas fazem a respeito da exploração dos trabalhadores.

Com relação aos países que adquirem tais mercadorias, é possível colocar em prática campanhas de conscientização sobre a exploração de trabalhadores a fim de que o público consumidor reduza as compras. Outra possibilidade é o boicote internacional ou a elevação dos impostos sobre os produtos importados, a fim de pressionar pela melhoria das condições de trabalho dos países exportadores.

## Faça valer a pena

**1.** Os Tigres Asiáticos conformam um grupo de países industrializados no sudeste asiático e de pungente dinamismo econômico. Sobre os Tigres Asiáticos, analise as assertivas a seguir:

I – A abundância em recursos naturais foi um fator importante para o desenvolvimento industrial, em especial da industrial portuária, que necessita de grande volume de minérios.

II – A força econômica está fortemente relacionada à presença de sindicatos atuantes que garantem o bem-estar do trabalhador e, conseqüentemente, sua maior produtividade.

III – O investimento de capital externo possibilitou o desenvolvimento econômico desses países, ainda que na Coreia do Sul as principais empresas sejam nacionais.

IV – Os investimentos maciços em educação a partir da década de 1970 permitiram a formação de contingente de mão de obra altamente qualificada e especializada.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta somente assertivas corretas.

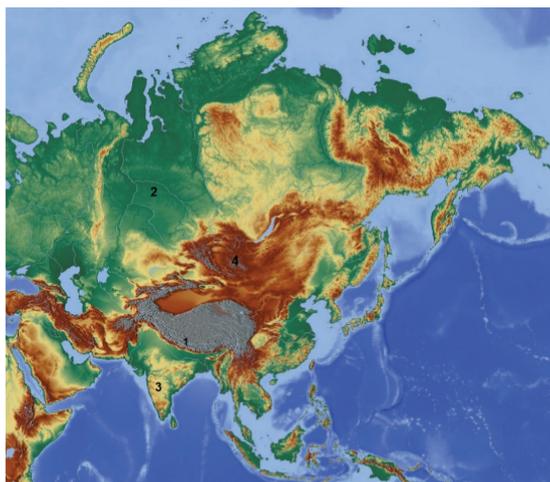
- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I e IV.
- e) II e IV.

**2.** São ventos de variação sazonal que resultam do grande contraste termo-barométrico formados entre os continentes e os oceanos: no inverno o ar desloca-se do continente para o litoral e no verão, ocorre o contrário e o ar se desloca do oceano para o continente. Ocorre nas porções sul e sudeste da Ásia, norte da Austrália, oeste da África (adaptado de DANNI-OLIVEIRA, 2007, p. 79).

Assinale a seguir a alternativa que apresenta o nome dos ventos descritos no enunciado.

- a) Mistral.
- b) Siroco.
- c) Minuano.
- d) Monções.
- e) Alísios.

**3.** Observe a figura a seguir, que apresenta o relevo da Ásia. Associe corretamente as colunas com os números e os nomes dos relevos.



Fonte: adaptada de <<https://pixabay.com/pt/mapa-do-mundo-mapa-mapa-de-relevo-1804890/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

- ( ) Planalto do Decã
- ( ) Himalaia
- ( ) Planície Siberiana
- ( ) Planalto da Mongólia.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta a sequência correta dos números.

- a) 1, 2, 3, 4.
- b) 2, 3, 4, 1.
- c) 4, 3, 2, 1.
- d) 3, 1, 2, 4.
- e) 4, 2, 3, 1.

## Seção 4.2

### China e Japão

#### Diálogo aberto

Existem relatos de pessoas que encontram bilhetes nos bolsos das roupas produzidas na China, com pedido de ajuda. Um desses bilhetes ficou bastante conhecido porque escancarava a situação de milhares de trabalhadores chineses: *I slave, help me*, traduzido literalmente como “sou escravo, ajude-me”.

Em 2014, a China já era o principal país exportador do mundo. Seus produtos estão em todos os países, mas principalmente nos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Coreia do Sul e Hong Kong, seus principais parceiros comerciais. No Brasil, não é difícil encontrar produtos Made in China.

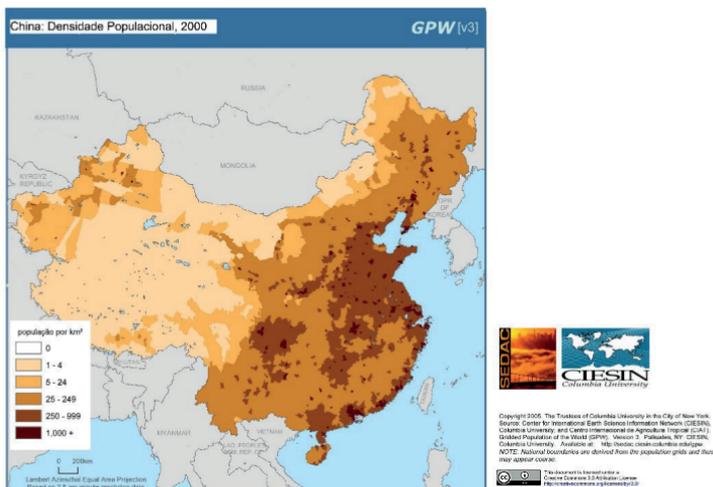
Como pode, a sociedade brasileira, a quilômetros de distância da China contribuir para colocar um fim nessa situação? Você, como consumidor, se recebe um pedido de ajuda como esse, como pode fazer a diferença nesse sentido?

#### Não pode faltar

##### China: população e desenvolvimento humano

A China é o quarto maior país em extensão do mundo e é o mais populoso. Possui 1,3 bilhão de habitantes (CIA, 2016), concentrados na porção leste do país, conforme podemos observar na Figura 4.8. Essa concentração populacional é reflexo também de uma divisão espacial do trabalho na China: na porção oeste do território predominam as regiões agrícolas, montanhosas e desérticas; enquanto que na porção leste estão localizados os principais centros urbanos do país – tais como Pequim, Xangai, Shenzhen, Tianjin, Cantão, Nanquim – e as redes de transporte e comunicação, as indústrias e os postos de trabalho. Cerca de 55% da população chinesa encontra-se nas áreas urbanas.

Figura 4.8 | Densidade Popacional na China



Fonte: adaptada de <<https://goo.gl/VSZy56>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

A partir de 1979 a China passou a adotar uma política do filho único, que consistiu em uma forma de o Estado exercer seu poder do controle dos indivíduos, baseado em preceitos neomalthusianos, com o objetivo de conter o ritmo do crescimento populacional. Tal política “fez aumentar o número de nascimentos de crianças do sexo masculino em relação às do sexo feminino até em 15 a 20% em algumas províncias” (SUKUP, 2002, p. 97). Nas áreas rurais existiam exceções e algumas famílias podiam ter o segundo filho, caso o primeiro fosse menina. Os casais que desobedeciam à política do filho único estavam sujeitos a sanções, tais como multas ou confisco de bens.



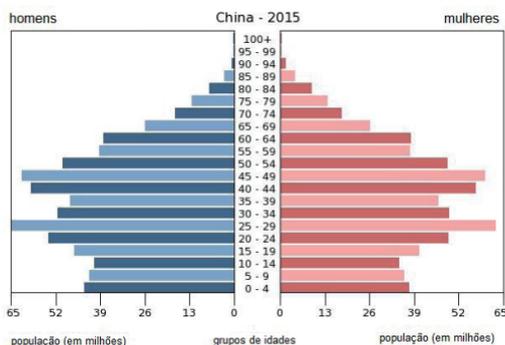
## Assimile

Porto-Gonçalves (2013) nos lembra que desde a década de 1950 o crescimento demográfico é responsabilizado pelos problemas ambientais e sociais. É nesse contexto que florescem os debates teóricos e as discussões políticas sobre a necessidade ou não de imposição da regulação da fecundidade. Assim, foram chamados de neomalthusianos aqueles “que defendiam a implementação de políticas de população” (CARVALHO; BRITO, 2005, p. 357). Os neomalthusianos defendiam “políticas que interferissem diretamente no nível da fecundidade, conduzindo as famílias pobres a superarem a sua ‘irracionalidade’ econômica e social no tocante ao número de filhos (CARVALHO; BRITO, 2005, p. 357).

Em 2015, a China encerrou a política do filho único e passou a permitir que cada casal tivesse até dois filhos. Isso porque o governo do país começou a se preocupar com as estatísticas que mostravam a tendência de envelhecimento da população chinesa e futura escassez de pessoas em idade de trabalho, que sustentaria aqueles que estão aposentados (Figura 4.9). Atualmente, a taxa de fecundidade é de 1,6 filhos por mulher. Tal taxa é ainda superior à de países europeus que não impuseram políticas de controle de natalidade, como Portugal (1,53 filhos por mulher), Alemanha (1,44 filhos por mulher) e Espanha (1,49 filhos por mulher) (CIA, 2016).

A China é considerada, segundo as metodologias da ONU, um país de alto IDH (0,738), mas são conhecidas as desigualdades sociais que o país possui.

Figura 4.9 | Pirâmide etária da China



Fonte: adaptada de <<https://goo.gl/tPgzyb>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

## China: quadro econômico

A grande extensão territorial chinesa e a grande disponibilidade de recursos minerais permitiram o desenvolvimento e consolidação da industrialização chinesa. Por exemplo, o país é o maior produtor mundial de minério de ferro, zinco, tungstênio, e possui uma produção considerável de alumínio, mercúrio, estanho, manganês, entre outros. No setor da produção energética, a China é grande produtora de carvão mineral – que é utilizado nas usinas termelétricas – petróleo e gás natural. A existência de rios expressivos contribui para um dos maiores potenciais hidrelétricos do mundo. Entre as usinas hidrelétricas destaca-se a Usina de Três Gargantas, no Rio Yang Tsé-Kiang (Rio Azul), considerada a maior usina hidrelétrica do mundo em geração de energia atualmente. Apesar da riqueza em recursos

naturais, a China é um grande importador de petróleo e minerais metálicos.

Apesar de ser um país de grandes dimensões territoriais, boa parte das terras chinesas são compostas por terrenos montanhosos ou desérticos, o que limita a agropecuária para apenas 13% do território. A agricultura emprega 28% da mão de obra chinesa e é responsável por 8% do PIB do país (CIA, 2016). Com as reformas políticas e econômicas da década de 1980, as comunas populares foram dissolvidas e a terra foi redistribuída em unidades familiares, autorizadas a vender os excedentes de suas produções nas cidades. A mudança na gestão das propriedades rurais, na década de 1980, foi um dos responsáveis pelo empobrecimento dos camponeses e por um enorme êxodo rural.

A China é líder mundial na produção de arroz, trigo, batata, milho, tabaco, amendoim, chá, maçã, entre outros. Leite (2013, p. 93) acredita que a China vem passando por uma modernização expressiva de suas áreas rurais; o antigo cede cada vez mais espaço para o novo, observa-se a existência de “uma agricultura ainda incipiente, de subsistência, mas eficiente frente aos seus propósitos, e uma nova organização agrícola, a indústria agrícola em áreas rurais, mais desenvolvida, mais dinâmica e atrativa aos olhos do Estado chinês”.

A produção do setor industrial chinês está entre as maiores do mundo, trata-se de um setor bastante dinâmico e diversificado. A indústria emprega cerca de 30% da mão de obra chinesa e produz 40% do PIB do país (CIA, 2016). Entre as indústrias de base, destaca-se as de processamento de minério de ferro, aço, alumínio, entre outros. Entre as indústrias de bens de capital destaca-se a produção de produtos químicos, fertilizantes, maquinários, vagões, locomotivas, aeronaves, equipamentos de telecomunicações. Entre as indústrias de bens de consumo, destaca-se a produção de roupas, calçados, brinquedos e eletrônicos. Os principais parceiros comerciais da China são os Estados Unidos, que recebem 18% de suas exportações, Hong Kong (14,6%), Japão (6%) e Coreia do Sul (4,5%) (CIA, 2016). A China é o principal parceiro comercial do Brasil, de todas as exportações brasileiras 18% são direcionadas para a China.

### **China: socialismo de mercado**

A China possui um sistema político e econômico peculiar. Não pode mais ser considerada um país comunista nem um país capitalista de fato. Por isso, é comum tratar a China como um país socialista de mercado. Isso porque a abertura econômica chinesa não é seguida por uma abertura política, que ainda conserva a antiga

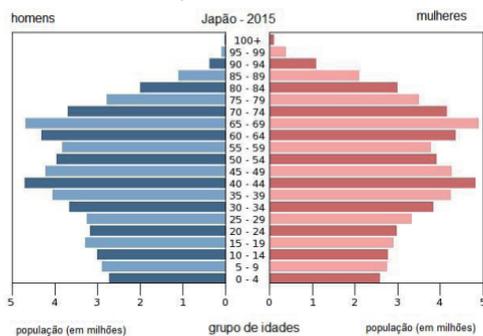


Fato é que a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) fez surgir na China dois países diferentes. Um, a leste, que recebe investimentos internacionais, em especial dos Estados Unidos e do Japão, e que se modernizou de forma acelerada e a população apresenta níveis de renda e consumo cada vez mais elevados. E outro, a oeste, que abarca a maior parte da China, em que o crescimento é lento e a modernização limitada, onde a população permanece com baixos níveis de consumo e renda.

## Japão: população e desenvolvimento humano

No século XX, por influência dos países ocidentais, o Japão adotou uma política antinatalidade, legalizou o aborto e investiu na disseminação de métodos contraceptivos. Atualmente, a população japonesa é de 126 milhões de habitantes, o que coloca o Japão como o 11º país mais populoso do mundo. Cerca de 27% da população japonesa já possui mais de 65 anos e outros 12% possuem entre 55 e 64 anos, o que significa que se trata de um país marcado pela alta expectativa de vida (de 85 anos) e pelo grande número de idosos. A baixa taxa de fecundidade (1,4 filhos por mulher) mantém as tendências de envelhecimento e redução populacional. Observe a pirâmide etária do Japão na Figura 4.11. A estrutura da população está entre os principais desafios do país para o século XXI, em função do envelhecimento populacional e da baixa natalidade, o número de trabalhadores vem passando por redução. Por outro lado, é cada vez maior as receitas necessárias para arcar com os benefícios sociais dos idosos.

Figura 4.11 | Pirâmide etária do Japão



Fonte: adaptada de <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population\\_pyramid\\_of\\_Japan\\_2015.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population_pyramid_of_Japan_2015.png)>. Acesso em: 12 jul. 2017.



Os gráficos de pirâmides etárias ilustram a estrutura da população, no que diz respeito ao gênero e à idade, mas uma análise mais aprofundada pode esclarecer sobre a situação política, social e econômica de um determinado local. Analise o formato das pirâmides etárias da China e do Japão. Reflita sobre os seus diferentes formatos, sobre as tendências de crescimento populacional e sobre o contingente populacional dos dois países.

Pode-se dizer que o Japão é um país populoso e densamente povoado. Entretanto, a distribuição da população é muito desigual no território japonês. Isso porque o arquipélago é constituído por terrenos montanhosos em seu interior. As áreas urbanas concentram 93% da população japonesa. As regiões mais densamente povoadas estão localizadas nas porções litorâneas e um terço da população está concentrada em Tóquio ou em suas adjacências, com 38 milhões de pessoas. Tóquio é a maior megacidade do mundo, e forma com as cidades de Osaka e Kobe a megalópole na região sudeste da ilha de Honshu.

Está entre o seletivo grupo de países com os mais altos IDHs do mundo. O Japão possui o IDH 0,903, o que é considerado muito alto pela ONU e é reflexo da excelente qualidade de vida disfrutada pelos japoneses: um sistema de saúde eficiente, que investe sobretudo na prevenção de doenças; de alta escolarização, resultado dos investimentos realizados no pós-guerra, especialmente no ensino técnico para a capacitação da mão de obra; e de renda per capita elevada de aproximadamente 39 mil dólares (CIA, 2016).

### **Japão: desenvolvimento econômico**

O espaço agrícola japonês é restrito em função do tamanho do país e do seu relevo. Apenas 12% das terras são aproveitadas para a agricultura (CIA, 2016). As propriedades rurais, que são pequenas e médias, utilizam métodos modernos de produção, o que garante alta produtividade. Mesmo assim, o país ainda importa mais de 50% dos alimentos que consome. O litoral recortado e a existência de uma corrente fria (Oyashivo) rica em plânctons permite a atividade pesqueira ao longo de todo o ano. O setor primário é responsável por apenas 1,2% do PIB japonês e emprega apenas 3% de sua população economicamente ativa.



## Exemplificando

A fim de ampliar o espaço agrícola utilizável, o Japão e outros países do sudeste asiático investem em uma técnica antiga de agricultura, o terraceamento, em que é possível praticar a agricultura de jardinagem. O terraceamento consiste em construir degraus nas encostas de morros, formando escadarias em que é possível cultivar, em especial, o arroz.

O território japonês é restrito e pobre em recursos naturais. No final do século XIX o Japão iniciou sua política expansionista em busca de matérias-primas e mercado consumidor. Enfrentou a China entre 1894 e 1895 na Península da Coreia e os Russos na Manchúria entre 1904 e 1905, e passaram a ocupar as duas regiões. A política expansionista foi levada adiante nas primeiras décadas do século XX, e o Japão conquistou e ocupou diversos pontos do território chinês, Hong Kong, Indonésia, Malásia e a Birmânia. O expansionismo japonês na Ásia desagradou os Estados Unidos, que impuseram embargo comercial na venda de petróleo ao Japão. Essa medida foi a causa para o bombardeio japonês de Pearl Harbor (em 1941), base aeronaval norte-americana no Havaí, fato que marcou a entrada do Japão na II Guerra Mundial. A rendição do Japão ocorreu após o bombardeamento das cidades de Hiroshima e Nagasaki. A reconstrução do Japão foi penosa: as cidades e as fábricas estavam destruídas, não havia empregos e alimentos. A reconstrução do país foi financiada pelos Estados Unidos e o Plano Colombo, que além de emprestar recursos ao país era uma estratégia para restringir, no contexto da Guerra Fria, a influência da República Popular da China, então comunista, na região. Em contrapartida ao Plano de Reconstrução, o Japão foi proibido de investir na indústria armamentista, o que para Hobsbawn (1995) significou uma vantagem ao país, que poderia então fazer investimentos em setores menos estéreis. Assim, o Japão investiu em educação e tecnologias. As indústrias tiveram um crescimento vertiginoso, e o campo sofreu um forte declínio de sua população. Como lembra Hobsbawn (1995), o Japão, em 1947, tinha 57% de sua população no campo, passou, em 1985, a ter apenas 9%. Assim, tornou-se uma plataforma de exportações: as indústrias exportavam produtos industrializados, enquanto outros setores importavam matérias-primas com baixo valor, o que rendeu ao país uma balança comercial superavitária, e permitiu aumentar os investimentos em pesquisas e novas tecnologias. A falta de espaço para a construção de grandes depósitos – como os construídos pelas fábricas norte-americanas – e a busca por eficiência levou os engenheiros da Toyota a desenvolverem um novo método de trabalho, o toyotismo, cujo

objetivo era produzir mercadorias mediante encomendas, a fim de não gerar estoques. O toyotismo fundamentado pelo sistema *just-in-time* e *kaizen* implicou transformações não apenas no sistema de produção industrial japonês, como de todo o mundo. É nesse sentido que Alves (1999, p. 93) aponta que “o toyotismo tornou-se o ‘momento predominante’ do novo complexo de reestruturação produtiva sob o novo regime de acumulação flexível”. O desenvolvimento econômico japonês no pós-II Guerra permitiu que o país se tornasse a segunda maior economia do planeta nos anos 1980 e 1990. Após três décadas de crescimento econômico intenso, o Japão sofreu uma grande desaceleração econômica na década de 1990. Apesar disso, o Japão mantém sua importância no cenário econômico mundial e está entre os maiores produtores de tecnologia voltada a veículos, equipamentos eletrônicos, entre outros.

### **Conflitos regionais: China-Taiwan e Coreias**

No início do século XX ocorreu na China uma disputa pelo poder entre o Partido Comunista e o Partido Nacionalista (1930 e 1949). Com a vitória do Partido Comunista foi proclamada a República Popular da China (RPC) e houve a adoção do sistema comunista. A partir de então, os defensores do nacionalismo se abrigaram em Taiwan, onde fundaram a República da China. Silva (2010, p. 165) aponta que “o auxílio econômico e militar de Washington, que incluiu o envio da 7ª esquadra para o Estreito de Taiwan, [permitiu] aos nacionalistas resistir ao ímpeto comunista” e estancou a disputa, mas deixou uma tensão que perdura até os dias de hoje. Na década de 1960 tem início o processo de industrialização da ilha, com base em investimentos estrangeiros – norte-americanos e japoneses – e voltada para a exportação, o que levou à invasão de diversos países de produtos com origem Made in Taiwan. A China não reconhece a independência de Taiwan – e considera a ilha uma “província rebelde” – apesar de permitir sua autonomia econômica. Esse quadro coloca a ONU em uma situação de conflito diplomático, pois Taiwan reivindica seu reconhecimento como Estado soberano, mas a China, como integrante do Conselho de Segurança, barra as reivindicações com seu poder de veto.

A Coreia do Norte e do Sul se originaram da divisão da península da Coreia, que havia sido protetora do japonês de 1905 até a II Guerra, quando sua porção norte foi ocupada pelos soviéticos e sua porção sul foi ocupada pelos norte-americanos. Com a fim da II Guerra, o

acordo assinado na Conferência de Postdam “oficializou o ‘Paralelo 38’, que cruzava o país como linha responsável por dividir a península da Coreia em duas zonas” (SENHORAS; FERREIRA, 2013, p. 134). Com projetos divergentes, o de reunificação não prosperou. Em 1948, a Coreia do Norte declarou sua independência e a criação da República Democrática Popular da Coreia. A Guerra da Coreia, entre 1950 e 1953, manifestou as tensões existentes entre os dois lados e tratou-se de um conflito “para delimitação das fronteiras com avanços e recuos e que traz graves consequências para ambos os lados, haja vista que somente após 3 milhões de pessoas terem sido mortas um armistício foi assinado” (SENHORAS; FERREIRA, 2013, p. 134).

A Coreia do Norte, de regime comunista, é o país com uma das economias mais fechadas do mundo e, por isso, enfrenta graves problemas econômicos e sociais. Os recursos do país são investidos em programas militares enquanto a população sofre carências básicas. Apenas 20% das terras do país são aptas para a agricultura, setor que concentra 37% da população economicamente ativa (CIA, 2016). Com baixos investimentos em tecnologia, a produção primária é deficiente, o que provoca uma grave escassez de alimentos no país. Até o ano de 2009, a comunidade internacional fornecia ajuda para reduzir a falta de alimentos e a fome generalizada no país. As tensões entre as Coreias se acentuaram em 2010, quando um navio sul coreano foi atingido e as cooperações bilaterais foram rompidas. Com a redução das relações entre as Coreias, a China se tornou o mais importante parceiro comercial da Coreia do Norte. Testes nucleares do país têm colocado a comunidade internacional em alerta.



### Pesquise mais

Em função do alto grau de isolamento da Coreia do Norte, as informações sobre o país são escassas. No incrível livro biográfico *Para Poder Viver: a jornada de uma garota norte-coreana para a liberdade* Yeonmi Park conta detalhes sobre a vida cotidiana de sua família na Coreia do Norte e como conseguiu fugir do país.

PARK, Y. **Para poder viver: a jornada de uma garota norte-coreana para a liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

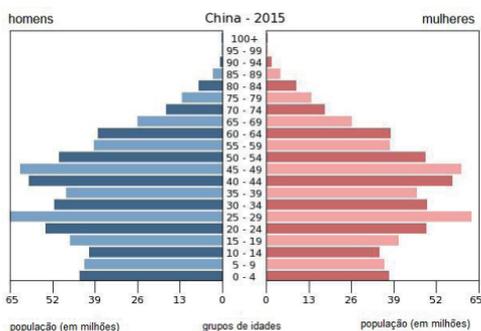
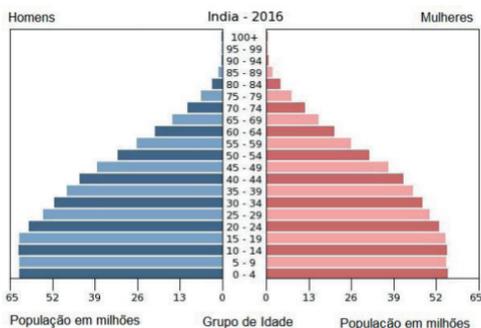
## Sem medo de errar

Mobilizar a opinião pública tem se mostrado um importante aliado para as mudanças sociais que se desejam efetivadas. Para isso, os meios de comunicação, em especial as redes sociais, são importantes aliados. Em tais meios são divulgadas informações, quando disponíveis, sobre as condições de trabalho dos chineses e a falta de direitos trabalhistas imposta pelo governo. A educação para um consumo consciente é fundamental nessa situação, assim como o desenvolvimento da empatia pelo trabalhador, uma vez que a mudança também está nas mãos dos consumidores, que podem, por meio de suas escolhas, optar por produtos que tenham origem em outros países ou mesmo produtos nacionais, mesmo que isso signifique pagar mais caro. No plano internacional, a ONU e países de importância econômica aconselham a melhoria das condições de trabalho na China e ameaçam boicotes aos produtos chineses. Entretanto, com a economia globalizada, boicotes com esse objetivo podem causar prejuízos econômicos aos próprios países que se dispõem a isso e, assim, são estratégias pouco aplicadas nessa situação.

Há também quem acredite que a melhoria das condições de trabalho ocorrerá naturalmente na China face ao desenvolvimento econômico e social. É uma questão complexa, pois essa linha de raciocínio joga para o futuro a solução de um problema grave que requer mudanças no presente, pois quem tem fome, sede e cansaço tem pressa.

## Faça valer a pena

1. Analise as pirâmides etárias da Índia e da China e julgue as afirmações a seguir (V) verdadeiras ou (F) falsas.



Fonte: adaptada de <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population\\_pyramid\\_of\\_India\\_2015.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population_pyramid_of_India_2015.png)> e <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population\\_pyramid\\_of\\_China\\_2015.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Population_pyramid_of_China_2015.png)>. Acesso em: 10 jul. 2017.

( ) A Índia tem uma estrutura etária mais jovem, o que pode ser positivo para o mercado de trabalho.

( ) A China passa por um envelhecimento acelerado da sua população, muito por consequência da política do filho único.

( ) A base da pirâmide indiana é maior, mas o número absoluto de nascimentos chineses é superior ao indiano.

( ) Se mantido esse ritmo de crescimento, a população da Índia poderá superar a população da China em tamanho.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de verdadeiro(s) e falso(s).

- a) V, V, F, V.
- b) F, F, F, V.
- c) F, V, V, F.
- d) F, V, F, F.
- e) V, F, V, V.

**2.** Demétrio Magnoli, sociólogo e doutor em Geografia, analisou a situação atual da economia chinesa e acredita que:

"A China em "aterrissagem" só pode prosseguir seu desenvolvimento pela ativação do mercado interno - o que exige a desmontagem das engrenagens do capitalismo de Estado" (MAGNOLI, 2015).

Avalie as asserções a seguir:

A "aterrissagem" da economia chinesa, isto é, a redução do crescimento econômico implica mudanças na gestão política e econômica do país.

**Porque**

O socialismo de mercado não foi eficiente e, conseqüentemente, não conseguiu proporcionar desenvolvimento econômico à China.

A respeito dessas asserções apresentadas, assinale a seguir a opção correta.

- a) As duas asserções são proposições verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.
- b) As duas asserções são proposições verdadeiras, mas a segunda não é uma justificativa correta da primeira.
- c) A primeira asserção é uma proposição verdadeira, e a segunda, uma proposição falsa.
- d) A primeira asserção é uma proposição falsa, e a segunda, uma proposição verdadeira.
- e) Tanto a primeira quanto a segunda asserção são proposições falsas.

**3.** “A \_\_\_\_\_, que aconteceu entre os anos de 1950 e 1953, teve sua origem em um contexto pós-II Grande Guerra Mundial, de bipolarização mundial, quando os Estados Unidos e a União Soviética – ex-aliados que tinham lutado juntos na II Guerra Mundial – entram em conflito para controlar os territórios [...]

Em um primeiro momento, no ano de 1945, o acordo entre os governos de Moscou e Washington ocorrido na Conferência de Potsdam oficializou o “Paralelo 38”, que cruzava o país, como linha responsável por dividir [o país] em duas zonas [...]. (SENHORAS; FERREIRA, 2013, p. 133-139).

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto.

- a) Guerra da Coreia.
- b) Guerra do Tibete.
- c) Guerra de Taiwan.
- d) Guerra sino-japonesa.
- e) Guerra indo-paquistanesa.

## Seção 4.3

### Oceania e Antártida

#### Diálogo aberto

Nesta unidade nosso tema é a situação do mercado de trabalho na China.

A descrição do mercado de trabalho chinês no documentário *China Blue* não o coloca como atraente para os brasileiros. Entretanto, existem outros países na Ásia e na Oceania, tais como o Japão e a Austrália, que nos parecem bem atrativos, pois recebem muitos brasileiros.

Jonas, um jovem brasileiro de 23 anos, formado em administração, já fez algumas entrevistas de emprego, mas ainda aguarda uma contratação. Jonas sempre teve curiosidade em conhecer a Austrália, pois dois amigos seus fizeram intercâmbio em Adelaide durante a faculdade. Ele amadurece a ideia de deixar o Brasil e buscar lá uma nova oportunidade.

Além do desejo pessoal de conhecer outros países, existe uma conjuntura econômica, social e cultural internacional que motiva essa migração de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, mas deixar seu país de origem é uma escolha difícil de ser alcançada e envolve grandes perdas. Como Jonas pode iniciar seu planejamento de migração? Que informações sobre o país ele deve buscar antes de se aventurar nessa viagem? Lembre-se de que vivemos um período de globalização econômica, em que a circulação de mercadorias e serviços ocorre em amplitude, mas essa mesma fluidez não acontece com a circulação de pessoas.

#### Não pode faltar

#### Oceania: paisagens naturais e quadro físico

A Oceania é também chamada de Novíssimo Continente, pelo

fato de ter sido colonizada pelos europeus somente no final do século XVIII, em função da enorme distância desse continente em relação à Europa. Atualmente, existem na Oceania 14 países independentes e 16 territórios que pertencem a diversos países, por exemplo, a Polinésia Francesa e a Nova Caledônia, pertencentes à França ou as Ilhas Wake e as Ilhas Midway, pertencentes aos Estados Unidos.

Os dois maiores países em extensão territorial são a Austrália e a Nova Zelândia, que estão localizados na porção central da Placa Indo-Australiana, e por isso têm territórios mais estáveis do ponto de vista tectônico. Além disso, esses países são considerados ilhas continentais.

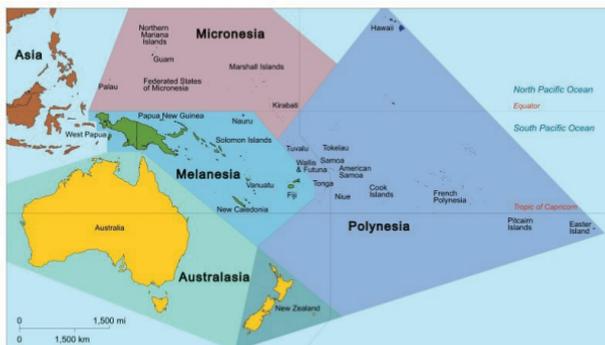


### Exemplificando

Outros exemplos de ilhas continentais na Oceania são a Nova Guiné, a Nova Caledônia, Bismarck e Salomão. As Ilhas podem ser divididas em continentais e oceânicas. As ilhas continentais possuem as mesmas estruturas geológicas que os continentes e em geral estão localizadas próximas aos continentes e foram separadas em função da existência de terras alagadas entre continente e ilha. Já as ilhas oceânicas são formadas por estruturas geológicas diferentes daquelas que formaram os continentes. O Havaí é um exemplo de ilha oceânica de origem vulcânica, localizado na Oceania.

Para além da Austrália e da Nova Zelândia, a Oceania é formada por mais de 25 mil ilhas, que são divididas em três grandes grupos: a Micronésia, a Melanésia e a Polinésia (Figura 4.12).

Figura 4.12 | Oceania



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/nat507/32291060981>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

Boa parte dessas ilhas está localizada na região de contato entre a Placa Indo-Australiana e a Placa do Pacífico, o que resulta em terremotos e atividades vulcânicas constantes. Tais atividades sísmicas podem também ser responsáveis pela formação de novas ilhas ou pelo desaparecimento de outras. Além das ilhas formadas a partir da atividade vulcânica, na Oceania existem também as formações coralíneas, provenientes da concentração de corais. É importante destacar que o Havai, arquipélago de formação vulcânica não está localizado próximo aos limites de placas tectônicas e sua formação está relacionada aos *hotspots* e diferencia, portanto, das demais ilhas vulcânicas da Oceania.



### Assimile

Teixeira (2009) explica que apenas 5% das formações vulcânicas não estão associadas à zona de contato de placas tectônicas. O Havai e as Ilhas Galápagos no Equador são exemplos. As formações vulcânicas localizadas no interior das placas tectônicas são chamadas pelos cientistas de *hotspots* (pontos quentes) ou pluma mantélica. Teixeira (2009, p. 372) aponta que no *hotspots*:

**A pluma configura uma coluna de material rochoso superaquecido que ascende lentamente à superfície desde a interface manto inferior – núcleo externo. Essas plumas representam, portanto, mais um mecanismo eficiente de perda de calor terrestre, associado ao movimento das placas litosféricas.**



Devido à localização predominantemente na zona intertropical, clima equatorial e praias paradisíacas, muitas das pequenas ilhas da Oceania têm o turismo como uma das principais atividades econômicas, é o caso, por exemplo, de Fiji. Outras atividades importantes são a pesca e a agricultura tradicional, a produção de artesanatos, a exploração de recursos naturais, entre eles, a madeira. Outras importantes fontes de receita são as remessas enviadas do estrangeiro aos familiares que permanecem nas ilhas. Para a Micronésia, ilhas Palau e Ilhas Marshall, que eram territórios dos Estados Unidos, uma importante fonte de recursos é proveniente do *Compacts Free Association*, acordo de assistência financeira estabelecido em 1986 com a independência desses territórios. Em

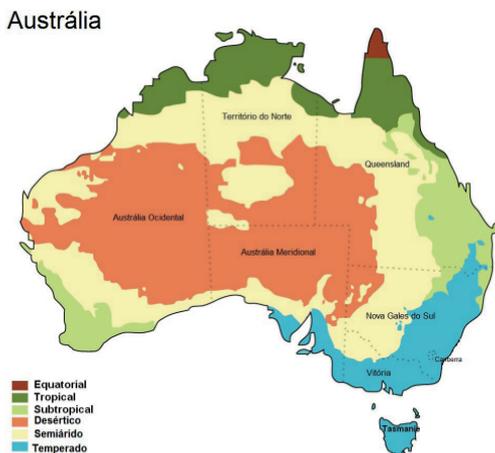
função dos testes nucleares realizados pelos Estados Unidos em atóis do país entre 1947 e 1962, e da consequente contaminação radioativa provocada, as Ilhas Marshall reivindicam indenizações compensatórias pelos testes nucleares. O país recebe ainda o pagamento dos Estados Unidos pela locação do Kwajalein Atoll como base militar.

As pequenas ilhas da Oceania padecem com as mudanças climáticas e o aumento do nível dos oceanos. Muitas delas, como a Micronésia, correm riscos de desaparecimento.

### **Austrália: formação do espaço econômico e qualidade de vida**

A Austrália é o maior e o principal país da Oceania. Está dividida em seis grandes estados, conforme apresentado na Figura 4.13. A ocupação do território australiano tem ligação direta com a configuração do quadro físico do país: mais de 60% do território é marcado por regiões desérticas e semiáridas, que apresentam vazios demográficos. A população está concentrada na porção sudeste do país, nos estados de Nova Gales do Sul e Vitória onde, além da capital Canberra, estão localizadas as cidades mais populosas, Sydney (com 4,5 milhões de habitantes) e Melbourne (com 4,2 milhões de habitantes) (CIA, 2016).

Figura 4.13 | Austrália: divisão do território e tipos climáticos



Fonte: adaptada de <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Australia-climate-map\\_MJC01.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Australia-climate-map_MJC01.png)>. Acesso em: 21 jul. 2017.



A Austrália é considerada um país desenvolvido e com bons indicadores sociais. Observe o mapa da Austrália na Figura 4.14. Quais seriam os fatores naturais que poderiam restringir as atividades agropecuárias e o desenvolvimento das cidades? É possível explicar a concentração populacional na porção sudeste do país?

A Austrália está posicionada na porção interior da Placa Tectônica Indo-Australiana, o que faz com que o país não apresente dobramentos modernos, vulcanismo ou atividade sísmica significativa. O território australiano é marcado pela presença de maciços antigos e isso garante a presença de ricas jazidas minerais, como a bauxita, o carvão, o minério de ferro, o cobre, o estanho, o ouro, a prata, o urânio, o níquel, entre outros. Grande parte dos recursos minerais australianos é destinada à exportação.

No final do século XVIII o Reino Unido implantou na Austrália uma colônia penal. A grande distância entre a Austrália e a Europa inviabilizou a exploração agrícola para monocultura exportadora. Assim, o Reino Unido investiu na criação de ovinos para a produção de lã. Atualmente, a Austrália possui a maior criação de ovinos do mundo. A possibilidade da criação atraiu imigrantes livres para a Austrália e somado à pecuária foram descobertas jazidas de ouro, o que aumentou a procura de colonos. Os recursos naturais são importantes fontes de divisas para a economia australiana e propiciaram a industrialização do país, mas é o setor de serviços que tem maior expressão na economia do país: concentra 75% da população economicamente ativa e é responsável por 68% do PIB (CIA, 2016).

A Austrália possui aproximadamente 22 milhões de habitantes (CIA, 2016), o principal grupo étnico é formado pelos ingleses (26%). Os aborígenes, povos nativos da Austrália, representam menos de 5% da população do país, e estão nas regiões semiáridas ou nas periferias urbanas. Cerca de 90% da população está concentrada nas cidades, o que garante ao país um alto índice de urbanização. Os indicadores sociais são elevados: a Austrália possuía em 2015 o segundo melhor IDH do mundo, 0,939 (ONU, 2016). A expectativa de vida ultrapassa os 82 anos e a taxa de fecundidade é de 1,7 filho por mulher, o que contribui para o envelhecimento populacional e um crescimento lento da população. Por isso o governo da Austrália incentiva a imigração de trabalhadores qualificados para suprir as necessidades de mão de obra no país. Importante destacar que até 1973 predominou uma política migratória denominada Austrália Branca, que restringia a

imigração ao país.

## Nova Zelândia: formação do espaço econômico e qualidade de vida

A Nova Zelândia está localizada no extremo sul da Polinésia. O país é composto por duas principais ilhas – Ilha Norte e Ilha Sul – que são separadas pelo estreito de Cook. O relevo de tais ilhas é caracterizado, em sua região central, por montanhas de origem vulcânicas e que vão perdendo altitude em direção às planícies do litoral. Em função dessa formação, as atividades vulcânicas são significativas, em especial na Ilha Norte. Os terremotos, apesar de frequentes, não são intensos. O clima é temperado, mas existem fortes contrastes regionais.

Antes da colonização britânica, as ilhas da Nova Zelândia eram habitadas pelos povos maoris. A partir da colonização promovida pela Companhia da Nova Zelândia no século XIX, os maoris foram sendo dizimados em seus movimentos de resistência à dominação. Atualmente, os maoris representam apenas 14% (CIA, 2016) da sociedade na Nova Zelândia, enfrentam preconceitos e estão marginalizados na sociedade: o alto desenvolvimento humano característico da sociedade neozelandesa não abrange muitos de seus descendentes.



### Pesquise mais

Para saber mais sobre a cultura maori e a situação desse grupo étnico na Nova Zelândia, vale a leitura da entrevista com o professor Ranginui Walker, antropólogo e chefe do Departamento de Estudos Maori da Universidade de Auckland.

WALKER, R. Identidade e antropologia Maori na Nova Zelândia. **Mana** [on-line], v. 3, n. 1, p. 169-178, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 jul. 2017

O país é altamente urbanizado, cerca de 86% da população vive em áreas urbanas. As maiores cidades da Nova Zelândia estão na Ilha Norte e são Auckland, com 1,3 milhão de habitantes, e Wellington, a capital mais austral do mundo, com mais de 380 mil habitantes. A Nova Zelândia é conhecida pelos altos indicadores sociais, possui o 13º IDH mais alto do mundo, 0,915, segundo a ONU (2016). Essa qualidade de vida reflete na expectativa de vida do país, que ultrapassa os 81 anos.

Todo esse quadro foi possível graças aos investimentos realizados em serviços públicos de qualidade, como saúde e educação.

A Ilha do Norte é a ilha mais urbanizada e industrializada. Na Ilha Sul destaca-se a produção agropecuária. Devido às excelentes pastagens, o país investiu na criação de ovinos e é atualmente o maior exportador de carnes, lã e derivados. A agropecuária ocupa cerca de 43% das terras do país (CIA, 2016). O setor primário tem peso considerável na economia, pois grande parte da indústria está atrelada ao processamento dos produtos provenientes da agropecuária, pesca e extração de madeira. Apesar da grande dependência do setor primário, nos últimos 40 anos o governo investiu na capacidade tecnológica do setor industrial e investiu em inovação.

As paisagens naturais do país são importantes para um outro setor da economia neozelandesa, o turismo. O fato de possuir paisagens excepcionais que reúnem florestas e geleiras, praias e montanhas, separadas por algumas centenas de quilômetros são um importante atrativo. O país se especializou em esportes radicais, tais como o *burngee jump*, o *rafting* e o esqui.

Apesar de ter conquistado sua independência em 1907, a Nova Zelândia permanece desde 1952 como membro da Comunidade Britânica.

## **Antártida, recursos naturais e relações internacionais**

No início do século XX alguns exploradores chegaram à Antártida, mas é depois da II Guerra Mundial que as reivindicações pelo continente se acirram. Ribeiro (2010) aponta que com base no Princípio da Precedência da Ocupação, o Chile e a Argentina reivindicavam o controle territorial da Antártida. Isso porque ao sul dos dois países, na região da Terra do Fogo, existiam registros das incursões realizadas pelos povos indígenas à Antártida. Com base no Princípio da Proximidade Geográfica, um grupo maior de países do sul reivindicavam a soberania sobre a Antártida. Entretanto, como as grandes potências do século XX não se encontravam próximas à Antártida e não podiam fazer uso de tal Princípio, ele não foi aceito para a definição do território antártico (RIBEIRO, 2010).

Na década de 1950, durante a Guerra Fria, os Estados Unidos e a União Soviética se adiantaram para construir suas bases de pesquisa científicas na Antártida, sob a justificativa de que o continente seria o lugar ideal para observações das explosões solares que ocorreram

no fim dos anos de 1950. Em 1958, os Estados Unidos propuseram o Tratado Antártico, de forma a “regularizar as ações antrópicas no continente branco” (RIBEIRO, 2010, p. 57). Tal tratado entrou em vigor em 1961 com a assinatura dos Estados Unidos, África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, França, Inglaterra, Japão, Nova Zelândia, Noruega e União Soviética. Posteriormente, foram incorporados a Alemanha, Brasil, China, Índia, Itália, Polônia e Uruguai. Anos mais tarde outros países foram adicionados ao Tratado Antártico, resultando na participação de 45 países. Entre os países signatários existem os consultivos – que têm direito de voto nas decisões sobre o continente – e os observadores.

O Tratado Antártico, que foi celebrado em Washington, em 1959, enfatizou que seu objetivo era garantir o uso da Antártida para fins pacíficos e para a pesquisa científica por meio da cooperação internacional. O artigo primeiro do tratado determinou que as explosões nucleares na Antártida, bem como o lançamento ali de lixo ou resíduos radioativos estavam proibidos (BRASIL, 1975). Nesse sentido, Ribeiro (2010, p. 57) aponta que:



**Com o Tratado Antártico, estabeleceu-se o intercâmbio científico entre as bases instaladas na Antártida. Deixada de lado a polêmica da definição de fronteiras nacionais do continente gelado, a ocupação foi direcionada para a produção do conhecimento, instalando-se a infraestrutura necessária para tal intento.**

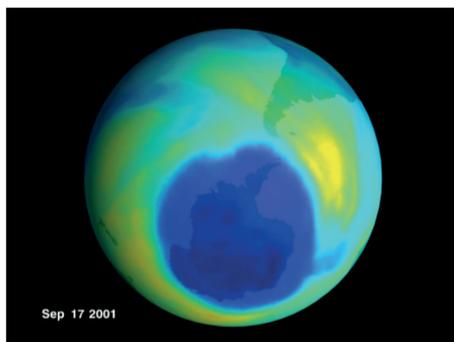
É importante salientar que a “Partilha da Antártida” não foi colocada em prática. Atualmente, o território da Antártida não tem proprietário, e seus recursos naturais não podem ser explorados economicamente. O Tratado Antártico foi renovado até 2048 e fazem parte hoje dele 45 países. Segundo Ribeiro (2010), o último prazo para dar início às pesquisas científicas na Antártida foi finalizado em 1991, e a instalação de estações científicas na Antártida é condição para reivindicação de futuros direitos territoriais.

O Brasil aderiu ao Tratado Antártico em 1975 e na década seguinte foi criado o Programa Antártico Brasileiro e deu-se início à construção da Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), que acomoda durante todo o verão (novembro-fevereiro) cerca de 50 militares e pesquisadores, que desenvolvem pesquisas nas áreas de biologia, oceanografia, geociências, ciências da atmosfera e química (FREITAS, 2012).

## Antártida no centro das discussões ambientais: a camada de ozônio

Na década de 1980 a Antártica foi colocada no centro das discussões ambientais em função da descoberta dos cientistas de uma redução acentuada da concentração de gás ozônio na Estratosfera na região da Antártida (Figura 4.15). O ozônio está presente em toda a atmosfera, mas está concentrado na Estratosfera, a cerca de 25 ou 30 km de altura da superfície. A esta região denomina-se camada de ozônio. Tal camada é reconhecida por agir como um “filtro solar” ao passo que consegue reter parte da radiação ultravioleta que é emitida pelo sol.

Figura 4.14 | O “Buraco” na Camada de Ozônio



Fonte: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Ozone\\_2001sept17\\_lrg.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Ozone_2001sept17_lrg.jpg)>. Acesso em: 21 jul. 2017.

Os cientistas atribuíram à rarefação do ozônio a sua reação com os gases clorofluorcarbonetos, os CFCs, produzidos artificialmente pelo ser humano e então bastante utilizados na indústria para a produção de aerossóis, gás da geladeira, ar-condicionado e plásticos. Segundo Kirchhoff e Leme ([s.d.], os CFCs são liberados na superfície terrestre e demoram anos para atingirem a estratosfera. Quando atingem, liberam uma molécula de cloro, que reage com o ozônio e destrói as moléculas de ozônio.

A rarefação da camada de ozônio se acentua todos os anos nos meses de agosto a novembro (primavera) sobre a Antártica (latitudes 60°S e 90°S). Kirchhoff e Leme ([s.d.], p. 14) explicam que isso se deve ao fato de que para o fenômeno ocorrer “é preciso de temperaturas muito baixas e que o sistema de circulação atmosférica seja isolado (vórtice polar) condições típicas da Antártica”. Já o Ártico possui um sistema de circulação atmosférica diferente e temperaturas mais altas,

o que não contribui para a rarefação do ozônio.

O monitoramento da camada de ozônio tem como principal objetivo responder a questões que preocupam a comunidade científica: quais os impactos da redução da camada para a vida dos seres humanos, animais e plantas? Quais os impactos da redução da camada nas mudanças climáticas? Os pesquisadores alertam que o aumento da radiação pode provocar danos à saúde, como a maior incidência de câncer de pele, catarata e possíveis modificações no DNA de organismos simples (KIRCHHOFF; LEME, [s.d.]).

No plano internacional, as primeiras discussões a respeito da redução da camada de ozônio se deram na Convenção de Viena (Áustria) para a Proteção da Camada de Ozônio, em 1985, e foi sucedida pela adoção do Protocolo de Montreal, em 1987. Segundo Ribeiro (2010, p. 99), o Protocolo de Montreal “tratou de propor metas quantitativas e prazos para a eliminação de substâncias que destroem a camada de ozônio”. Mais de 30 anos após a entrada em vigor do Protocolo de Montreal houve uma redução significativa das emissões de gases CFCs e os pesquisadores estimam que o “buraco na camada de ozônio” deva estar restaurado em torno de 2060 (KIRCHHOFF ; LEME, s.d).

### Sem medo de errar

A melhor e mais segura maneira de se informar sobre a política de imigração de um país é consultar o site das embaixadas dos mesmos. Lá são encontrados os requisitos e as tarifas cobradas para a solicitação de vistos, seja como estudantes ou trabalhadores. Jonas deve definir quais são seus objetivos: trabalhar, estudar ou ambos? Pretende uma estadia de alguns anos ou permanecer a vida toda? A partir dessas informações o planejamento é diferente para cada caso.

Assim como o Canadá, a Austrália é um país multicultural devido à imigração de povos europeus e asiáticos que compõem a sua população. A Austrália possui uma ampla política migratória com o objetivo de cobrir a falta de trabalhadores no país. Atualmente, o país dá preferência aos profissionais qualificados que são deficitários, tais como médicos, enfermeiros, engenheiros, entre outros. Para imigrar para a Austrália é preciso passar por um processo de seleção junto à embaixada do país, que inclui entrevistas e prova de inglês. No

momento atual de crise econômica, os países cujas sociedades se formaram a partir da imigração de povos provenientes de diversas partes, começam a recrudescer suas políticas migratórias, e a Austrália se inclui nesse rol. Por exemplo, as regras para pleitear um visto permanente estão sendo alteradas, e além de teste de inglês e demonstrações de respeito aos valores australianos, os candidatos devem ter residido no país ao menos quatro anos. O visto permanente é o objetivo daqueles que optam a abrir mão de seus países de origem e construir suas carreiras na Austrália. As vantagens são os acessos aos benefícios sociais que o governo oferece à população e o direito ao trabalho sem limitantes. Outra possibilidade é a imigração temporária para fins educacionais. O Brasil é um dos países que mais envia estudantes para a Austrália todos os anos. Para a solicitação de visto como estudantes os pretendentes devem estar matriculados em cursos com pelo menos 21 horas de duração semanal.

## Faça valer a pena

1. Leia o excerto de texto a seguir:

O efeito resultante do incremento das concentrações de CO<sub>2</sub> promovido pelas atividades do homem moderno (queima de combustíveis fósseis utilizados nas indústrias e nos veículos, atividades agrícolas, queimadas e desmatamento) tem gerado o que se convencionou chamar de aquecimento global (AG), fenômeno decorrente da intervenção humana nos processos que caracterizam o efeito estufa, que, este sim, é um processo natural. (MENDONÇA; DANNI-OLIVEIRA, 2007, p. 185-186)

Na Oceania, a principal e a mais urgente preocupação com relação ao aquecimento global é a

- A elevação do nível dos oceanos em função do derretimento das calotas polares e o desaparecimento de países.
- A intensificação e a maior frequência de eventos extremos como as tempestades tropicais, inundações, ondas de extremo calor.
- A elevação da temperatura do planeta e o aumento das áreas acometidas pelo processo de desertificação.
- A mudança da temperatura do planeta e a extinção de diversas espécies de plantas e animais, causando a redução da biodiversidade.

e) A elevação da temperatura do planeta e a conseqüente intensificação do fenômeno do El Niño.

**2.** O Brasil possui na Antártida a Estação Comandante Ferraz, a qual em 2012 foi parcialmente destruída por um grave incêndio. Cerca de 70% das instalações foram danificadas, dois militares morreram e ainda outras pessoas ficaram feridas. A suspeita é de que uma pane elétrica em um dos geradores de energia tenha levado ao incêndio. Como a casa de máquinas era ligada aos demais ambientes, o fogo se espalhou rapidamente pelo teto e danificou o alojamento, o refeitório, laboratórios e espaços de lazer. Assinale a alternativa que aponta o objetivo da construção da estação brasileira na Antártida.

a) A Estação é utilizada para fins turísticos e anualmente recebe dezenas de visitantes brasileiros no verão antártico (novembro-fevereiro). Os pacotes de viagens são bastante caros o que permite compensar os custos da Estação ao longo de todo o ano.

b) A Estação é utilizada para fins militares. Como o Brasil é signatário do Tratado Antártico, o país se comprometeu a construir uma base militar no continente e reproduz lá a princípio de ocupar para não perder.

c) A Estação é utilizada para fins científicos relacionados a estudos em biologia, ciências atmosféricas, oceanografia, entre outras áreas, e apesar de ser administrada pela marinha brasileira não tem finalidade militar.

d) A Estação é utilizada para fins militares-científicos relacionados a estudos com energia nuclear. Como é um continente isolado e inabitado, o Tratado Antártico aconselhou a Antártida como o local ideal para a realização dos testes.

e) A Estação é utilizada para fins políticos, mesmo sem recursos para melhorar setores básicos do país, o Brasil investe anualmente milhões de reais para manter uma base na Antártida a fim de se inserir nos tratados internacionais como membro consultivo.

**3.** Em 1985 diversas nações se reuniram em Viena, na Áustria, para discutir suas preocupações a respeito da possível redução na camada de ozônio. Anos mais tarde, o Protocolo de Montreal reforçou tais discussões. Sobre o Protocolo de Montreal, julgue as assertivas a seguir em (V) verdadeiras ou (F) falsas

( ) O Protocolo de Montreal, alvitado em 1987, propôs metas para a redução da produção de substâncias que destroem a camada de ozônio.

( ) O Protocolo de Montreal teve uma adesão baixíssima, visto que os países não aceitam abrir mão de sua soberania e decisões internas sobre o que produzir.

( ) O Protocolo de Montreal, a partir de sua entrada em vigor, teve efeitos imediatos na redução da destruição da camada de ozônio.

( ) O Protocolo de Montreal foi estabelecido com base no princípios das responsabilidades comuns, porém com diferentes metas para países centrais e periféricos.

Assinale a seguir a alternativa que apresenta a sequência correta:

a) V, F, V, F.

b) F, V, F, V.

c) V, F, F, V.

d) F, F, V, V.

e) V, V, F, F.

# Referências

ALVES, G. **Trabalho e mundialização do capital**: a nova degradação do trabalho na era da globalização. Londrina: Práxis, 1999.

BRASIL. **Decreto nº 75.963, de 11 de julho de 1975**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1970-1979/D75963.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D75963.htm)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

CARVALHO, J. A. M. de; BRITO, F. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. **Rev. bras. estud. Popul.**, v. 22, n. 2, p. 351-369, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/Ud6zrx>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

CIA - CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The world factbook**. 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FREITAS, M. E. de. Lições organizacionais vindas da Antártica. **Rev. Adm. Pública** [online], v. 46, n. 4, p. 915-937, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122012000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122012000400002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

GEORGE, S. Geography of micro-states: man arising issues. **Regional Science Inquiry Journal**, n. 1, pp.45-57, 2009. Disponível em: <[http://www.rsijournal.eu/ARTICLES/Journal\\_1/45-57.pdf](http://www.rsijournal.eu/ARTICLES/Journal_1/45-57.pdf)>. Acesso em: 5 jul. 2017.

GROTZINGER, J. **Para entender a Terra**. Porto Alegre: Bookmann, 2013. 738 p.

HAESBAERT, R. A (des) ordem mundial, os novos blocos de poder e o sentido da crise. **Terra Livre – AGB**, São Paulo, n. 9, p. 103-128, jul./dez. 1991. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/106/105>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

HOBSBAWN, E. A **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KIRCHHOFF, W., W. J. H.; LEME, N. P. **A camada de ozônio**. [s.d.]. Disponível em: <<http://prozonesp.cetesb.sp.gov.br/wp-content/uploads/sites/31/2014/02/acamadaozonio.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

LEITE, A. C. C. A industrialização de áreas agrícolas na China: uma consequência do recente desenvolvimento chinês. **Revista Soc. Bras. Economia Política**, São Paulo, n. 36, p. 91-116, out. 2013.

MAGNOLI, D. A história que a China conta. **Jornal Folha de São Paulo**, 19 ago. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2015/09/1683751-a-historia-que-a-china-conta.shtml>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Rapport sur le développement humain 2016**. Disponível em: <[http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016\\_FR\\_Overview\\_](http://hdr.undp.org/sites/default/files/HDR2016_FR_Overview_)

Web.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RIBEIRO, W. C. **A ordem ambiental internacional**. São Paulo: Contexto, 2010.

SENHORAS, E. M.; FERREIRA, R. de C. de O. A Guerra da Coreia vista após sessenta anos de Armistício (1953-2013). **Conjuntura Global**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 133-139, jul./set., 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/a8srGM>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SILVA, J. T. da. A Condição Internacional de Taiwan e a Abertura de Canais Diplomáticos Submersos como Janela de Oportunidade: o Caso do CSCAP. **Univ. Rel. Int.**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 163-179, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/BLofgA>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

SUKUP, V. A China frente à globalização. **Rev. bras. polít. int.** v. 45, n. 2, Brasília, jul./dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292002000200005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 19 out 2017.

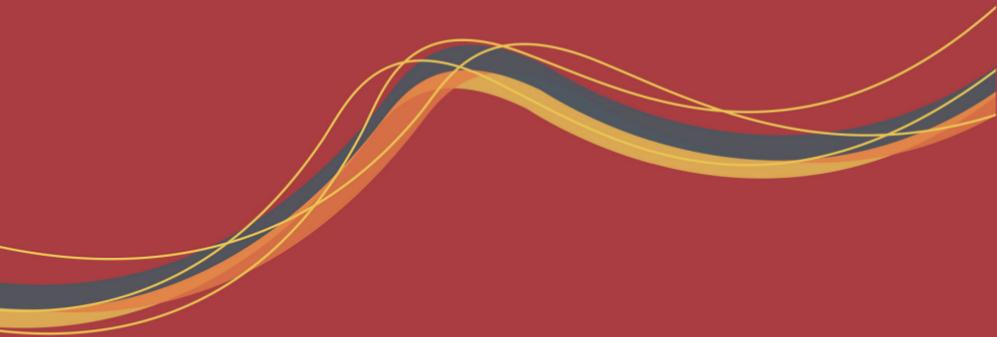
TASSINARI, C. C. G. Tectônica Global. In: TEXEIRA, W. (Org.). **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 2009. p. 97-112.

TEIXEIRA, W. **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

WALKER, R. Identidade e antropologia Maori na Nova Zelândia. **Mana** [on-line]. 1997, vol. 3, n. 1, p. 169-178. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131997000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 jul. 2017.







ISBN 978-85-522-0254-7



9 788552 202547 >